

Joanalira Corpes Magalhães

**Corpos transparentes, exames e outras tecnologias médicas:
a produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais**

Tese apresentada ao PPG em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Paula Regina Costa Ribeiro

Linha de Pesquisa:
Educação Científica: Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos

Rio Grande
2012

Dedico esta tese aos grandes amores de minha vida: meu marido Eduardo, minha filha Clara e meus pais, Pedro e Loeci.

AGRADECIMENTOS

*Palavras apenas
Palavras pequenas
Palavras, momento.*

(Trecho da música Palavras ao vento, de Cássia Eller)

Neste momento em que finalizo uma etapa de grande significado para mim, percebo que as palavras que escreverei aqui não conseguirão expressar o meu muito obrigada a todos e todas que, de diferentes maneiras, fizeram parte da construção desta tese.

Gostaria de agradecer a minha orientadora, Paula Ribeiro. Agradeço pelas múltiplas aprendizagens, carinho, incentivo e amizade. Sua paixão pela pesquisa neste campo do saber, bem como o exemplo de pessoa e pesquisadora são contagiantes e me interpelaram de forma avassaladora. Obrigada, minha grande amiga, pela leitura rigorosa, atenta e carinhosa, a qual foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Obrigada por tudo que fazes por mim. Não há palavras que possam agradecer de maneira suficiente.

Agradeço à professora e aos professores que compuseram a Banca de Qualificação e Banca de Defesa: Edvaldo Couto, Paula Henning, Márcio Caetano e Diogo Souza, pelas importantes contribuições que aprimoraram e me possibilitaram perceber outros caminhos para esta pesquisa.

Agradeço a minha filha, Clara, que encheu de luz, alegria, amor e energia minha vida. Com certeza, filhota, compartilhaste muitas leituras com tua mamãe.

Ao meu marido, Eduardo, amor e companheiro de todas as horas, agradeço pelas palavras de incentivo, pelo amor e carinho incondicionais.

Aos meus pais, Pedro e Loeci, por tudo o que fizeram e fazem por mim, pois sem a força e dedicação de vocês, não estaria vivendo este momento tão desejado.

A meus irmão e cunhada, Pedro e Emanuelle, agradeço o carinho e por vibrarem junto comigo a cada conquista.

À família GESE (Juliana, Deise, Ana, Teresa, Raquel, Benícia, Suzana, Dárcia, Aline, Márcio, Lavínia, Fabiane Teixeira, Fabiane Silva, Lucilaine, Joice, Caroline e Gabrielle) agradeço pelas discussões, aprendizagens, carinho e amizade.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, da FURG, pela possibilidade de produzir esta tese; e à CAPES, pelo apoio financeiro concedido durante um certo período do doutorado.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo analisar a rede de enunciados que vem produzindo e instituindo “verdades” sobre a homossexualidade. A pesquisa fundamenta-se a partir dos pressupostos teóricos de autores/as como Michel Foucault, Francisco Ortega, Bruno Latour, entre outros/as e ancora-se nos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas. Estamos entendendo a ciência, a produção de saberes, as identidades sexuais e a mídia como construções históricas, sociais e discursivas, permeadas de valores, significados e representações, engendradas a relações de poder-saber. Para produção dos dados que compõem o *corpus* de análise – artigos científicos e reportagens – utilizamos algumas ferramentas da revisão bibliográfica. Utilizamos, como fontes de pesquisa, a base de dados *Science Direct*, disponível na plataforma de Periódicos CAPES, e os *sites* das revistas nacionais *Veja*, *Época*, *Superinteressante* e *Galileu*. Na análise e discussão dos dados, utilizamos algumas ferramentas foucaultianas. Analisar os artigos científicos e as reportagens possibilitou-nos perceber a emergência de três enunciados: métodos que obedecem a critérios de cientificidade são utilizados para examinar o sujeito homossexual; a causa ou “origem” da homossexualidade encontra-se na matriz biológica de homens e mulheres; e os saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade devem ser ressignificados, veiculados e publicados em meios de comunicar e informar os sujeitos, tornando os/as homossexuais objetos de conhecimento para si e para os/as outros/as. Nas análises, verificamos o quanto os corpos dos sujeitos homossexuais tornam-se objetos em que atuam diferentes técnicas e tecnologias de investigação. Ao examinarmos essas formas de investigação dos corpos e vidas dos sujeitos, observamos a atuação de duas tecnologias: uma relacionada às técnicas de visualização médicas dos corpos; e a outra, relacionada às técnicas de exame, as quais tratam o/a homossexual como um objeto descritível, analisável e classificável, reduzindo-o/a a traços específicos. Ao discutirmos a rede de enunciações, verificamos que o objetivo desses estudos científicos sobre a homossexualidade era o de conhecer, examinar e visibilizar os corpos dos/as homossexuais na sua minúcia genética, anatômica, hormonal, fisiológica e cerebral, para assim produzir, organizar e documentar uma série de saberes das possíveis causas ou “origens” da homossexualidade. Esses estudos, ao pautar a construção de saberes no exame do corpo em sua minúcia, ao compará-lo a outros corpos e ao buscar “descobrir” nele uma origem biológica da homossexualidade, acabam por instituir e determinar o sujeito homossexual como aquele que foge ao desenvolvimento considerado normal na população. Esses saberes estão pautados na legitimidade do discurso científico e na autoridade dada às vozes autorizadas para sua produção: os/as cientistas. Esse processo de construção de conhecimentos científicos sobre a homossexualidade está engendrado a um sistema de registro, acumulação de dados e documentação. Os dados produzidos passam a compor relatórios, são publicados em periódicos de destaque na área científica e em outros meios de informar e comunicar, ou seja, a mídia, nesse caso, as revistas analisadas. Ao investigar os dados produzidos nesta tese, constatamos que os saberes construídos e divulgados sobre a sexualidade dos sujeitos homossexuais passam a constituir o discurso biológico acerca da homossexualidade, como uma estratégia de controle da população.

Palavras-chave: Ciência. Exame. Homossexualidade. Produção de Saberes. Pedagogias Culturais.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the network of statements that have been producing and founding "truths" over homosexuality. The research is based on theoretical assumptions from authors like Michel Foucault, Francisco Ortega, Bruno Latour, among others and it is anchored in the Cultural Studies, in its poststructuralist strands. We understand science, the production of knowledge, sexual identities and the media as historical, social and discursive constructions, permeated by values, meanings and representations, engendered to power-knowledge relations. In order to produce the data that constitutes the corpus of analysis - scientific articles and reports - we used some tools from the literature review. As research sources, we used the Science Direct database, available on CAPES Periodical platform, and websites of national magazines - *Veja*, *Época*, *Superinteressante* and *Galileu*. In data analysis and discussion we used some Foucauldian tools. Analyzing scientific articles and reports allowed us to notice the emergence of three statements: methods that obey criteria of scientificity are used to examine the homosexual subject; cause or "origin" of homosexuality is found in the biological matrix of men and women; and the scientific knowledge produced about homosexuality must be resignified, aired and published in means of communicating and informing subjects, making the homosexuals objects of knowledge to themselves and the others. In the analyzes we found how much the bodies of the homosexual subjects become objects in which different research techniques and technologies act. In examining such forms of investigation of the bodies and lives of the subjects, we observe the action of two technologies: one related to the techniques of medical imaging of bodies, and the other related to the examination techniques which treat the homosexual as a describable, analyzable and sortable object, reducing him/her into specific traits. When discussing the network of statements, we found that the goal of these scientific studies on homosexuality was to learn, examine and visualize the bodies of homosexuals in its genetic, anatomical, hormonal, physiological and brain detail, thus producing, organizing and documenting a series of knowledge of the possible causes or "origin" of homosexuality. These studies, by guiding the construction of knowledge in the examination of the body in its detail, by comparing it to other bodies and by seeking to "discover" in it a biological origin of homosexuality, eventually end up instituting and determining the homosexual subject as the one who escapes from the development considered normal by society. Such knowledge is guided by the authenticity of the scientific discourse and by the authority given to authoritative voices for their production: the scientists. This process of building scientific knowledge about homosexuality is engendered to a system of registration, collection of data and documentation. The data produced become to build reports and they are published in prominent scientific journals and in other means of informing and communicating, i.e. the media, in this case, the analyzed magazines. By investigating the data produced in this thesis, we found that the knowledge built and published about the sexuality of the homosexual subjects now constitute the biological discourse concerning homosexuality as a strategy of population control.

Keywords: Science. Examination. Homosexuality. Knowledge Production. Cultural Pedagogies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Gráfico que mostra dados relacionados ao perfil do/a leitor/a.....	58
Figura 2:	Gráfico que mostra dados relacionados à faixa etária dos/as leitores/leitoras.....	59
Figura 3:	Gráfico que mostra dados relacionados à classe econômica do/a leitor/a.....	59
Figura 4:	Gráfico que mostra dados relacionados às regiões brasileiras em que residem o/a leitor/a da revista.....	60
Figura 5:	Gráfico que mostra dados relacionados ao perfil do/a leitor/a da revista Veja.....	63
Figura 6:	Gráfico que mostra dados relacionados à faixa etária do/a leitor/a da revista Veja.....	63
Figura 7:	Gráfico que mostra dados relacionados à classe econômica do/a leitor/a da revista Veja.....	64
Figura 8:	Gráfico que mostra dados relacionados à região brasileira em que reside o/a leitor/a da revista Veja.....	64
Figura 9:	Infográfico com dados relacionados à audiência digital da revista Época.....	66
Figura 10:	Infográfico com dados relacionados à audiência da revista impressa Época.....	67
Figura 11:	Infográfico com dados relacionados ao potencial de consumo dos/as leitores/as da revista Época.....	68
Figura 12:	Infográfico com dados relacionados à audiência da revista e do <i>site</i> da Galileu.....	70
Figura 13:	Infográfico com dados relacionados ao perfil de consumo dos/as leitores/leitoras da revista Galileu.....	71
Figura 14:	Imagens de ressonância magnética que mostram as áreas ativadas no cérebro de homens e mulheres heterossexuais e homossexuais durante a realização dos experimentos.....	145
Figura 15:	Quadro que apresentava as comparações entre os cérebros de homossexuais e heterossexuais durante a pesquisa.....	145
Figura 16:	Escala para conferir os pontos obtidos após a realização do <i>quis</i> “Qual o	

sexo do seu cérebro?”.....	147
Figura 17: Imagem veiculada em um anúncio publicitário italiano, o qual visava combater a homofobia na Revista Galileu.....	149
Figura 18: Infográficos apresentados na Revista Galileu.....	150

LISTA DE SIGLAS

- AR – sigla utilizada para as proteínas receptoras de andrógenos
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- DES – *Diethylstilbestrol*
- DI – *developmental instability*
- OAEs – sigla utilizada para o teste *Oto-acoustic emissions*
- EPP – sigla utilizada para a escala *Eysenck Personality Profiler*
- EST – Sigla utilizada para o feromônio feminino estra-1,3,5(10),16-tetrae-3-nol relacionado ao hormônio estrógeno.
- EUA – Estados Unidos da América
- FA – Assimetria Flutuando
- fMRI – ressonância magnética funcional
- FURG – Universidade Federal do Rio Grande
- FV – fluência verbal
- GESE – Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola
- HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana
- HTML – *Hyper Text Markup Language*
- INAH – núcleo intersticial do hipotálamo
- JLO – sigla utilizada para o teste *Judgment of Line Orientation*
- KSOG – Klein Sexual Orientation Grid
- MRT – tarefa de rotação mental
- ONF – Ordem de Nascimento Fraternal
- P-FLAG – sigla utilizada para Associação de Pais e Amigos de Lésbicas e Gays
- RIA – técnica de radioimunoensaio
- SCN – núcleo supraquiasmático
- SDN-POA – núcleo sexualmente dimórfico na área pré-óptica
- SPSS – sigla utilizada para o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences*
- UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
- WLT – teste nível da água

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	13
1.1 SOBRE O FORMATO DA TESE.....	15
2 INTRODUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO: EXPLORANDO TERRITÓRIOS, TECENDO RELAÇÕES E OPERANDO CONCEITOS.....	23
4 METODOLOGIA: ABRINDO A CAIXA DE FERRAMENTAS.....	40
4.1 APRESENTANDO OS ARTIGOS CIENTÍFICOS ANALISADOS.....	43
4.2 APRESENTANDO AS REVISTAS ANALISADAS.....	56
4.3 APRESENTANDO AS FERRAMENTAS DE ANÁLISE.....	72
5 ARTIGOS: TECENDO ALGUMAS ANÁLISES.....	77
5.1 Para além de um corpo transparente: investigando os métodos e estratégias de esquadrinhar o sujeito homossexual.....	78
5.1.1 Resumo.....	78
5.1.2 Introdução.....	78
5.1.3 Tecendo entendimentos acerca dos corpos e das sexualidades.....	79
5.1.4 Sobre a produção dos dados e ferramentas de análise.....	84
5.1.5 Apresentado os métodos e estratégias para a produção dos saberes: corpos transparentes e exame.....	86
5.1.5.1 CORPOS TRANSPARENTES.....	86
5.1.5.1.A- RESSONÂNCIA MAGNÉTICA, TOMOGRAFIA E EXPERIMENTOS EM ESPÉCIES ANIMAIS.....	86
5.1.5.1.B- NECROPSIA.....	87
5.1.5.1.C- LATERALIDADE.....	88
5.1.5.1.D- HORMÔNIOS.....	88
5.1.5.1.E- MEDIDAS CORPORAIS.....	89
5.1.5.1.F- GENES.....	90
5.1.5.1.G- TESTE <i>PHALLOMETRIC</i>	90
5.1.5.2 EXAME.....	90
5.1.5.2.A- QUESTIONÁRIOS, DOCUMENTOS CLÍNICOS E LEGAIS, PENSAMENTOS E EXPERIÊNCIAS SEXUAIS.....	90
5.1.5.2.B- ESCALA KINSEY.....	91

5.1.5.2.C- PAPEL ERÓTICO.....	92
5.1.5.2.D- SEXO PSICOLÓGICO.....	92
5.1.5.2.E- GENEALOGIA DA FAMÍLIA.....	92
5.1.5.2.F- RECONHECIMENTO DA FACE.....	93
5.1.6 Tecendo algumas análises.....	93
5.1.7 Tecendo algumas considerações sobre a investigação dos sujeitos homossexuais.....	99
5.1.8 Referências.....	101
5.2 Corpos inteligíveis: a produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais.....	107
5.2.1 Resumo.....	107
5.2.2 Intelligible bodies: the production of knowledge over homosexual subjects....	107
5.2.3 Introdução.....	107
5.2.4 Apresentando alguns entendimentos e conceitos.....	108
5.2.5 Apresentando as ferramentas metodológicas e de análise.....	113
5.2.6 Descrever, medir, classificar e comparar: tecendo análises sobre a rede de enunciações.....	115
5.2.6.A - CORPO-HERANÇA.....	116
5.2.6.B - CORPO-ESTRUTURA.....	117
5.2.6.C - CORPO-MOLÉCULA.....	120
5.2.6.D - CORPO-CÉREBRO.....	121
5.2.7 Visibilizar e normalizar: tecendo algumas considerações.....	126
5.2.8 Referências.....	127
5.3 Pedagogias da sexualidade nas páginas de revistas: homossexualidade um enigma a ser desvelado pela ciência?.....	132
5.3.1 Resumo.....	132
5.3.2 Homosexuality, a puzzle to be revealed by science: analysis of media discourse.....	132
5.3.3 Abstract.....	132
5.3.4 Apresentando a pesquisa.....	133
5.3.5 Fundamentando conceitos e entendimentos.....	135
5.3.6 A produção de dados e as ferramentas de análise.....	138
5.3.6.1 Sobre as revistas.....	139
5.3.6.1.A - REVISTA SUPER INTERESSANTE.....	139

5.3.6.1.B - REVISTA ÉPOCA.....	140
5.3.6.1.C - REVISTA GALILEU.....	141
5.3.6.1.D - REVISTA VEJA.....	142
5.3.6.2 Sobre as ferramentas de análise.....	142
5.3.7 Descobertas, pistas, desafios, inovações: analisando as enunciações sobre a homossexualidade.....	144
5.3.7.1 - AS TÉCNICAS.....	144
5.3.7.2 - AS VOZES AUTORIZADAS.....	151
5.3.7.3 - A CIÊNCIA.....	154
5.3.7.4 - AS COMPROVAÇÕES.....	157
5.3.7.5 - A CULTURA.....	160
5.3.8 Tecendo algumas considerações.....	161
5.3.9 Referências.....	164
6 É CHEGADA A HORA DE UM PONTO FINAL: TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	168
7 TRILHANDO OUTROS CAMINHOS: PERSPECTIVAS, DESEJOS,.....	174
REFERÊNCIAS.....	176
ANEXOS.....	187
ANEXO A - ARTIGOS CIENTÍFICOS ANALISADOS.....	188

1 APRESENTAÇÃO

A escrita da tese terá como objetivos analisar a rede de enunciados que vem produzindo e instituindo “verdades” sobre a homossexualidade. Para tanto, serão analisados artigos científicos publicados no banco de dados da *Science Direct* e revistas de ampla divulgação nacional (Superinteressante, Veja, Época e Galileu). No processo de análise desses artefatos – artigos científicos e revistas – foram realizados três principais movimentos de pesquisa, os quais se encontram presentes em cada artigo que constitui o capítulo de análises desta tese. Assim, primeiramente, focamos nossos olhares na investigação dos métodos e estratégias empregadas nos artigos científicos, a fim de analisar os diversos modos e mecanismos criados para classificar, esquadrihar, medir e comparar os sujeitos quanto a sua identidade sexual. No segundo movimento, investigamos esses mesmos artigos científicos, tendo como foco de análise a rede de saberes produzida – através desses mecanismos criados para investigação dos corpos dos sujeitos homossexuais – sobre as possíveis causas ou “origens” da homossexualidade. E, no terceiro movimento de análise, buscamos investigar, nas reportagens das revistas, a veiculação dos saberes científicos produzidos, visando discutir de que forma a mídia vem produzindo a homossexualidade e os sujeitos homossexuais.

Estamos cientes que os artigos científicos e as reportagens das revistas tratam, num primeiro olhar, de *corpus* de análise distintos, pois são destinados a públicos diferentes, apresentam linguagens e estratégias de divulgação diferentes, seus propósitos são distintos, entre outras especificidades que cada artefato possui. Contudo, o que buscamos mostrar nesta tese é que eles estão imbricados. Este olhar sobre esses tipos de artefatos começou a ser construído durante a produção da dissertação de mestrado¹ em que analisamos revistas de divulgação científica e programas de televisão. Nesta pesquisa, percebemos que eram divulgados estudos realizados em universidades e centros de pesquisa renomados; quem aparecia eram pesquisadores/as reconhecidos/as nas áreas das neurociências e os estudos originais eram publicados em periódicos de destaque na área científica.

¹ “**Por que os homens nunca ouvem e as mulheres não sabem estacionar?** Analisando a rede de discursos das neurociências quanto às questões de gênero em alguns artefatos culturais”. Disponível no endereço

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15947/000693986.pdf?sequence=1>.

Assim, nosso desejo foi de ampliar o olhar e fazer o movimento de, primeiro, investigar, nos artigos publicados em periódicos internacionais, como a homossexualidade emerge no século XX e passa a ser estudada e, no segundo momento, olhar como esses estudos eram apresentados e como os jornalistas se apropriavam do saber produzido para veiculá-los nas revistas.

Para apresentar esses movimentos de pesquisa, a presente tese encontra-se organizada da seguinte forma:

No primeiro capítulo, apresentamos a trajetória percorrida até o objeto de pesquisa e sua construção, bem como quais serão os objetivos deste trabalho.

No segundo, apresentamos os territórios visitados e os referenciais teóricos que fundamentarão a tese, discutindo os entendimentos relacionados aos saberes, às verdades e ao discurso, bem como aqueles ligados aos corpos, às sexualidades e às pedagogias culturais, entre outros.

No capítulo seguinte, serão discutidas as estratégias metodológicas e as ferramentas de análise empregadas para construção dos dados, bem como serão apresentados os dados produzidos.

No quarto capítulo, apresentamos os três artigos que configuram as análises tecidas na produção da tese:

O primeiro artigo, intitulado “Para além de um corpo transparente: investigando os métodos e estratégias de esquadrihar o sujeito homossexual”, teve como objetivos investigar, nos diversos campos de saber, os métodos e estratégias utilizadas para analisar como os sujeitos são classificados como homossexuais, bem como discutir como alguns dos mecanismos criados, ao longo do tempo, possibilitaram olhar para os corpos e, assim, construir “verdades” e significados sobre as formas de definir tais sujeitos. Para tanto, foram analisados artigos disponíveis no banco de dados *Science Direct*, através de algumas ferramentas da análise do discurso. Ao examinarmos as formas de investigação dos sujeitos, observamos a atuação de duas tecnologias: uma relacionada às técnicas de visualização médicas dos corpos e a outra relacionada às técnicas de exame, as quais transformam os indivíduos em peças de um dispositivo estratégico, o qual permite uma série de utilizações, ou seja, construção de saberes, produção de arquivos e dados, “classificação” dos sujeitos, entre outras.

O segundo artigo, intitulado “Corpos inteligíveis: a produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais”, teve como objetivo investigar a rede de saberes produzida

acerca da homossexualidade. Para tanto, foram analisados artigos disponíveis no banco de dados *Science Direct*, através de algumas ferramentas foucaultianas sobre análise do discurso. Nos estudos analisados, verificamos que, ao pautar a construção de saberes no exame do corpo em sua minúcia, ao compará-lo a outros corpos e ao buscar “descobrir” nele uma origem biológica da homossexualidade, os mesmos acabam por instituir e determinar o sujeito homossexual como aquele que desvia, que foge ao desenvolvimento considerado normal na população.

O terceiro artigo, “Pedagogias da sexualidade nas páginas de revistas: homossexualidade um enigma a ser desvelado pela ciência?”, teve como objetivo investigar a veiculação dos saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade, visando discutir de que forma tais saberes vêm sendo apresentados e incorporados ao discurso midiático. Para tanto, foram analisadas algumas reportagens publicadas nas revistas *Superinteressante*, *Veja*, *Época* e *Galileu* – através de algumas ferramentas foucaultianas da análise do discurso. Nas análises, percebemos que as revistas utilizam uma série de estratégias para divulgação dos saberes científicos produzidos acerca da homossexualidade. Além disto, discutimos o quanto os saberes científicos, (re)produzidos e veiculados nas revistas, ao serem acessados pelos sujeitos nesses meios de comunicação, acabam por interpelar e ensinar modos de definir e compreender a homossexualidade.

No quinto capítulo, apresentamos algumas considerações produzidas ao percorrer os caminhos desta investigação.

Por fim, são tecidas algumas perspectivas e desejos ao finalizar esta etapa da pesquisa.

1.1 SOBRE O FORMATO DA TESE

Conforme citado anteriormente, o corpo da tese estará organizado em sete capítulos, sendo o quarto composto por artigos, através dos quais, apresentamos os resultados produzidos por meio das estratégias metodológicas utilizadas. Portanto, estando ciente da escolha deste formato de tese e das possíveis sobreposições e repetições nas discussões, buscamos minimizá-las ao máximo, selecionando artigos cujas abordagens diferenciam-se entre si. Sendo assim, esta forma de apresentação proporciona a divulgação em eventos e em revistas, permitindo que um maior número

de pessoas possa ter acesso aos resultados deste estudo, possibilitando talvez outros modos de olhar, entender e significar como a homossexualidade é inventada pelos discursos científicos produzidos pelos diversos campos do saber e vinculados em alguns artefatos culturais. Além disto, esta tese estará disponível para aqueles/as que tiverem interesse no repositório da Universidade Federal do Rio Grande – FURG (<http://repositorio.furg.br:8080/jspui/>), na página do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciência: química da vida e da saúde, da FURG (<http://www.ppgeducacaociencias.furg.br/>) e no banco de dados de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>).

2 INTRODUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Observar, dissecar e diagnosticar os corpos dos sujeitos é uma prática que despertou e ainda desperta o interesse da sociedade. Produzir verdades sobre os sujeitos, a partir dos saberes construídos sobre seus corpos, emerge no cenário dos diferentes campos de saberes como formas legítimas de produção do conhecimento.

Em nossa cultura, essa relação entre conhecer o interior do corpo e conhecer a si mesmo/a coexiste a bastante tempo. Nos séculos XVI e XVII, chamados séculos viscerais, a dissecação dos corpos seria fundamental para a produção dos conhecimentos, entendendo-se que o interior do corpo está envolvido na produção da interioridade mental e espiritual. Para Ortega (2008), esse período é marcado pela relevante ruptura epistemológica da qual Vesálio é um dos principais responsáveis. A publicação de seu livro, em 1543, *De humani corporis fabrica*, marca o nascimento da chamada anatomia científica moderna. Com isso, a produção de verdades sobre o corpo não passa mais pela palavra contida nos textos – já que antes de Vesálio a dissecação era um recurso pedagógico utilizado para auxiliar no aprendizado do texto anatômico – mas, sim, pela produção de imagens desse corpo. Assim, conforme Ortega,

em termos fenomenológicos, a redução da experiência do corpo subjetivo ao corpo objetivo, mensurável, quantificável e fragmentado, que desde a revolução vesaliana acompanha a história das práticas anatômicas e das tecnologias de visualização, corresponde a uma relação com o corpo como ‘algo que se tem’ e não como ‘algo que se é’. (2008, p. 104)

Nesse sentido, a tradição anatômica e a história da visualização médica do corpo evidenciam um retrocesso da experiência subjetiva desse corpo, o qual encontra seu modelo ideal no corpo-máquina ou no corpo-cadáver, dissociado do eu pensante, conforme ressalta esse autor (ORTEGA, 2008).

A medicina ocidental, historicamente, detinha um interesse pelo interior dos corpos. Conforme aponta Foucault (2006), a fundamental rachadura na história dessa ciência ocorreu no final do século XVIII, quando o olhar médico precisava ir da doença para a profundidade dos tecidos. Dessa forma, as tecnologias visuais inventadas foram adotadas pelas demais ciências, o que possibilitou reconfigurar o corpo tanto em termos médicos quanto na cultura em geral. Para Chazan, essa relação

entre o pensamento clínico e as patologias que acometem o corpo vivo contribui para a construção de um campo favorável ao desenvolvimento de tecnologias que permitam observá-lo de forma cada vez mais acurada e penetrante, ampliando as possibilidades de controle sobre os corpos vivos. (2003, p. 199)

No século XIX, o que vemos é a metáfora anatômica presente na fisiognomia e frenologia. Para ambas, existia a crença de que na superfície do corpo, especialmente na cabeça e no rosto, estavam presentes os signos externos do caráter interior, instigando a observar o exterior para alcançar o interior. De acordo com Laqueur (2001), acreditava-se que, por meio de uma análise cuidadosa do formato da cabeça e de outros traços, poderiam ser avaliados trinta e sete componentes do caráter humano, para cada indivíduo. O corpo aqui é reduzido a alguns fragmentos dissociados de seus contextos (ORTEGA, 2008).

No final daquele século, a invenção dos raios-X, por Roentgen, em 1895, contribui de forma acentuada para novas configurações, tanto do olhar como de conceitos sobre os corpos (CHAZAN, 2003). Os raios-X aparecem na sociedade vitoriana da intimidade e da sentimentalidade, ou seja, os indivíduos protegiam sua interioridade emocional e moral da visibilidade de todos/as. As imagens produzidas pelo aparelho funcionaram, na época, ao mesmo tempo como ícones, fetiches e artefatos de saúde, vida, sexualidade e – mais significativamente – de morte, ou seja, o interior do corpo transforma-se em algo público, a imagem radiográfica do corpo vivo é um ícone da morte, pois mostra o esqueleto (representação da morte) e desvendar esse interior é tido como altamente erotizado.

Conforme destaca Ortega, nessa cultura

de demarcações claras e precisas entre interior e exterior, essência e aparência, visível e invisível, público e privado, as imagens de raios-X contribuíram para apagar distinções sociais e morais, e a própria ideia de privacidade e intimidade começou a mudar. (2006, p. 92)

Rapidamente, essa mudança na percepção introduzida pelas imagens de raios X começa a ser aceita e foi o campo estritamente médico o ambiente favorável para receber a nova tecnologia naquela época.

No século XX, em suas últimas décadas principalmente, foram diversas as tecnologias médicas de imagem inventadas. A tomografia computadorizada, a ressonância magnética e os PET-scanners, as tecnologias digitais utilizadas na

medicina, dão a ideia de que, para se obter uma imagem mais fidedigna ou natural do corpo, os dados precisam passar por um algoritmo computacional notavelmente complexo. Contudo, a imagem dita mais real do corpo é também, simultaneamente, mais artificial (CHAZAN, 2003).

O que podemos observar é que, na atualidade, as modernas tecnologias de imageamento do corpo têm popularizado e difundido as imagens de fragmentos destacados do corpo e dissociados do organismo ao qual pertencem, continuando uma tendência iniciada nas imagens fisiognômicas e frenológicas do século XIX (ORTEGA, 2008). As tecnologias de imagem médica, como a ressonância magnética, por exemplo, contribuem ainda mais para tornar esse corpo objetificado e fragmentado. Mais do que as experiências vividas, as imagens do corpo falam e definem os sujeitos que somos.

Nesta direção, ao examinarmos alguns pontos dessa história, das técnicas e procedimentos construídos ao longo do tempo para possibilitar a visualização e a produção de conhecimentos sobre o corpo, percebemos que, desde as dissecações até as novas tecnologias, a imagem do corpo fornecida é a “de um corpo fragmentado, objetivado, e desmaterializado: recortado do ambiente. É o corpo-objeto da tradição anatomofisiológica, sem opacidade, nem subjetividade” (ORTEGA, 2008, p. 148).

Revisitar alguns desses acontecimentos acerca das diferentes formas de olhar para a materialidade biológica dos sujeitos, possibilita-nos pensar que as imagens decorrentes das técnicas de visualização, mais do que falar e descrever esse corpo, elas o produzem e produzem os sujeitos. Neste sentido, vão sendo construídas verdades sobre os sujeitos a partir dos discursos produzidos sobre seu cérebro, seus genes, seus hormônios, ou seja, sobre cada componente que constitui sua materialidade biológica.

Além disso, elencar estes acontecimentos possibilita-nos (re)pensar algumas questões relacionadas aos discursos científicos e a produção de verdades sobre os sujeitos, ao longo do tempo: O que torna o corpo a matriz de origem de produção de verdade? Que corpo é este que está sendo observado, medido e narrado? De que forma o discurso científico ganha este caráter de produtor de verdade sobre o mundo e sobre os sujeitos? Os corpos de quais sujeitos são interessantes de serem investigados? Que outras técnicas de investigação são empregadas nos estudos atuais? De que forma são divulgados os saberes produzidos? Estas inquietações não surgem ao acaso. São perguntas que permeiam a trajetória de construção do objeto que nos propomos a investigar nesta tese.

Conforme Sandra Corazza, não se descobre um problema de pesquisa. Ele se constitui e está engendrado ao “desassossego em face das verdades tramadas, e onde nos tramaram” (1996, p. 119). E nesse processo de construção, é preciso que, para além dos dados empíricos, nossas experiências de pensamentos, as teorias que nos interpelam, bem como as trajetórias percorridas estejam articuladas ao desejo de colocar em funcionamento outras formas de olhar, pensar, analisar e significar o que é dito como verdade, seja ela científica, filosófica ou de outra ordem.

Nesta direção, desestabilizar, questionar, (re)pensar, (re)construir e mobilizar são alguns dos movimentos que possibilitaram construir aquilo que seria o problema de pesquisa. Pensar nas teorias que me interpelam² e em minhas experiências e trajetórias me faz perceber, que cheguei a meu problema de pesquisa, primeiramente, por minha inserção no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE/FURG), no ano de 2006. Integrar este Grupo aproximou-me de algumas leituras e autores/as dos Estudos Culturais e de Gênero, nas suas vertentes pós-estruturalistas, bem como com algumas leituras do filósofo Michel Foucault. A partir dessas leituras e discussões proporcionadas, fui me sentindo cada vez mais desestabilizada, incomodada e desconfiada daquelas histórias da natureza, dos seres vivos e dos seres humanos, anteriormente tomadas como verdades (devido à minha formação na Graduação – Ciências Biológicas), e que passaram a ser por mim questionadas.

Por esse viés teórico, durante o mestrado – no qual investigava a rede de discursos das neurociências em alguns artefatos culturais (revistas de divulgação científica e programas de televisão) quanto à constituição das identidades de gênero – pude perceber o quanto esse campo do saber tem o interesse de explicar biologicamente a homossexualidade. Nestes estudos das neurociências, a heterossexualidade é concebida como a regra normal para o relacionamento entre os indivíduos, conforme exemplos abaixo:

[...] a preferência sexual é determinada biologicamente e ainda no útero – o que faz da homossexualidade uma variação, já que a maioria da população é heterossexual (HERCULANO-HOUZEL, 2007, p. 38).

² Em alguns momentos desta tese minha escrita será na primeira pessoa do singular e em outros na terceira pessoa do plural, pois entendo que em alguns momentos faço referência a minha trajetória e em outros escrevo sobre essa construção coletiva orientanda/orientadora/grupo de pesquisa.

[...] *homens e mulheres que gostam de mulheres respondem ao feromônio feminino EST; já as mulheres e os homens que se sentem atraídos por homens têm o hipotálamo sensível ao feromônio masculino* (HERCULANO-HOUZEL, 2007, p. 40).

Esse interesse em se comprovar cientificamente uma origem biológica das identidades sexuais, principalmente a homossexualidade, possibilitou-me perceber uma das possíveis respostas de uma inquietação, ou seja, o quanto os corpos dos sujeitos homossexuais “despertam” no campo das neurociências o desejo de produzir saberes que justifiquem este “comportamento sexual”, considerado socialmente como fora da zona de normalização.

Ingresso no doutorado com esse propósito de pesquisa, investigar os discursos neurocientíficos acerca da homossexualidade. Contudo, ao me deparar com os dados empíricos, percebi que não era somente o campo das neurociências que produziam saberes sobre os sujeitos homossexuais e ampliei meu foco de análise para a rede de discursos produzidos por diferentes campos do saber.

Diante destas considerações sobre a construção do objeto de pesquisa, percebo que sua produção deu-se em meio a desestabilizações teóricas e pessoais e questionamentos acerca das “formações produzidas em condições históricas determinadas, dentro de certos regimes, relações e luta de poder, saber, verdade” (CORAZZA, 1996, p. 117), que nos impulsionaram a olhar para os corpos dos sujeitos, produzindo verdades e “classificando-os” como homossexuais, heterossexuais e bissexuais.

Assim, a partir das discussões tecidas defendemos a tese de que os enunciados que compõe o discurso biológico sobre a homossexualidade atuam nos processos de objetivação e subjetivação do sujeito homossexual. Ao me posicionar como pesquisadora nesta prática de investigação e engajada na produção de uma outra política das verdades (FOUCAULT, 2007), tenho como objetivo geral, desta tese, investigar a rede de enunciados que vem produzindo e instituindo “verdades” sobre o que é ser homossexual. Para tanto, iremos analisar os artigos científicos publicados no banco de dados da *Science Direct* e revistas de ampla divulgação nacional (Superinteressante, Veja, Época e Galileu). Na análise destes artefatos visamos investigar os métodos e estratégias empregadas para examinar, esquadrinhar, classificar e comparar os corpos dos sujeitos homossexuais, a fim de discutir os saberes produzidos, bem como

investigar de que forma a mídia vêm produzindo esses sujeitos, ao veicular os saberes científicos na construção de suas enunciações sobre a homossexualidade.

A seguir, apresentamos o referencial teórico que fundamentará esta pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO: EXPLORANDO TERRITÓRIOS, TECENDO RELAÇÕES E OPERANDO CONCEITOS³

A nosso modo e com nossos limites, temos o dever de nos apropriar – pela via do estudo – dos territórios e teóricos e com eles estabelecer interlocuções, ao mesmo tempo em que vamos reelaborando as teorias. Tais movimentos implicam em pôr os conceitos a funcionar, estabelecendo ligações possíveis entre eles, encaixando aqueles que têm serventia para o problema [...] e nos desfazendo daqueles que são inúteis. (CORAZZA, 1996, p. 120)

Com o intuito de explorar territórios, estabelecer diálogos, tecer fios numa rede de relações, (re)significar teorias e fazer funcionar os conceitos, iniciamos a escrita do referencial teórico que guiará nossos olhares de pesquisadora e fundamentará nossos escritos.

Tendo como proposta, nesta tese, investigar como diferentes campos do saber atuam na produção dos sujeitos homossexuais, bem como analisar como essa rede de discursos produz e institui “verdades” sobre o que é ser homossexual, cabe discutir, neste capítulo, alguns entendimentos e conceitos relacionados aos saberes, às verdades e ao discurso, bem como aqueles ligados aos corpos, às sexualidades e às pedagogias culturais, entre outros.

Iniciamos esta discussão buscando entender de que forma foi se constituindo esse processo de produção de saberes sobre os sujeitos. De acordo com Foucault (1999), a ciência não existia antes do século XIX; o que existiam eram ciências, saberes. Foi neste século que ocorreu o disciplinamento dos saberes através de quatro operações⁴: seleção, normalização, hierarquização e centralização. Nesse movimento histórico de constituição da ciência, o autor procura evidenciar que as técnicas disciplinares de poder que, primeiramente, incidiam sobre os corpos dos sujeitos provocaram, além de um acúmulo de saber, uma discriminação dos saberes possíveis. Conforme Veiga-Neto (2007), o que se nota no poder disciplinar é que ele atua no eixo do corpo – ensinando aos sujeitos formas de estar e se sentir na sociedade e, no eixo dos saberes, atuando na produção de maneiras de conhecer o mundo e nele se posicionar.

³ Devido ao formato desta tese, cujo capítulo de análises é composto por artigos, alguns conceitos – como, por exemplo, o entendimento de homossexualidade, de verdade, entre outros – serão melhor discutidos ao longo dos artigos. Neste sentido, tais conceitos não foram aqui explorados, buscando minimizar ao máximo as possíveis sobreposições e repetições nas discussões.

⁴ Para saber mais sobre essas quatro operações, vide Foucault (1999, p. 215-218).

Nessa história dos saberes, Foucault (2006a, p. 16) interpreta essa mudança dos saberes como “aparicação de formas novas na vontade de verdade”. Assim, as ciências podem ser entendidas como essas formas de vontade de verdade. Cabe destacar que a vontade de verdade, por esse viés, não é compreendida no sentido de “amor à verdade”. De acordo com Veiga-Neto (2007, p. 103), a vontade de verdade é entendida como a procura “de dominação que cada um empreende, marcando e sinalizando discursos por sistemas de exclusão”. Esses sistemas, dessa forma, acabam por definir o que pode e o que não pode ser dito, o pensável e o impensável e, dentro disso, distingue o que é verdadeiro do que não é.

Para Foucault (2007), cada sociedade apresenta seu “regime de verdade”, ou seja, os tipos de discurso que admite e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instâncias que separam os enunciados verdadeiros dos falsos, as diferentes técnicas e os procedimentos valorizados para se obter a verdade e o estatuto dos que têm, como função, ditar o que funciona como verdade. Na sociedade ocidental, a “verdade” encontra-se centrada na forma do discurso produzido pelas ciências e nas instituições que o (re)produzem, sendo, assim, difundida e consumida de diversas maneiras. Além disso, “é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação)” (Ibid., p. 13).

Assim, a verdade está ligada a sistemas de poder, os quais a produz e apoia; e, também, encontra-se relacionada a efeitos de poder que ela induz e que a reproduz. Para Foucault (2007), os indivíduos são submetidos pelo poder para produzir a verdade, bem como só podem exercê-lo através dessa produção. Para tanto, os sujeitos devem passar por determinados rituais, procedimentos, métodos e estratégias para construção de verdades. Dessa forma, passamos a entender que os conhecimentos não são descobertos em um determinado momento, devido a determinadas circunstância, mas, sim, são produzidos, inventados e essa produção encontra-se engendrada a relações de poder-saber.

Conforme Foucault (2007), saber e poder estão implicados, na medida em que o autor considera que não exista uma relação de poder sem que se constitua um campo de saber, assim como todo o saber constitui novas relações de poder. Neste sentido, o poder é produtivo e, para que ele se exerça por mecanismos sutis, faz-se necessário formar, organizar e circular um saber (FONSECA, 2003). O poder, para Foucault,

funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (2007, p. 183).

Por esse viés, estamos admitindo o saber como algo provisório e a existência simultânea de diversas e distintas “verdades”, que operam e se articulam em campos de poder-saber, aceitando as “verdades” com as quais operamos como construídas sócio-culturalmente. (MEYER; SOARES, 2005)

Nesse processo de produção de saberes, além da criação de um método adequado, alguns espaços foram sendo reconhecidos como próprios e autorizados, como, por exemplo, no caso das Ciências, os laboratórios de pesquisa. Bruno Latour aponta o quanto o laboratório, nos estudos experimentais, foi se tornando local adequado para “a observação de um fenômeno produzido artificialmente em um lugar fechado e protegido” (2005, p. 23), garantindo-se, dessa forma, a produção de “verdades”. Para esse autor, os “fatos são feitos” e, nesse processo, socialmente, passamos a considerar que somente conhecemos a natureza dos fatos porque os mesmos são elaborados em circunstâncias “perfeitamente” controladas. Contudo, para controlar, observar, falar e atuar nesse espaço do laboratório, um grupo constitui-se como autorizado, ou seja, os cientistas. (HENNING, 2011)

As universidades, as sociedades científicas, o ensino canônico, as escolas, os laboratórios, o jogo das especializações, o jogo das qualificações profissionais, tudo isso é uma maneira de organizar, a propósito de uma verdade, posta pelas ciências como universal, a raridade dos que podem ter acesso a ela. (FOUCAULT, 2006b)

Essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistemas de livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades dos sábios outrora, os laboratórios hoje. (FOUCAULT, 2006a, p. 17)

Além disso, a vontade de verdade também é orientada pela forma como o saber é aplicado, valorizado, disseminado e atribuído na sociedade (FOUCAULT, 2006a). Assim, estamos entendendo o saber como estratégia articulada ao poder, que não o impede e sim o produz.

Ao pensar na história de produção de saberes sobre os corpos, Veiga-Neto (2007) destaca que, para Michel Foucault, as forças, as quais ele nomeou de poder, atuam sobre aquilo que os sujeitos têm de mais concreto e material, ou seja, seus corpos.

Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. (FOUCAULT, 2007, p. 148-149)

Nessa história de produção de saberes, os corpos dos sujeitos foram progressivamente sendo “desvelados”. Primeiramente, foi a observação da pele, depois as demais camadas, chegando às vísceras, aos músculos e aos ossos. Com as experiências na área da anatomia, os séculos XIX e XX “são dominados pela teoria celular na biologia e pela patologia celular na medicina. [...] a ciência decifra o código genético, e o século XXI entra [...] nas biotecnologias” (NOVAES, 2003, p. 8). A tradição anatomofisiológica veio a produzir um corpo-objeto, fragmentado, descontextualizado, sem subjetividade, sendo reconstruído a partir do modelo produzido pela medicina, pelas ciências, pela mídia, ou seja, um corpo objetivado, sem a dimensão subjetiva, “o corpo como algo que temos e não algo que somos” (ORTEGA, 2008, p. 148).

Mas que corpo é esse que está sendo investigado, narrado e “revelado”? Trata-se somente de um dado biológico ou de uma construção discursiva? Nesta direção, estamos entendendo o corpo não apenas na sua materialidade biológica, mas articulado aos discursos que o interpelam e o produzem. O corpo como um híbrido, entre o biológico e o cultural. Para Foucault, o corpo é

superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca, as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. (2007. p. 22)

Portanto, o corpo não é um dado natural e universal. Trata-se de uma construção, vulnerável as intervenções científicas e tecnológicas de cada sociedade, as quais produzem sobre os corpos saberes e discursos. Para Goellner, o corpo também é produzido pela linguagem, ou seja, “a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades”. (2007, p. 29)

Hoje, os corpos estão engendrados a estratégias tecnocientíficas que os constituem e os regulam de diferentes maneiras, obedecendo a normas socialmente construídas. De acordo com Couto,

o que a tecnociência propaga é que é necessário conhecer cada detalhe da informação contida nas moléculas para prever e frear seu possível desenvolvimento. Isto significa que as medidas de prevenção e a administração dos riscos exigem corpos tecnicamente flexíveis e recicláveis. (2007, p. 185)

Assim, as práticas científicas transformaram o corpo humano em objeto de conhecimento e acabaram por produzir saberes, ou seja, categorias, modos de classificação, conceitos e teorias, no caso deste estudo, sobre os sujeitos homossexuais. Além disso, produzem “os procedimentos disciplinares que imprimem ‘conteúdos’ nos corpos, fabricando-os e integrando-os a um sistema de estratégias que regula o modo de viver das pessoas” (SOUZA, 2007, p. 25).

Com isso, não estamos afirmando ou admitindo que esses conhecimentos não são válidos, mas sim buscamos problematizar de que forma eles são tomados como verdadeiros e acabam por enquadrar e posicionar os sujeitos, tendo como base sua materialidade biológica. Além disso, entender os corpos por esse viés, não se trata de uma negação à materialidade biológica dos mesmos, mas possibilita problematizar essa materialidade engendrada a práticas culturais e discursivas que nos ensinam os sentidos que passamos a atribuir aos corpos, aos sujeitos e a nós mesmos/as.

Assim, estamos operando com a concepção de sujeito construído na cultura, ou seja, perceber os sujeitos e as práticas discursivas como efeitos de poder e saber, sendo produzidos nas diferentes instituições que os organizam. Para Foucault (2009, p. 185), o indivíduo “é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama ‘disciplina’”. Por esse viés, a disciplina, sendo um dispositivo que, através de um conjunto de métodos, produz e instituiu os discursos verdadeiros e demarca o que e como ver os objetos, trata-se de uma técnica de poder que toma os indivíduos, simultaneamente, como objetos e como instrumentos de seu exercício.

Com o objetivo de produzir saberes e verdades sobre os sujeitos, estes devem passar por uma série de técnicas e procedimentos. Ao longo do tempo, diversas pesquisas foram sendo produzidas, fundamentando na biologia dos corpos a construção de conhecimentos acerca das condutas e comportamentos de homens e mulheres. Os primeiros entendimentos sobre os corpos desses sujeitos pautavam-se na ideia de um

corpo isomórfico, sendo a mulher um “homem invertido”; assim, seus órgãos genitais recebiam a mesma nomenclatura que os genitais masculinos (LAQUEUR, 2001). Foi nos séculos XVIII e XIX, que essa leitura sobre os corpos passou a ser baseada na total diferenciação entre os corpos sexuados, o chamado dimorfismo sexual. Conforme destaca Bento, a linguagem científica

torna-se uma das mais refinadas tecnologias de produção de corpos-sexuados, à medida que realiza o ato de nomear, de batizar, de dar vida, como se estivesse realizando uma tarefa descritiva, neutra, naturalizando-se. (2006, p. 116)

Os séculos XVIII e XIX foram marcados pela disseminação de discursos científicos que visavam comprovar que os comportamentos das diversas ordens, mas, principalmente os sexuais, tinham uma origem na biologia dos corpos. Os discursos produzidos sobre os “comportamentos sexuais” causaram uma espécie de busca pelo sexo “verdadeiro” e, assim, a correção de “anomalias” existentes, ou seja, a ciência passa a determinar e corrigir a sexualidade dos sujeitos, através de um exame detalhado de seu corpo (FOUCAULT, 2007a; BENTO, 2006).

De acordo com Bento (Ibid., p. 111), “o olhar do especialista com suas técnicas de escuta, classificação e registro, substitui o padre, o juiz ou os tribunais populares”. Green (2000), destaca que os/as profissionais médicos e da área do direito constituíram-se como os sujeitos autorizados e que possuíam a melhor maneira de definir, compreender e tratar os chamados desvios sexuais.

Assim, na sociedade ocidental, foi se constituindo, no século XIX, uma *scientia sexualis*, em que as técnicas de confissão começaram a compor a formação regular do discurso científico. Conforme Foucault (2007a, p. 66), para produzir verdade sobre o sexo, existe uma série de procedimentos que se ordenam, “em função de uma forma de poder-saber [...] que é a confissão”.

Nesse momento, os prazeres mais singulares eram solicitados a sustentar um discurso de verdade sobre si mesmo, discurso que deveria articular-se não mais àquele que fala do pecado e da salvação, da morte e da eternidade, mas ao que fala do corpo e da vida o – o discurso da ciência (2007a, p. 73).

Nesse processo, essa vontade de saber sobre o sexo fez funcionar as técnicas da confissão nos procedimentos da regularidade científica. A sexualidade passa a ser entendida como algo a ser interpretado e, para isso, é necessário fazer os sujeitos

falaram sobre seus desejos, suas condutas, seus pensamentos e prazeres. Há o que Foucault chamou de “uma codificação clínica do ‘fazer falar’” (Ibid., p. 74), a qual combina a confissão com as estratégias de exame.

O princípio do sexo “causa de tudo e de nada” é o inverso teórico de uma exigência técnica: fazer funcionar numa prática de tipo científica, os procedimentos de uma confissão que, ao mesmo tempo, deveria ser total, meticulosa e constante. Os perigos ilimitados que o sexo traz consigo justificam o caráter exaustivo da inquirição a que é submetido. (FOUCAULT, 2007a, p. 75)

Diante desses apontamentos, cabe salientar que estamos entendendo sexo como um termo descritivo para as características anatômicas internas e externas que diferenciam homens e mulheres. Embora essas distinções anatômicas sejam geralmente dadas no nascimento, os significados que damos a elas são históricos e culturais. Ao falarmos sobre sexualidade, não estamos entendendo-a como um dado da natureza ou como um domínio misterioso que o saber tenta desvelar, mas sim como um construto histórico, como um dispositivo histórico

à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de poder e de saber. (FOUCAULT, 2007a, p. 116-117)

Por esse viés, os significados que atribuímos à sexualidade vão sendo produzidos socialmente, a partir de diferentes significados que objetivam afirmar o que o sexo é, deve ser e o que pode ser.

Os discursos produzidos pelas ciências, em sua maioria, marcados pelo caráter essencialista, visam explicar “as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior”, reduzindo a “complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 2007, p. 43).

Nesse processo de construção de conhecimentos sobre a sexualidade dos sujeitos, percebemos que a heterossexualidade passa a ser denominada como inata, natural, sendo a homossexualidade, concebida como um “comportamento” que foge à regra natural, ou seja, anormal e, por isso, sua “origem” necessita ser desvelada. Assim,

foram sendo inventadas, ao longo do tempo, diferentes teses e explicações sobre a homossexualidade.

Uma das primeiras teorias científicas sobre essa identidade sexual surge na metade do século XIX, em que se apontava que o homossexual possuía uma alma feminina em um corpo masculino, uma espécie de hermafroditismo da alma. Assim, houve um deslocamento da prática da sodomia e a homossexualidade aparece como uma das figuras da sexualidade. (FOUCAUL, 2007)

Nesse mesmo século, em 1870, o alemão Carl Westphal divulga um texto médico, “As sensações Sexuais Contrárias” no qual define a homossexualidade como um desvio sexual. A partir desse texto, teóricos e estudiosos passam a investigar na anatomia, nos corpos e no histórico familiar e de vida de homens e mulheres o que pode ter provocado essa anomalia. (SOUZA FILHO, 2009)

Durante o século XX, duas modalidades destacaram-se no processo de investigação da homossexualidade. A primeira emerge no início desse século e estava representada pelos higienistas e alienistas. Estes centravam suas explicações na hereditariedade. A segunda emerge no final do século XX e fundamenta suas explicações na procura de genes, regiões cerebrais, hormônios e feromônios, entre outras estruturas e componentes da biologia dos sujeitos a causa desse desvio sexual. Esses saberes produzidos passam a nomear a homossexualidade como desvio, doença e anomalia.

Representada como algo patológico, da ordem psicológica, psiquiátrica e médica, a homossexualidade passa a ser combatida como doença, crime e vício, por um século (SOUZA FILHO, 2009). Foi recentemente, mais precisamente em 1973, que a Associação dos Psiquiatras Americanos passou a não mais considerar a homossexualidade como problema mental e a retirou da lista das doenças mentais. Contudo, a Organização Mundial da Saúde excluiu a homossexualidade da lista de doenças apenas em 1991.

No Brasil, o Conselho Federal de Medicina passou a não mais considerar a homossexualidade como doença no ano de 1985. O Conselho Federal de Psicologia e outras entidades da área, em 1999, com a resolução 001, determinou normas aos/as psicólogos/as estabelecendo que estes/as profissionais não poderiam trabalhar com propostas de tratamento e de cura da mesma.

Contudo, percebemos que os sujeitos homossexuais e seus corpos não deixaram de ser vistos como algo que deve ser investigado, visto que não correspondem à norma heterossexual, estabelecida socialmente como natural.

Assim, os discursos produzidos acerca dos corpos e das sexualidades possibilitaram que se modele o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal. Neste sentido, ao longo do tempo, foram sendo criadas novas estratégias explicativas, que reiteram muitas das teses do determinismo biológico clássico. Esses discursos sugerem que, em certo momento do desenvolvimento dos indivíduos, ocorra o estabelecimento da identidade sexual⁵. No entanto, não é possível fixar um momento que possa ser tomado como aquele em que as identidades sexuais sejam estabelecidas. As identidades estão sempre se construindo; elas são instáveis e passíveis de transformação. Cabe, então, salientar que entendemos as identidades sexuais como as diferentes maneiras de viver os prazeres e desejos corporais, não sendo tomadas como essências ou inatas aos sujeitos, mas sim como construídas social e historicamente.

Relacionados à produção de verdades sobre o sexo, a partir do século XVIII, conforme Foucault (2007a), surgem quatro conjuntos estratégicos, os quais desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder acerca do sexo: histerização do corpo da mulher, pedagogização do sexo das crianças, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso. Estas estratégias produziram as quatro figuras que, ao longo do século XIX, foram submetidas à observação e ao controle social: a mulher histérica, a criança masturbadora, o controle de natalidade e o pervertido, especialmente o homossexual. Tais mecanismos tratam a sexualidade desses sujeitos como problemas de patologia individual.

Nessa direção, a medicina da perversão e os programas de eugenia, conforme coloca o autor (FOUCAULT, 2007a), foram, na segunda metade do século XIX, as duas grandes invenções na tecnologia do sexo. A teoria da “degenerescência” possibilitava explicar de que forma a hereditariedade, repleta de doenças diversas, acabava por produzir um perverso sexual.

⁵ Neste estudo, estamos entendendo a hetero, homo e bissexualidade como identidades sexuais e não como orientação sexual, comportamento sexual, entre outros termos utilizados para nomear tais formas de viver os prazeres e desejos corporais. Neste sentido, ao longo do texto, quando utilizarmos a expressão orientação sexual, a colocá-la-emos entre aspas, no sentido de marcar que essa é a nomenclatura utilizada nos artigos e reportagens analisadas para nomear a hetero, homo e bissexualidade.

Faz-se uma busca na genealogia de um exibicionista ou de um homossexual e se encontrará um ancestral hemiplégico, um genitor tísico, de modo que uma perversão sexual induza um esgotamento da descendência [...]. O conjunto perversão-hereditariedade-degenerescência constitui o núcleo sólido das novas tecnologias do sexo. (Ibid., p. 130)

A tecnologia do sexo começa a se ordenar a partir do problema da vida e da doença, ao redor da medicina e da exigência de normalidade. Nesse processo, a redefinição da norma está ligada à definição do que constitui a anormalidade (WEEKS, 2007).

O que observamos é que, no final do século XIX, a discussão dos termos heterossexual e homossexual aponta para um esforço de redefinir a norma. Conforme aponta Jonathan Katz (1996, p. 23-24), os termos homossexual e heterossexual, nos anos de 1980, eram entendidos como “modos historicamente específicos de dominar, pensar sobre, avaliar e organizar socialmente os sexos e seus prazeres”.

Os termos homossexual e homossexualidade passam a ser empregados com o intuito de denominar os sujeitos e as práticas sexuais que fogem ao padrão social esperado. Neste processo, estabelece-se, conseqüentemente, um modo de nomear aquele que seria o sujeito e a prática sexual normal, ou seja, o heterossexual e a heterossexualidade.

Conforme Guacira Louro (2009), estes dois elementos do par binário heterossexual/homossexual apresentam uma relação de dependência, um supõe ao outro. A autora problematiza que embora tenhamos a primazia da heterossexualidade em nossa sociedade, o que se observa ao longo da história é que ela passa a ser nomeada como a sexualidade de referência após a invenção da homossexualidade.

O termo *heterossexual* fornece uma prova concreta de mudanças surpreendentes na ideia e no ideal heterossexual – nos modos como o sexo e o amor têm sido compreendidos e avaliados. E como, desde o final do século XIX, o heterossexual e o homossexual têm estado intimamente ligados na dialética, refiro-me ao mesmo tempo à história da homossexualidade. (KATZ, 1996, p. 24 [grifos do autor])

Por esse viés, estamos entendendo o quanto através da linguagem pensamentos, ideias e sentimentos são representados em uma cultura, buscando problematizar o quanto a invenção destes termos – homossexual e heterossexual – foram sendo (re)construídos, (re)significados e representados em nossa sociedade. Com isso, não estamos afirmando que a heterossexualidade e a homossexualidade não existiam antes

do século XIX, mas, sim, o que procuramos problematizar é o modo como a atividade sexual foi sendo definida e concebida ao longo do tempo, ou seja, a heterossexualidade como a normal e a homossexualidade como anormal.

Contudo, para que se mantenha essa posição hierarquizada há um investimento continuado e repetitivo. Diversas são as estratégias, métodos e táticas para garantir o *status* de naturalidade para heterossexualidade. Essa identidade sexual passa a ser construída socialmente como norma, ao passo que outras formas de perceber e viver os prazeres e desejos passam a ser nomeadas e tratadas como práticas desviantes, caracterizando os sujeitos homossexuais como anormais, como aqueles que fogem ao alinhamento sexo-gênero-sexualidade socialmente esperado. Essa produção e reinteração da norma heterossexual, conforme Guacira Louro (2009) é o que denominamos de heteronormatividade. Carvalho, Andrade e Junqueira, apontam que a heteronormatividade trata-se de um

conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidores da heterossexualidade como a única forma legítima e natural de expressão identitária e sexual, que faz com que a homossexualidade, a transgeneridade e as práticas sexuais não reprodutivas sejam vistas como desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado. (2009, p. 20-21)

Esse conceito faz emergir as normas sociais, institucionais e culturais que ratificam a normativa heterossexual. Assim, através de processos normativos e normalizadores os sujeitos e suas identidades vão sendo produzidas a fim de que estes atendam a norma socialmente esperada para o alinhamento sexo-gênero-sexualidade.

Nesse processo heteronormativo, os saberes produzidos sobre a sexualidade dos sujeitos entrou na ordem do discurso como uma estratégia de controle da população, pois a “sexualidade está na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação” (FOUCAULT, 1999, p. 300). Assim, a norma articula estratégias disciplinares que atuam sobre o corpo e estratégias de regulação, que atuam sobre a população.

A norma não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio, [...] é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado. [...] A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está ligada a uma técnica positiva de

intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo (FOUCAULT, 2001, p. 62).

Conforme Canguilhem, normativo se entende por qualquer “juízo que aprecie ou qualifique um fato em relação a uma norma, mas essa forma de juízo está subordinada, no fundo, àquele que institui as normas” (2010, p. 86). Além disso, sob a norma está abrigado tanto o normal quanto o anormal, pois a exceção é um caso da regra, ou seja, ela está contida na regra. O guarda-chuva normativo é o mesmo para todos os sujeitos (VEIGA-NETO, 2007). Canguilhem (2010) aponta que, nesse conceito de norma, entende-se que o normal e o anormal estabelecem uma relação de inversão e polaridade e não uma relação de contradição e exterioridade.

A partir desses entendimentos, vamos nos propor a operar, neste estudo, com um conceito que nomeamos de normativa corpo-confissão, pois os saberes produzidos, pelos diferentes campos de saber, investigados aqui, ao esquadrihar e medir os corpos dos sujeitos homossexuais e, ao mesmo tempo, fazê-los falar de suas experiências, desejos e prazeres, produzem uma rede discursiva que, assim como a norma, individualiza e permite comparações entre os sujeitos – classificando-os, nomeando-os e explicando-os, tomando sempre como referência o corpo heterossexual – e, nesse processo, os remetem ao conjunto, à população em geral. Ao fazer esse processo, essa normativa denomina de anormal aquele “cuja diferença em relação à maioria se convencionou ser excessivo, insuportável” (VEIGA-NETO, 2007, p. 75). Essa diferença passa a ser considerada um desvio, que foge da curva da normalidade em uma população e, por isso, deve ter sua origem investigada, descoberta, revelada, para que possam ser justificadas essas outras formas de viver e perceber os corpos e seus prazeres.

Olhar, investigar, adentrar, tornar visíveis os corpos dos sujeitos são algumas das técnicas empregadas para a produção de saberes sobre a homossexualidade. Conforme Chazan (2003), estamos em uma sociedade cercada por imagens técnicas de todas as ordens, sendo que a visualidade, desde o final do século XIX, começou a ocupar lugar importante na relação do sujeito com o mundo. Essas imagens, produzidas a partir dos corpos, tanto exercem quanto são instrumentos de poder.

O corpo moderno é um corpo valorizado, foco e fonte do prazer de olhar. O prazer em olhar e em ser visto é constantemente alimentado

por novas tecnologias visuais. Todos olham para todos e, expandindo-se este olhar, devassa-se também o interior dos corpos (Ibid., p. 207).

Por esse viés, a autora provoca-nos a pensar sobre este cenário atual numa metáfora ao panóptico⁶ proposto por Michel Foucault, ou seja, esse olho que, por sua invisibilidade, vigia constantemente. Assim, as tecnologias de visualização construídas, sejam médicas ou não, se constituem como um dos meios em que o poder atua sobre o gerenciamento da vida. Essa outra tecnologia de poder, a qual não exclui ou substitui o poder disciplinar, mas o integra e utiliza-se dele para implementar-se, trata-se de um poder que se aplica sobre a vida dos indivíduos, o qual Foucault nomeou de biopoder.

Depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante [...] que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. Depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma “biopolítica” da espécie humana (1999, p. 289).

Essa biopolítica dirige-se à população, implantando mecanismos “de previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais” (FOUCAULT, 1999, p. 293). Nesse processo, as imagens e saberes produzidos acerca dos corpos dos sujeitos atuam classificando e estabelecendo normas e padrões sobre o que é ser heterossexual e homossexual, bem como reafirmam-se como produtoras de verdades. A visualidade e veiculação dessas produções acabam exercendo uma função constitutiva e normativa e a mídia contribui significativamente (CHAZAN, 2003).

A veiculação e incorporação das imagens e dos discursos científicos produzidos acerca dos corpos e das sexualidades dos sujeitos na construção do discurso midiático despertam o interesse e tornam os indivíduos objetos de conhecimento para si e para os outros. Nesse processo, os saberes produzidos e publicados em veículos de divulgação científica, como, por exemplo, os artigos analisados nesta pesquisa – disponíveis no banco de dados *Science Direct* –, ao serem acessados pelos sujeitos em outros meios de comunicação interpelam e ensinam modos de definir e compreender a homossexualidade, neste caso.

⁶ Para Foucault, “o panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça” (2009, p. 194).

Nas análises desses artigos científicos procuramos discutir o quanto os corpos dos/as homossexuais são examinados, esmiuçados e descritos a fim de se produzir saberes acerca desses sujeitos. Neste processo, discutimos os métodos e estratégias empregadas nos artigos científicos para classificação e determinação das identidades sexuais de homens e mulheres, bem como investigamos a rede de saberes produzida sobre a possível causa e/ou “origem” da homossexualidade. Assim, estes estudos, constroem seus saberes no exame do corpo em sua minúcia, comparando-o a outros corpos e visando “descobrir” nele uma origem biológica da homossexualidade.

Esses movimentos de pesquisa nos possibilitaram perceber que os estudos discutidos nesses artigos científicos foram apresentados em algumas revistas de ampla divulgação, provocando-nos algumas inquietações: Como essas revistas se apropriaram desses saberes tecnocientíficos? Como elas ressignificam esses saberes e os divulgam para um público leigo? Que intencionalidades pedagógicas essas revistas apresentam sobre a homossexualidade para esse público?

A mídia, entendida como um espaço educativo, ao veicular os saberes produzidos pela ciência promove, de certa forma, a divulgação científica. Nesse processo de educação científica, há uma espécie de transposição daqueles saberes produzidos e divulgados em determinados meios de divulgação da Ciência – periódicos e revistas científicas especializadas, como por exemplo, *Nature*, *Science*, *Hormones and Behavior*, *Behavioral Neuroscience*, entre outros – os quais são destinados e acessados por um público específico (pesquisadores/as, comunidade científica, universidades, etc.) para outras redes tecnológicas de comunicação (mídia impressa, ondas de rádios e televisão, computadores, etc.) acessadas e destinadas a um público geral.

Na mediação de discursos, ocorre o cambiante movimento de significados e saberes de um texto científico para o texto midiático, da linguagem científica para outro tipo de linguagem. Assim, ao entender a mídia como mediadora e (re)produtora desses discursos estamos a tomando como um desses espaços sociais que nos educam, possibilitando-nos problematizar o quanto torna-se relevante estarmos atentos/as a essa propagação de ideias, significados, conhecimentos, valores e representações, no sentido de discuti-las nos tempos e espaços escolares, promovendo aprendizagens do mundo e sobre o mundo (MELO; TOSTA, 2008).

Nesta direção, estamos entendendo revistas, propagandas, filmes, entre outros, como artefatos culturais, ou seja, como produções culturais permeadas de valores,

representações, saberes e significados de um dado tempo e de uma determinada sociedade. Assumimos esse entendimento a partir do campo teórico dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas.

Os estudos culturais interdisciplinares, pois, recorrem a uma gama díspar de campos a fim de teorizar a complexidade e as contradições dos múltiplos efeitos de uma ampla variedade de formas mídia/cultura/comunicação em nossa vida e demonstram como essas produções servem de instrumentos de dominação, mas também oferecem recursos para a resistência e a mudança. (KELLNER, 2001, p. 43)

De acordo com Ripoll e Wortmann, esse campo teórico nos possibilita problematizar as visões e entendimentos de mundo e de sujeito na sociedade contemporânea, bem como apontam para a relevância que os meios de comunicar e informar, tais como: televisão, revistas, *internet*, jornais, entre outros, possuem “na produção/reprodução de formas bastante usuais de pensar o mundo e os sujeitos que nele habitam na contemporaneidade” (2012, p. 47).

Na perspectiva desse campo teórico, investigar os artefatos culturais – neste caso as revistas *Veja*, *Época*, *Superinteressante* e *Galileu* – possibilita-nos problematizar as representações⁷ sociais reproduzidas nelas, buscando mostrá-las como invenções, bem como evidenciar os processos pelos quais se tornaram “naturalizadas” (SILVA, 2004).

Filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo o que ocultam. Dizem também de nossos corpos e, por vezes, de forma tão sutil que nem mesmo percebemos o quanto somos capturadas/os e produzidos/as pelo que lá se diz. (GOELLNER, 2007, p. 29)

Assim, esses artefatos contêm pedagogias culturais que nos ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados sociais. De acordo com Steinberg (1997), o termo pedagogia cultural refere-se à ideia de que são muitos os espaços, além da escola, que nos educam, que veiculam conhecimentos.

Através de suas diferentes formas de comunicar, conforme coloca Tony Hara (2012), essas pedagogias acabam por “instalar os ideais da massa em nosso corpo”, ou

⁷ As representações, na perspectiva dos Estudos Culturais – nas vertentes pós-estruturalistas – não espelham a realidade, ou seja, o mundo “real” tal como ele é em sua “essência”. Representação, neste contexto, é entendida como um modo de produzir significados na cultura através da linguagem (SILVA, 2003).

seja, o que ocorre é um adestramento dos sujeitos de maneira permanente e contínua, solicitando-nos a todo instante a participar, acessar, interagir, avaliar os outros e a nós mesmos/as.

A veiculação de conhecimentos científicos em revistas de ampla circulação em nosso país, por exemplo, é uma das formas que, em nossa sociedade, esses saberes da ciência são postos em funcionamento, acessam e são acessados pelos sujeitos e regulam suas condutas. Essas revistas, ao incorporarem em seus discursos algumas enunciações científicas, colocam em funcionamento a engrenagem saber, poder e corpo. Esses artefatos constroem formas de ver e perceber os corpos, os sujeitos e suas marcas biológicas. Neste sentido, estamos entendendo que a mídia impressa analisada não apenas apresenta estudos sobre a homossexualidade, mas, ao falar deles, atua também como “produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica” (FISCHER, 1997, p. 61).

Através de múltiplas linguagens – palavras, imagens, sons, objetos, *hiperlinks*, etc. – e estratégias a mídia produz modos de viver, definir e entender, neste caso, a homossexualidade. Assim, a mídia seleciona quem pode falar, o que pode ser dito, como deve ser dito e o que é verdadeiro. Ela põe em “funcionamento uma operação de poder que atinge inúmeras pessoas, tendo em vista o poder de circulação de seus discursos” (HENNING, GARRÉ, HENNING, 2012).

Essas pedagogias culturais não podem ser tomadas como neutras, pois produzem e ensinam saberes, condutas e identidades. Ao falar sobre os corpos de homens e mulheres, neste caso, homossexuais, as revistas analisadas acabam instituindo maneiras de perceber, classificar, identificar, esquadrihar, detalhar e entender esses sujeitos.

Conforme aponta Douglas Kellner (2012), a cultura da mídia não aborda apenas os grandes momentos da vida comum, as “descobertas” e achados científicos, mas acaba por moldar o pensamento, o comportamento e as identidades. Ao problematizarmos as enunciações sobre a homossexualidade reproduzidas nas revistas analisadas nesta tese, visamos evidenciar o quanto a mídia participa de maneira efetiva na constituição dos sujeitos e subjetividades. Isso ocorre na medida em que essas pedagogias produzem significados, representações e saberes que acabam por educar os sujeitos, ensinando modos de ser, estar e perceber o mundo, a si e aos outros.

De acordo com Fischer, podemos discutir o “dispositivo pedagógico da mídia” o que

significa tratar de um processo concreto de comunicação (de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos), em que a análise contempla não só questões de linguagem, de estratégias de construção de produtos culturais (no caso aqui referido, de programas televisivos), apoiada em teorias mais diretamente dirigidas à compreensão dos processos de comunicação e informação, mas sobretudo questões que se relacionam ao poder e a formas de subjetivação. (2002, p. 155)

É essa compreensão que nos provocou a atentar para a pedagogia exercida pela mídia nessas revistas de ampla circulação nacional, ao veicularem saberes científicos produzidos acerca das possíveis “causas” e explicações da homossexualidade. Investigamos essas revistas não para mapear o que vem sendo dito sobre os corpos e as sexualidades dos sujeitos, mas com intuito de problematizar o modo como essas pedagogias culturais constroem discursivamente significados que atuam no estabelecimento das subjetividades e das configurações sociais, bem como nas maneiras de perceber os corpos, as sexualidades, os sujeitos e nós mesmos/as. Assim, essa rede de enunciações de ordem científica que é veiculada nessa mídia e acessada pelos sujeitos instaura e determina explicações e justificativas para a ocorrência da homossexualidade na população, dando uma visibilidade a esses sujeitos, no sentido de trazê-los para a norma.

A partir desses territórios e interlocuções teóricas vamos pautar nossas análises e discussões sobre o material empírico deste trabalho, artigos científicos e revistas, entendendo-os como textos articulados às diversas práticas culturais. Assim, não iremos procurar os sentidos escondidos ou decifrar o que se queria dizer com essa ou aquela enunciação. Nossa proposta é perceber sua materialidade, o que foi dito em determinado espaço, tempo e sociedade.

Nesta direção, vamos apresentar as estratégias metodológicas e as ferramentas de análise empregadas nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA: ABRINDO A CAIXA DE FERRAMENTAS

O processo metodológico é o de alquimia mesmo, resultando daí, uma bricolagem diferenciada, estratégica e subvertedora das misturas homogêneas típicas da Modernidade (CORAZZA, 1996, p. 121).

Neste processo de bricolagem, ancoradas nos pressupostos dos Estudos Culturais, que não fixam um único modo de se fazer pesquisa, construímos o *corpus* de análise, utilizando algumas ferramentas disponibilizadas para se fazer uma revisão bibliográfica e a análise dos discursos. A palavra “utilizar” não foi mencionada no sentido utilitarista do termo, mas sim no sentido de tratarmos “os conhecimentos como ferramentas que, colocadas na caixa de teorias [...] estão disponíveis para quem souber e puder usá-los” (CORAZZA, 1996, p. 121).

Para a busca dos artigos científicos e reportagens publicadas, utilizamos algumas ferramentas da revisão bibliográfica. Para tanto, utilizamos como fontes de pesquisa a base de dados *Science Direct*⁸, disponível na plataforma de Periódicos Capes – para a busca dos artigos científicos publicados em periódicos – e os *sites* das revistas nacionais mencionadas anteriormente, os quais disponibilizavam *on-line* as edições anteriores.

Foram selecionados, para análises, os artigos e reportagens que contemplassem algum dos seguintes critérios:

- ✓ São estudos ou reportagens que têm como propósito explicar as possíveis causas da homossexualidade, através dos saberes científicos produzidos.
- ✓ Discutem os métodos e estratégias empregados para “classificação” dos sujeitos quanto a sua identidade sexual.
- ✓ Determinam modos de ser homossexual.
- ✓ Foram publicados nos anos de 1995 a 2010, para os artigos científicos, e 1995 a 2011 (até setembro), para as revistas.

Justificamos nossa escolha por este período de tempo (1995 a 2010 para os artigos e 1995 a 2011 para as revistas), pois, conforme apontam Rahman e Wilson (2010), é a partir de 1995 que há uma produção mais significativa de dados e estudos adicionais, relacionados às identidades sexuais no interior da comunidade científica.

⁸ Esse banco de periódicos pode ser acessado através do site www.periodicos.capes.gov.br.

Estabelecidos os critérios de seleção, realizamos a pesquisa na base de dados e nos *sites* das revistas. A fim de apresentar este processo de produção dos dados, mostraremos, num primeiro momento, a busca na base *Science Direct* e, no segundo momento, a pesquisa realizada nas revistas.

A. Base de dados *Science Direct*

Para seleção dos artigos científicos, dos diferentes campos de saber (Psicologia, Biologia, Medicina, Neurociência, entre outras), realizou-se consulta no banco de dados *Science Direct*. Essa busca ocorreu durante o mês de dezembro de 2010. Para tanto, utilizou-se a palavra-chave *homosexuality*. Neste primeiro momento, obtivemos um total de 6.395 trabalhos. Destes: 6.006 eram referentes a artigos publicados em revistas; 479 eram livros; e 156 eram trabalhos referenciados em outros estudos. Neste estudo, vamos analisar aqueles artigos publicados nos periódicos.

A fim de restringir os resultados, optamos por utilizar os filtros para a pesquisa, disponibilizados pelo próprio banco de dados, sendo eles: *sex difference* (23 artigos); *sex orientation* (48 artigos); e *brain res* (74 artigos). Desses, optamos por analisar os artigos publicados entre os anos de 1995 a 2010. Além disto, somente foram analisados aqueles artigos que contemplavam as categorias de seleção mencionadas anteriormente, ou seja, que estavam relacionados à produção de saberes e aos modos de “classificar” os sujeitos homossexuais – alguns dos artigos eram sobre discussões de outros estudos realizados para investigar essa identidade sexual, não mencionando a metodologia utilizada, outros não tinham como foco o estudo da homossexualidade e alguns artigos apareciam em mais de um filtro de pesquisa.

Com este recorte, vamos analisar, nesta pesquisa, um total de vinte e dois (22) artigos científicos. Tais artigos foram produzidos por pesquisadores e pesquisadoras de universidades dos seguintes países: Espanha, Holanda, Canadá, Reino Unido, Rússia e Estados Unidos. Nessas universidades, esses/as pesquisadores/as atuam nos Departamentos, Grupos de Estudos ou Institutos de: Neurociência, Psicologia (a maioria dos artigos são produzidos neste campo de saber), Medicina, Histologia e Embriologia, Psiquiatria, Ciência da Saúde, Ciências Biomédicas, Sociologia, Biologia Evolutiva, Patologia, Ciências Sociais e Estudos em Educação.

B. Pesquisa nos *sites* das Revistas

Para coleta das reportagens, as revistas escolhidas foram Superinteressante, Veja, Época e Galileu. Tais revistas foram selecionadas pela sua ampla circulação nacional e pelo número de tiragens vendidas. Além disso, as mesmas tinham disponíveis em seus *sites* arquivos digitais de suas edições anteriores o que possibilitou, de forma mais eficiente, a busca das reportagens. Na seção “Apresentando as revistas analisadas”, explicitaremos estes e outros dados que justificam a escolha dessas revistas.

Além disso, essas revistas destinam alguma de suas sessões para divulgação de estudos e pesquisas científicas, foco de análise deste trabalho.

A busca das reportagens ocorreu durante o mês de setembro de 2011 e para refiná-la, optamos por reportagens que datem do ano de 1995 a 2011 (até o mês de setembro).

A palavra-chave utilizada para busca foi homossexualidade. Analisaremos, nesta pesquisa, somente as reportagens que discutam as produções científicas relacionadas a explicações sobre a ocorrência da homossexualidade na população, conforme critérios anteriormente citados.

Na busca realizada nos *sites* das revistas, no espaço que contém o acervo digital das edições anteriores das mesmas, ao colocar a palavra-chave homossexualidade, obtivemos um total de 736 resultados – 453 da Revista Superinteressante, 177 da Revista Veja, 69 da Revista Época e 37 da Revista Galileu. Nesta primeira pesquisa, observamos que, deste total, muitas reportagens apareciam no resultado da busca mais de uma vez (com versões para impressão, versão HTML, entre outras) sendo, então, descartadas as repetições. Além disso, algumas reportagens tratavam dessas temáticas através de discussões que mencionavam estudos realizados somente em animais que não homens e mulheres, matérias sobre os direitos e as políticas relacionadas à homossexualidade, aspectos como homofobia e discriminação, questões históricas e sociais associadas à religião católica, à representação dos homossexuais na mídia, entre outras matérias que não contemplavam os critérios de seleção estabelecidos nesta pesquisa, sendo também descartadas para análise.

Desta forma, ficamos com um total de 12 reportagens a serem analisadas. Deste número, quatro reportagens estavam publicadas na Revista Superinteressante e encontravam-se na seção Quanta Ignorância!. Na Revista Veja, foram selecionadas três

reportagens, as quais estavam publicadas nas seções Genética e Ciência. Para análise, selecionamos três reportagens da Revista Época, publicados na seção Ciência e Tecnologia. Quanto à Revista Galileu, foram selecionados duas reportagens, publicadas nas seções Biologia e Exclusivo on-line.

A partir destes critérios de pesquisa, apresento os artigos e reportagens que compõem o *corpus* de análise desta investigação.

4.1 APRESENTANDO OS ARTIGOS CIENTÍFICOS ANALISADOS

Para conhecer os artigos⁹, apresento uma breve descrição de cada estudo analisado neste trabalho (os artigos completos encontram-se no Anexo A).

Os artigos “Sexual differentiation of the human hypothalamus in relation to gender and sexual orientation” (SWAAB; HOFMAN, 2010), “Born gay? The psychobiology of human sexual orientation” (RAHMAN; WILSON, 2010), “Structural and Functional Sex Differences in the Human Hypothalamus” (SWAAB et al., 2010), “Sexual differentiation of the brain and behavior” (SWAAB, 2010), “Fluctuating asymmetry, second to fourth finger length ratios and human sexual orientation” (RAHMAN, 2010), “The Interstitial Nuclei of the Human Anterior Hypothalamus: An Investigation of Variation with Sex, Sexual Orientation, and HIV Status” (BYNE et al., 2010) e “Voltammetric and microdialysis monitoring of brain monoamine neurotransmitter release during sociosexual interactions” (MAS; FUMERO; GONZILEZ-MORA, 2010) apontam que a determinação da heterossexualidade e da homossexualidade estaria relacionada aos efeitos hormonais, os quais causariam diferenciação sexual no desenvolvimento do cérebro. Assim, focalizam essa “origem” nas regiões cerebrais e nos níveis hormonais. Para esses estudos, ocorreria uma alteração estrutural e fisiológica do cérebro. Para tanto, são observados e estudados os núcleos intersticiais do hipotálamo humano (INAH1-4), bem como alguns artigos mostram análises que relacionam neurotransmissores e “comportamento sexual”.

Para realização destes estudos, observamos que os mesmos utilizam-se de sujeitos heterossexuais e sujeitos homossexuais, tomando o grupo heterossexual como controle, referência. Além disto, são realizadas também comparações dos resultados produzidos em experimentos realizados com animais (ratos, porcos domésticos,

⁹ Os excertos dos artigos analisados que apresentaremos ao longo da tese são de tradução nossa.

ovelhas), relacionando-os com o “comportamento sexual humano”. As investigações têm como base a visualização de regiões do hipotálamo de animais e humanos – observação do núcleo sexualmente dimórfico na área pré-óptica (SDN-POA) no hipotálamo de ratos e humanos, também nomeado de núcleo intersticial do hipotálamo anterior (existindo quatro grupos de neurônios no INAH, que são: INAH 1, INAH 2, INAH 3 e INAH 4), análise do desenvolvimento intrauterino, estudos das diferenças existentes no núcleo supraquiasmático (SCN) (região do hipotálamo que recebe informações sobre luz e escuridão, ou seja, o “relógio” do cérebro).

Na observação dessas regiões cerebrais, alguns estudos apresentam, como forma de investigação e análise, as imagens de ressonância magnética funcional (fMRI) de regiões como o tálamo (região relacionada ao comportamento emocional) e o córtex pré-frontal mediano de heterossexuais e homossexuais. De acordo com esse estudo, quando se mostrava uma imagem com a face feminina, as atividades cerebrais assemelhavam-se entre homens e homossexuais femininos; já quando se apresentava uma face masculina, mulheres e homossexuais masculinos tinham mudanças de atividade semelhantes (SWAAB, 2010). Imagens produzidas através de tomografia também são utilizadas para comparar a resposta do hipotálamo de heterossexuais e homossexuais a imagens de faces (RAHMAN, 2010).

Outro artigo estuda os núcleos intersticiais do hipotálamo de homens e mulheres heterossexuais e homens homossexuais, visando investigar a orientação sexual e o HIV (BYNE et al., 2010). O que chama a atenção, nesse trabalho, é o método utilizado para determinar a “orientação sexual”. O material de observação era derivado de autópsias e, segundo os autores, médicos revisaram esse material disponível. Na ausência de informações sobre a identidade sexual dos indivíduos, que morreram de causas não relacionadas à infecção pelo HIV, estes foram classificados como heterossexuais, justificando isso pela baixa taxa de homossexualidade entre a população. Além disso, eles destacam apenas os seguintes fatores de risco de contaminação pelo HIV: o uso de drogas intravenosas ou o comportamento homossexual. Com isso, para aqueles indivíduos contaminados pelo HIV, em que foi listado como fator de risco o uso de drogas intravenosas, foram classificados como heterossexuais; já os sujeitos, cujo fator de risco listado era o comportamento homossexual, foram, nesse estudo, classificados como homossexuais. Cabe destacar que essa “classificação” foi realizada pelos próprios pesquisadores e não pelos sujeitos investigados.

Estudos que realizam comparações em desempenhos cognitivos de homo e heterossexuais, também foram observados, tendo em suas metodologias como grupo controle/referência os heterossexuais. Os artigos relacionados a esses estudos são: “Sex Differences in Cognition: The Role of Testosterone and Sexual Orientation” (NEAVE; MENAGED; WEIGHTMAN, 2010) e “Biosocial factors, sexual orientation and neurocognitive functioning” (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010).

A “orientação sexual” era determinada pelos/as participantes através do preenchimento de um autoquestionário (*Self-report questionnaire*) derivado da *Sell Scale of Sexual Orientation*. O questionário também continha questões sobre exercício físico, irregularidades no ciclo menstrual, uso de contraceptivos orais e tratamentos hormonais, as quais podem mostrar alguma influência nos níveis circulantes de testosterona. A lateralidade (“que mão você escreve”) também foi registrada pelos/as participantes (NEAVE; MENAGED; WEIGHTMAN, 2010). Para avaliar os desempenhos cognitivos foram realizadas as seguintes tarefas: tarefa de rotação mental (MRT); teste nível da água (WLT); fluência verbal (FV). Para detecção dos níveis de testosterona, foi utilizada a técnica de radioimunoensaio (*radioimmunoassays* – RIA) das amostras de saliva.

Em outro estudo (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010), tinha-se, como critério de seleção de sujeitos a serem investigados, questões relacionadas à história de traumatismo craniano, medicamentos ou utilização de drogas psicoativas, sendo esse um critério de exclusão, se a resposta fosse positiva. Para tanto, os indivíduos foram perguntados sobre as doenças psiquiátricas e neurológicas. Já a “orientação sexual” – termo usado no estudo – dos sujeitos selecionados foi determinada através da utilização de uma versão modificada do questionário Kinsey, que envolveu perguntas sobre autoidentificação, atração/fantasias sexuais e românticas, e comportamento sexual, em uma escala de sete pontos. Aqueles que tiveram escores cinco e seis foram classificados como gays ou lésbicas; as pontuações zero e um, classificados como heterossexual (sujeitos com pontuações intermediárias não foram incluídos no estudo). Além disso, o início da puberdade foi determinado por um questionário de sete itens que perguntava sobre idade e quando determinados “eventos da puberdade” ocorreram. No critério, que foi chamado no estudo de “identificação do papel erótico”, foi solicitado que os/as participantes respondessem as seguintes questões: Eu penso em mim mesmo primeiramente como *butch* ou ativo... Eu penso em mim mesmo como *femme* ou

passiva... em uma escala de onze pontos, de zero (definitivamente não é verdade) e dez (definitivamente verdade). No critério “sexo psicológico” (masculino/feminino), os sujeitos deveriam completar 20 itens de uma escala *Eysenck Personality Profiler* (EPP). Segundo os pesquisadores, essa escala é composta por itens que, empiricamente, mostram o máximo de separação típica entre homens e mulheres, que vão da preocupação sobre insetos rastejantes, com a tolerância da obscenidade, interesse por crianças e roupas, e a disposição de expressar a emoção (por exemplo, chorar em público). Além desses critérios, ainda foi levado em consideração o comprimento do segundo e quarto dígito; para tanto, foram feitas fotocópias eletrostáticas das mãos esquerda e direita dos sujeitos. A ordem de nascimento também foi um critério nessa pesquisa. Os/as participantes indicavam o número de irmãos mais velhos, o número de irmãs mais velhas e irmãos ou irmãs mais novas. Cabe destacar que era comentado, no trabalho, que somente irmãos biológicos do lado da mãe foram computados nessa lista. As medidas cognitivas foram realizadas através dos seguintes testes: rotação mental; *Judgment of Line Orientation* (JLO); fluência verbal; velocidade perceptiva; teste de memória espacial; inteligência geral; estresse percebido.

Estudos sobre genética molecular vêm sugerindo que um gene influencia a “orientação sexual” dos indivíduos (RAHMAN, 2010). Essa hipótese está mais relacionada à origem da homossexualidade masculina, apontando que a homossexualidade feminina é mais complexa. Dentre os critérios apontados para realização desses estudos destaca-se o mapeamento do *loci* específico responsável pela “orientação sexual” através do método de acoplamento de genealogia da família.

Outros estudos – “Birth Order and Sexual Orientation in Women” (BOGAERT, 2010) e “Sexual orientation and height, weight, and age of puberty: new tests from a British national probability sample” (BOGAERT; FRIESEN, 2010) – apontam para investigações tendo como foco a altura, o peso, a idade de puberdade.

Bogaert (2010) aponta que investigou essas questões, a fim de compreender a “orientação sexual” das mulheres, através dos dados disponíveis nos arquivos do Instituto Kinsey. O critério de classificação da “orientação sexual” deu-se através dos seguintes critérios: mulheres foram classificadas com homossexuais se informassem que tiveram “experiência homossexual extensa” com mais de 20 parceiras ou mais de 50 parceiros/as homossexuais; foram classificadas como heterossexuais as mulheres que informaram nenhuma ou rara experiência homossexual (ou seja, uma parceira ou de um

a cinco parceiros/as homossexuais) e que responderam não ao item “experimentou muito” ou “alguma” estimulação sexual vendo ou pensando em outras mulheres. A altura e o peso foram informados pelo/a participante, bem como os dados relacionados a etapas da puberdade (primeira menstruação, crescimento dos pelos pubianos, desenvolvimento das mamas, etc.). Os dois grupos (lésbicas e mulheres heterossexuais) foram avaliados em várias outras variáveis demográficas, inclusive idade, ano de nascimento, nível de educação e estado socioeconômico parental.

O trabalho de Bogaert e Friesen (2010) é com uma amostra composta por homens e mulheres heterossexuais, homossexuais e bissexuais. A atração sexual foi medida utilizando uma escala de cinco pontos com a questão “Eu me senti sexualmente atraído por...” tendo como itens a serem marcados: somente mulheres, nunca para homens; com mais frequência mulheres e pelo menos uma vez um homem; mesma frequência para mulheres e homens; com mais frequência homens e pelo menos uma vez mulheres; somente para homens, nunca para mulheres. Também foi utilizada uma medida de cinco pontos para classificar a “orientação do comportamento sexual” com a seguinte questão “Eu tenho tido alguma experiência sexual...” tendo como itens para escolha: somente com mulheres (ou uma mulher), nunca com homens; mais frequentemente com mulheres e em pelo menos uma vez com homens; a mesma frequência com homens e mulheres; apenas com homens (ou um homem), nunca com mulheres. As medidas de atração e comportamentais foram correlacionadas através da correlação de *Spearman*¹⁰.

Além disso, um dos estudos analisados – “Fetal exposure to prescription drugs and adult sexual orientation” (ELLIS; HELLBERG, 2010) – busca determinar se a exposição pré-natal a drogas terapêuticas contribui para variações na “orientação sexual”. Participaram dessa pesquisa 5.102 mulheres, as quais forneceram dados sobre o uso de vários medicamentos durante a gestação. Desse total de participantes, 4.839 mulheres foram selecionadas, tendo como garantia um questionário respondido pelos seus descendentes, que eram universitários matriculados em uma das 22 universidades (20 dos EUA e dois do Canadá), entre 1988 e 1998. Entre as informações fornecidas pelos seus descendentes foram aquelas relacionadas a sua orientação sexual. Além dessas, 264 mulheres foram selecionadas através de um grupo de apoio internacional para os pais que têm filhos homossexuais e bissexuais (Pais e Amigos de Lésbicas e

¹⁰ Trata-se de um coeficiente de relação de pontos utilizado nos estudos estatísticos.

Gays - P-FLAG), através da permissão especial do conselho de administração da P-FLAG. Nesse caso, a orientação sexual dos descendentes foi fornecida pelas próprias mães. Nos dados produzidos pelos questionários respondidos, salienta-se que 31% das mães dos universitários eram divorciadas, em comparação com 36% das mães da P-FLAG. Para medir o consumo materno de medicamentos (orais e injetáveis) durante a gravidez, o questionário das mães permitiu às mulheres relatarem ter tido DES, progesterona e até dois medicamentos adicionais durante cada mês da gravidez. Se as mães relataram ter tomado outros medicamentos de prescrição que o DES ou progesterona, elas foram solicitadas a fornecer o nome da droga, ou para descrevê-la cuidadosamente e a razão pela qual foi tomada. As mães relataram o número de doses da medicação que consumiram ou foram administradas durante cada mês da gravidez. Para estimar a significância estatística das comparações do grupo, utilizou-se o SPSS-11.5¹¹.

Alguns artigos focam suas investigações na análise relacionada à ordem de nascimento, apontando que, em diversas amostras e replicações independentes, foi achado que homens homossexuais apresentam um maior número de irmãos mais velhos que homens heterossexuais (BLANCHARD et al., 2010; RAHMAN, 2010; BOGAERT; BLANCHARD; CROSTHWAIT, 2010; BOGAERT, 2010; BOGAERT, 2010a; BOGAERT, 2010b).

No estudo “Interaction of fraternal birth order and handedness in the development of male homosexuality” (BLANCHARD et al., 2010), é salientado que o trabalho evidencia uma interação entre os dois melhores fatores etiológicos presentes na literatura para investigação da homossexualidade masculina: a ordem de nascimento fraternal e a preferência da mão. Para tanto, os pesquisadores combinaram cinco amostras, produzindo grupos de estudo de 1.774 heterossexuais destros, 287 heterossexuais canhotos, 928 homossexuais destros e 157 homossexuais canhotos. Essas cinco amostras são nomeadas da seguinte forma nesse estudo analisado: Ellis, Breedloye, Blanchard, Bogaert (as famílias não biológicas) e Bogaert (outro). Essas amostras misturam os dados de arquivos de estudos publicados, dados inéditos de estudos atuais que estão em preparação para publicação e dados específicos desse estudo; dessa maneira, as categorias recebem o nome do pesquisador que realizou o

¹¹ O *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) é um programa estatístico empregado em algumas pesquisas no campo das Ciências Sociais.

estudo. Os homossexuais participantes eram os estudantes universitários e filhos de sócios de P-FLAG (os Pais e Amigos de Lésbicas e Homossexuais). Os sujeitos heterossexuais eram universitários estudantes. Os participantes foram recrutados por diversas universidades e PFLAG, nos Estados Unidos e Canadá, de 1988 a 1997.

Na mostra Ellis, utilizaram-se questionários autoadministrados, para as mães e filhos/as, que foram distribuídos em classes universitárias. No questionário das mães do P-FLAG, elas forneciam todas as informações sobre seu/sua filho/a. As mães de alunos/as da universidade forneceram todas as informações, exceto sobre a “orientação sexual” de seus/suas filhos/as, sendo tal informação retirada do questionário preenchido por eles/elas. Alguns itens dos questionários eram paralelos tanto nos questionários das mães quanto dos/as filhos/as; por exemplo, ambos perguntavam se o sujeito (filho/a ou mãe) era heterossexual, bissexual ou homossexual. No presente estudo, como em Ellis e Blanchard (2001), os indivíduos bissexuais foram incluídos como os homossexuais. Um item do questionário das mães pediu, ao respondente, a taxa de lateralidade do sujeito, em uma escala de 5 pontos. Sujeitos descritos por suas mães como extremamente ou geralmente destros foram classificados como destros para o presente estudo; aqueles descritos como ambidestros, mas geralmente canhotos, ou extremamente canhotos, eram classificados como canhotos. Informações relacionadas à ordem de nascimento emergiram de uma seção do questionário das mães, na qual foi solicitada a lista de todas as suas gestações.

Na mostra Breedlove, os sujeitos completaram um questionário autoadministrado como parte de seu exame. Um item do questionário perguntava como o sujeito se identificava no que diz respeito a sua “orientação sexual”. De acordo com o artigo, os indivíduos que se identificaram como exclusiva ou predominantemente heterossexual foram classificados como heterossexuais; indivíduos que se identificaram como bissexuais, predominantemente homossexuais, ou exclusivamente homossexuais, foram classificados como homossexuais. Outro item solicitava ao sujeito qual mão ele geralmente usava para escrita. Sujeitos que indicaram a mão direita foram classificados como destros; indivíduos que indicaram a mão esquerda ou ambas as mãos foram classificados como canhotos. Com relação à ordem de nascimento, era solicitada no questionário a informação de quantos homens e quantas mulheres a sua mãe biológica tinha tido antes dele; informações sobre os irmãos mais novos também foram solicitadas. Os irmãos “completos”, conforme classifica o artigo, não foram

diferenciados de seus “meio-irmãos” maternos. Também não foi solicitado o grau de certeza do que eles sabiam sobre todas as crianças nascidas de sua mãe.

Na mostra Blanchard, as informações utilizadas nesse estudo vieram de várias fontes: (a) entrevista estruturada sobre as histórias sexuais, que possibilitava ao paciente autorrelatar preferências eróticas, assim como sua história de comportamentos sexuais criminosos ou não; (b) documentos clínicos e legais relativos aos encargos do paciente e condenações por crimes sexuais; (c) um questionário autoadministrado, que incluía dados demográficos pessoais e familiares do paciente; (d) um questionário estruturado, que acompanhou os testes neuropsicológicos e que incluiu um inventário sobre a lateralidade padrão; e (e) testes *Phallometric*, sendo esse um método psicofisiológico para a avaliação de preferências eróticas em “machos humanos”, conforme coloca o artigo. Nesse procedimento, as mudanças no homem sobre o volume de sangue no pênis são monitoradas quando ele experimenta um padrão, conjunto pré-gravado, de estímulos eróticos. A orientação sexual do paciente foi classificada como heterossexual ou homossexual, através do que os autores chamaram de “peneiramento” do paciente através de uma sequência fixa de critérios para diagnóstico. O primeiro critério foi baseado na história dos/as participantes de delinquência sexual. Se o paciente apresentava um número máximo de vítimas em qualquer uma das categorias colocadas para os homens, ou seja, na pré-puberdade, na adolescência ou quando adulto, maior do que seu número máximo de vítimas em qualquer categoria de mulheres, e se esse número máximo for maior ou igual a quatro vítimas, o paciente foi classificado como homossexual. Se o paciente atendesse o critério inverso, então ele era classificado como heterossexual. Se o paciente não preenchesse o critério de ofensa sexual, então ele era avaliado de acordo com os resultados do Teste *Phallometric*. O teste consistia na observação dos seguintes aspectos: se o pênis do paciente respondesse a qualquer faixa etária de homens e ultrapassasse o seu máximo de resposta a qualquer faixa etária de mulheres, então ele era classificado como homossexual. Se atendesse o critério inverso, ele era classificado como heterossexual. Se ele não preenchia critério *Phallometric*, ele era avaliado de acordo com seu autorrelato. Se o paciente afirma que sua atração sexual para qualquer faixa etária de homens era maior do que sua atração para qualquer faixa etária de mulheres, ele era classificado como homossexual, desde que ele não tivesse cometido crimes sexuais contra mulheres de qualquer idade. Se ele encontrou o critério inverso, ele era classificado como heterossexual. Os autores apontam que a justificativa

para que a “orientação sexual” dos pacientes não fosse classificada com base em seu autorrelato somente, como foi feito com outras amostras, é a insegurança bem conhecida de autorrelatos com interesses eróticos em agressores sexuais. Como na maioria das demais amostras, a avaliação da lateralidade foi baseada apenas no critério da mão utilizada para a escrita. Se o paciente afirmasse ao entrevistador que ele escrevia com a sua mão direita, ele foi classificado como destro. Se utilizasse a mão esquerda ou ambas as mãos, ele era classificado como canhoto. Itens no questionário referentes a questões pessoais e familiares estavam relacionados a dados demográficos, em que era perguntado ao paciente se ele tinha certeza do que sabia, quando lhe era perguntado sobre todas as “proles” de sua mãe.

Na mostra de Bogaert (famílias não-biológicas), os sujeitos preenchiam e enviavam um questionário autoadministrado. Para esse estudo, a “orientação sexual” do indivíduo era classificada com base em dois itens: um solicitava ao sujeito a taxa de seu “comportamento sexual”; e outro para, avaliar os seus pensamentos e sentimentos sexuais, em idênticas escalas de 7 pontos. Indivíduos cuja pontuação média situou-se na faixa de "exclusivamente homossexual" para "igualmente homossexuais e heterossexuais" foram classificados como homossexual; o restante foi classificado como heterossexual. Outro item do questionário pediu para indicar a preferência da mão para a escrita, numa escala de 5 pontos. Sujeitos que indicaram que sempre ou geralmente escrevem com sua mão direita foram classificados como destros; aqueles que indicaram que escrevem com ambas as mãos ou que normalmente ou sempre usam a mão esquerda foram classificados como canhotos. No estudo, apenas é explicitado que as informações relacionadas à ordem de nascimento foram coletadas com uma variedade de itens. Para esse estudo, os autores apontam que foi utilizado o número de irmãos biológicos que o participante tinha, não sendo diferenciados irmãos somente maternos de irmãos maternos e paternos.

Na mostra Bogaert (outros), os indivíduos completaram questionários autoadministrados, que incluíram os itens descritos anteriormente. A quantificação relacionada à exploração sexual, “orientação sexual”, lateralidade e ordem de nascimento foi semelhante à da realizada na amostra Bogaert.

O estudo de Rahman (2010a) investiga a ordem de nascimento fraternal como fator da homossexualidade masculina. Para tanto, o autor propõe investigar a produção de um antígeno-macho específico no sistema imune da mãe a cada nascimento

sucessivo de feto masculino; contudo não foram disponibilizadas informações relacionadas à metodologia de investigação.

O estudo “Interaction of Birth Order, Handedness, and Sexual Orientation in the Kinsey Interview Data” (BOGAERT; BLANCHARD; CROSTHWAIT, 2010) pesquisou a relação entre a lateralidade, o número de irmãos mais velhos e a “orientação sexual” de homens, utilizando-se das informações existentes no banco de dados dos estudos de Alfred Kinsey. Foram utilizados os dados computadorizados do Instituto Kinsey, num total de 17.502 folhas clínicas, dos anos de 1938 a 1963, referentes à Pesquisa sobre Sexo, Gênero e Reprodução. Para realização do estudo, os autores restringiram os dados para apenas os sujeitos do sexo masculino, de 18 anos ou mais velhos, que não tiveram nenhuma convicção para felonias ou contravenções e que não tinham residido em casa adotiva ou em um orfanato durante a infância, pois, de acordo com os pesquisadores, eles poderiam não responder sobre o número de irmãos mais velhos com precisão, em comparação com os que estiveram sempre em suas famílias natas. Homens com histórias criminais foram excluídos, tendo como justificativa o fato de que eles poderiam ter passado certo tempo na prisão e, assim, ter tido alguma experiência homossexual, a qual não refletiria a “orientação sexual” deles. A preferência da mão foi avaliada pela pergunta: “Você é destro ou canhoto?” Os sujeitos foram classificados quanto a sua “orientação sexual” (homossexual ou heterossexual) através de dois critérios: (a) quantidade de experiências homossexuais ou de estimulação homossexual – homens que informaram ter tido experiência homossexual como mais de 20 homens foram classificados como homossexuais; foram classificados como heterossexuais aqueles que informaram não ter tido nenhuma ou rara experiência homossexual (de uma a cinco experiências) –; (b) os homens heterossexuais ainda tiveram que informar se eles não fizeram ou experimentaram alguma estimulação sexual pensando ou vendo outros homens.

Também analisamos o trabalho que estuda a relação entre ordem de nascimento, tamanho corporal e orientação sexual – “The Interaction of Fraternal Birth Order and Body Size in Male Sexual Orientation” (BOGAERT, 2010a). Nessa pesquisa, as relações entre ordem de nascimento, tamanho corporal e “orientação sexual” foram examinadas em uma amostra de homens canadenses homossexuais e heterossexuais. Os questionários foram aplicados entre 1994 e 1995, a 877 homossexuais e heterossexuais, com idades entre 18 a 82 anos. Todos os participantes receberam um valor de US\$ 10

ou poderiam doar este valor a uma instituição de caridade. Para avaliação da “orientação sexual” no questionário, era perguntado se eles eram hetero, homo ou bissexuais. Os participantes que se classificaram como bissexuais foram colocados no grupo dos homossexuais. Foram gravadas todas as informações referentes ao número de irmãos nascidos da mãe biológica dos participantes, juntamente com informações relacionadas à paternidade de cada irmão e, se havia falecido, a idade quando faleceu. Foram contados como meio-irmãos apenas aqueles que eram da mesma mãe do participante, pois este é um dos critérios para a construção da explicação intrauterina (resposta imune da mãe) com relação à ordem de nascimento fraternal. Os participantes indicaram a sua altura, bem como a de sua mãe biológica e o pai biológico. Além disso, eles tiveram a opção de indicar seu peso máximo atingido durante sua vida. Também informaram a idade e escolaridade.

O estudo “Extreme Right-Handedness, Older Brothers, and Sexual Orientation in Men” (BOGAERT, 2010b) afirma que as duas maneiras mais consistentes para investigação da “orientação sexual” trata-se da correlação entre lateralidade (preferência da mão) e a ordem de nascimento fraternal (número de irmãos mais velhos). Nesse estudo, a relação entre lateralidade, número de irmãos mais velhos e “orientação sexual” foi estudada em 4 amostras de heterossexuais e homossexuais, ou homens bissexuais. O pesquisador também salienta que seu estudo apresenta, como diferencial dos demais já realizados, intitulando-se de “moderno”, pois investiga a destreza juntamente com o possível papel moderador do número de irmãos mais velhos na determinação da lateralidade entre homens heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Foram solicitadas aos homens participantes, em todas as quatro amostras, as seguintes informações: idade, nível educacional, a “orientação sexual” – através de duas perguntas: uma relativa à atração sexual (pensamentos sexuais e sentimentos) dos participantes para homens e mulheres e a outra sobre os interesses para “comportamentos sexuais” (experiências atuais) com homens e com mulheres – número de irmãos (número de irmãos mais velhos, número de irmãs mais velhas, etc.) e se esses eram nascidos da mesma mãe do participante (biológicos) ou não. O autor destaca que essa informação é pertinente porque, nas mais recentes evidências, foi indicado que somente o número de irmãos mais velhos biológicos é que aumenta a probabilidade de o sujeito ser homossexual ou bissexual. A lateralidade era medida através de uma versão modificada do Inventário de

Edinburgh, o qual pergunta sobre uso da mão para 10 atividades físicas (por exemplo, escrevendo, lançando uma bola, quando abre uma tampa, etc.).

A relação entre o segundo e quarto dígitos da mão (2D:4D) também é utilizada como estratégia de investigação nos estudos analisados (ROBINSON; MANNING, 2010; RAHMAN, 2010; RAHMAN; WILSON, 2010a; GRIMBOS et al., 2010).

Na pesquisa de Robinson e Manning (2000), intitulada “The ratio of 2nd to 4th digit length and male homosexuality”, no Estudo I, participaram 91 homens homossexuais ou bissexuais, sendo registradas informações relacionadas à idade e altura de cada sujeito. Para análise do comprimento dos 2º e 4º dígitos da mão esquerda e da mão direita foram feitas fotocópias da superfície ventral das mãos. A “orientação sexual” era classificada através de questionários sobre assuntos relacionados à fantasia sexual e experiência sexual, que continha algumas questões, como: (1) seus parceiros sexuais foram homens; (2) neste ano teve episódios sexuais com homens; (3) quando fantasia, só pensa em homens; (4) quando fantasia durante o ato sexual, você pensa em homens; entre outras.

As respostas foram classificadas em uma balança de sete pontos. No Estudo II, participaram 240 homens caucasianos, sendo registradas as seguintes informações: número de irmãos mais velhos, irmãs mais velhas, irmãos mais jovens e irmãs mais jovens; o comprimento 2D:4D das mãos esquerda e direita eram medidos diretamente nas mãos dos participantes.

No estudo “Fluctuating asymmetry, second to fourth finger length ratios and human sexual orientation” (RAHMAN, 2010), participaram 30 homens heterossexuais, 30 mulheres heterossexuais, 31 homens homossexuais e 29 mulheres homossexuais, sendo investigados, nesses sujeitos, a relação de comprimento (2D:4D), os níveis, pré-natal, de esteróides sexuais e assimetria flutuando (FA). Os/as participantes não deveriam ter nenhuma doença psiquiátrica, neurológica ou psicoativa, usado medicamentos e drogas e não ter tido danos nas mãos. Para classificação da “orientação sexual”, foi utilizada a escala Kinsey. Também foram obtidos dados relacionados ao nível educacional, etnia, profissão ou ocupação, altura, peso, medida da largura das orelhas, dos pulsos, dos tornozelos e pés, do comprimento das orelhas e dos quatro dedos, número e sexo dos irmãos mais velhos. A lateralidade foi avaliada através do Inventário de Edinburgh, perguntando aos participantes qual o grau de preferência da mão para tarefas manuais.

Na pesquisa intitulada “Sexual orientation and the 2nd to 4th finger length ratio: evidence for organising effects of sex hormones or developmental instability?” (RAHMAN; WILSON, 2010a), também foi investigada a relação dos 2º e 4º dígitos, as ações de andrógenos pré-natais e assimetria flutuando (FA) em uma amostra de 240 pessoas, de acordo com o autor, saudáveis (nenhuma história de doenças psiquiátricas ou neurológicas, uso de medicamentos ou drogas), destros, sendo, desse total de pessoas, 60 homens, 60 mulheres, 60 homossexuais masculinos e 60 homossexuais femininas. Para determinação da “orientação sexual”, foi usada a Escala Kinsey modificada, sendo solicitados dados como: autoidentificação, atração sexual/romântica, fantasias sexuais/românticas e comportamento sexual. Para medir o comprimento dos dedos, foram feitas fotocópias eletrostáticas. A lateralidade foi avaliada através do Inventário de Edinburg. Somente para os sujeitos homossexuais foi solicitado que os mesmos respondessem a duas declarações para “medir” o “papel erótico”: se o sujeito pensava em si, principalmente como macho/ativo; ou se o sujeito se imaginava como fêmea/passiva.

No estudo “Sexual Orientation and the Second to Fourth Finger Length Ratio: A Meta-Analysis in Men and Women”, de Grimbois et al. (2010), os pesquisadores realizaram a pesquisa de estudos, os quais investigassem a relação 2D:4D e os possíveis efeitos dos andrógenos pré-natais nessa relação, bem como realizaram o que chamaram de uma metanálise sobre a “orientação sexual” e a relação 2D:4D em 1618 homens heterossexuais, 1.693 mulheres heterossexuais, 1.503 homens homossexuais e 1.014 mulheres homossexuais. O comprimento dos dedos era diretamente medido na mão do/a participante (medida direta), ou realizavam-se fotocópias, digitalizações, cópias ou marca de tinta das mãos (medida não direta). A “orientação sexual” foi determinada perguntando se os/as participantes eram heterossexuais ou homossexuais, heterossexuais ou bissexuais, utilizando os escores da Escala Kinsey. Os sujeitos bissexuais foram excluídos da pesquisa.

Além desses estudos, outros ainda apontam a lateralidade/assimetria como um determinante característico das identidades sexuais dos sujeitos (BLANCHARD et al., 2010; RAHMAN; WILSON, 2010a; BOGAERT; BLANCHARD; CROSTHWAIT, 2010; BOGAERT, 2010b). Para esses estudos, a maioria da população homossexual é canhota e, da heterossexual, é destra.

As formas de investigação utilizadas nos estudos de Blanchard et al. (2010), Rahman e Wilson (2010a), Bogaert, Blanchard e Crosthwait (2010) e Bogaert (2010b) já foram descritas em alguma das categorias acima, que tinham como foco o estudo da lateralidade.

Hershberger e Bogaert (2010), em seu estudo “Male and female sexual orientation differences in gambling”, têm, como propósito, investigar as diferenças apresentadas na execução de um jogo de azar com relação à “orientação sexual”, sendo essa uma questão motivada pela ideia de que a homossexualidade masculina “surge” da feminização pré-natal do cérebro e que a homossexualidade feminina surge da masculinização pré-natal do cérebro. Para tanto, utilizaram, como grupo controle, heterossexuais e os dados utilizados são provenientes do banco de dados do Instituto Kinsey de Pesquisa. A “orientação sexual” era determinada pelo número de experiências homossexuais relatadas pelos sujeitos pesquisados. Duas questões avaliavam a frequência de jogos de azar: a primeira perguntava se o/a participante não jogava em cartões ou qualquer outro tipo de jogo; e a segunda perguntava se a pessoa, em relação ao dinheiro, se considerava um/a jogador/a moderado/a ou não.

O estudo “Brief exposures: Male sexual orientation is accurately perceived at 50 ms”, de Rule e Ambady (2010), a fim de investigar a “classificação” da “orientação sexual” dos sujeitos, empregou a técnica de reconhecimento da face, ou seja, eram apresentadas imagens, por períodos de tempo diferentes, às participantes (somente mulheres) e elas deveriam dizer qual a “orientação sexual” daquela pessoa.

4.2 APRESENTANDO AS REVISTAS ANALISADAS

Apresentaremos a seguir algumas considerações sobre as revistas¹² escolhidas.

A. Revista Superinteressante

A Revista Superinteressante é uma publicação da Editora Abril e sua primeira edição foi lançada em setembro de 1987. Foi neste ano que a Editora Abril compra os direitos de publicar no Brasil a revista espanhola Muy Interesante. No primeiro

¹² Para construir essa seção da tese entramos em contato com a equipe editorial de cada uma das revistas. Assim, as informações relacionadas as revistas foram baseadas nos dados enviados pelas próprias revistas.

momento, o propósito era simplesmente traduzir para o português as matérias da *Muy*, mantendo as páginas exatamente iguais. Para o lançamento foram impressos 2 milhões de exemplares e distribuídos gratuitamente, dentro de outras revistas da Abril. Nessa primeira edição da revista, havia uma discussão sobre a inteligência dos robôs, um debate sobre a existência de planetas fora do sistema solar e de seres vivos morando neles, e uma matéria singela sobre a vida amorosa dos animais, além de seções variadas, uma delas tornar-se-ia a preferida dos leitores - "Perguntas Superintrigantes".

Anterior ao lançamento dessa revista, a editora já havia realizado tentativas com outra revista, a *Ciência Ilustrada*, que tratava de assuntos relacionados a Ciência e Tecnologia, contudo não teve êxito. Logo em sua primeira tiragem, cinco mil pessoas passaram a assinar a revista *Superinteressante* e assim ela foi adquirindo respeito e foi ganhadora de inúmeros prêmios devido ao número de vendas (MORAES et al., 2011).

Inicialmente, a revista tinha como projeto a divulgação de questões relacionadas a curiosidade, acontecimentos e o intuito de adquirir reconhecimento da comunidade científica, dando ênfase aos temas relacionados às Ciências Naturais.

Em novembro de 1994, a revista passa por sua primeira reforma gráfica, executada pelo diretor da *Super*, Eugênio Bucci. A revista ficou mais informal. Os infográficos passaram a compor as páginas da revista. Eram essas ilustrações acompanhadas de bloquinhos de texto que virariam a marca registrada da revista.

Tradicionalmente, sua ênfase era em temas da ciência. Assim, no histórico de existência da revista percebe-se que para celebrar a edição número 100, em janeiro de 1996, a revista elegeu 100 motivos para se orgulhar da ciência brasileira. Além disso, em setembro de 1998, para comemorar os 11 anos da revista, foram convocados 11 grandes cientistas do país.

Contudo, em novembro de 1998, assume a revista o redator-chefe André Singer e mais uma vez a revista sofre mudança. Assuntos de economia começaram a aparecer ao lado dos tradicionais temas científicos.

Atualmente, a Revista tem periodicidade mensal, tem como público alvo a faixa etária de 18 a 25 anos e continua a apresentar suas reportagens em seu *site* (<http://super.abril.com.br/>), no qual também disponibiliza ao/a leitor/a outras possibilidades de interação como blogs, busca por arquivos de edições anteriores, fóruns, testes, entre outros. Em seu *site* a revista apresenta as seguintes considerações:

Surpreendente, dinâmica, bem-humorada, SUPERINTERESSANTE aborda grande diversidade de assuntos como comportamento, saúde, tecnologia, futuro, história, aventura, ciência. Tudo de um modo simples, claro, ilustrado e divertido! Uma revista para ler, pesquisar e guardar!

Além disso, o *site* de informações comerciais e publicitárias da Editora Abril (<http://publicidade.abril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais>), coloca o seguinte:

A SUPERINTERESSANTE é a maior revista jovem do País. Ela inova nas pautas com abordagens criativas para os temas que todos estão discutindo e antecipa tendências, contando para o leitor, em primeiríssima mão, aquilo que vem por aí. SUPERINTERESSANTE é a revista essencial para entender este mundo complicado em que vivemos, ajudando a separar a verdade do mito, o importante do irrelevante, o novo do velho – tudo de forma surpreendente, provocativa e ousada.

De acordo com as informações contidas nesse *site* o perfil do/a leitor/a da revista é de 51% homens e 49% mulheres (Figura 1).

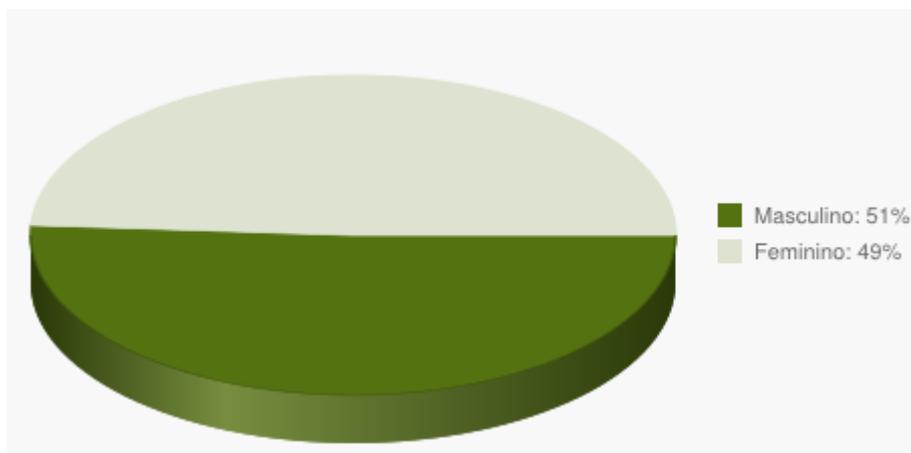


Figura 1: Gráfico que mostra dados relacionados ao perfil do/a leitor/a.

Fonte: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais>.

Quanto a idade 3% são leitores/as na faixa de 10 a 14 anos, 14% na faixa de 15 a 19 anos, 19% de 20 a 24 anos, 29% 25 a 34 anos, 16% de 35 a 44 anos, 8% de 45 a 49 anos e 11% na faixa etária acima de 50 anos (Figura 2).

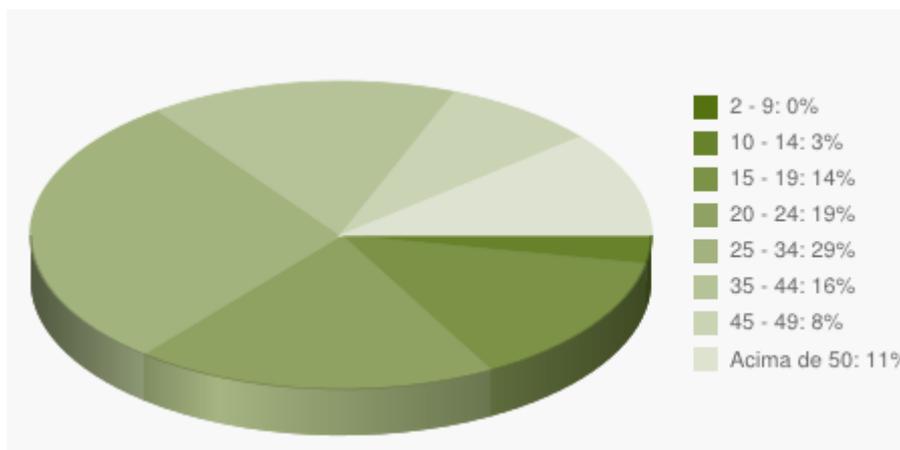


Figura 2: Gráfico que mostra dados relacionados à faixa etária dos/as leitores/leitoras.
 Fonte: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais>.

Relacionado a classe social o *site* aponta que a classe A corresponde a 22% dos/as leitores/as, a classe B 63%, a classe C 14% e ambas as classes D e E 0% (Figura 3).

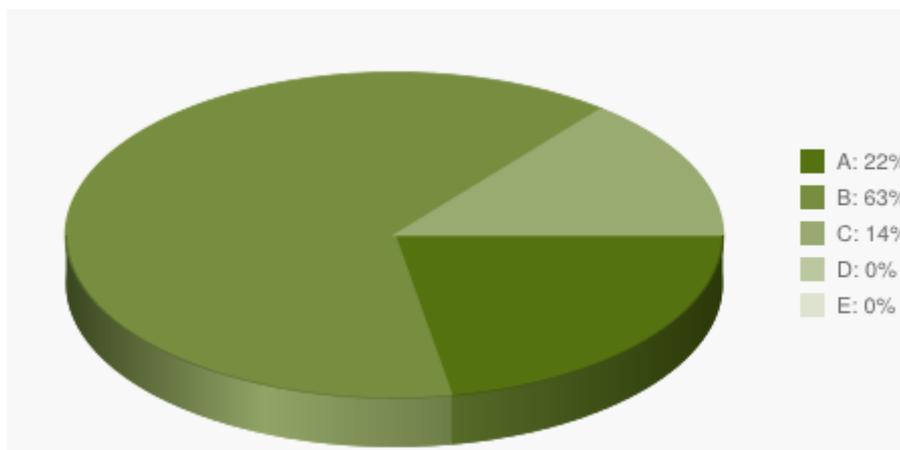


Figura 3: Gráfico que mostra dados relacionados à classe econômica do/a leitor/a.
 Fonte: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais>.

Quanto a região 4% dos/as leitores/as são da região Norte, 15% Nordeste, 52% Sudoeste, 20% Sul e 8% da região Centro Oeste (Figura 4).

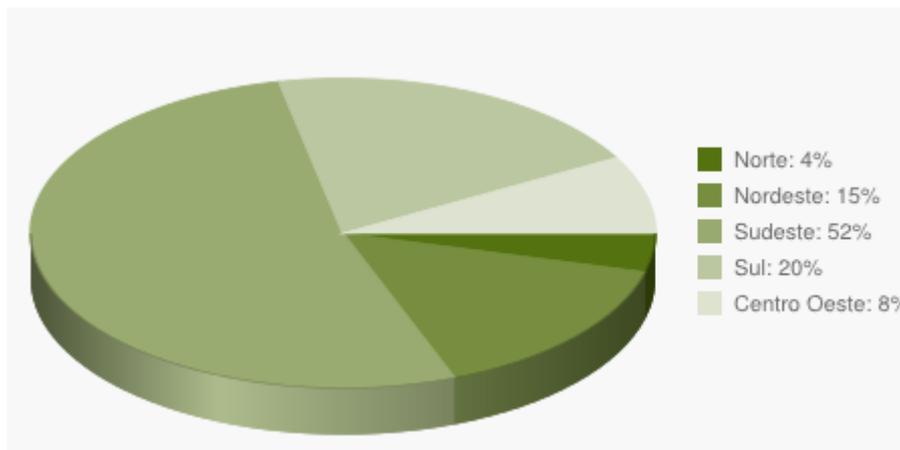


Figura 4: Gráfico que mostra dados relacionados às regiões brasileiras em que residem o/a leitor/a da revista.

Fonte: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais>.

Conforme dados de junho de 2012, a revista apresenta uma tiragem de 418.760, 224.468 assinaturas, tem uma circulação líquida de 334.625 revistas e um total de 2.238.216 leitores/as.

As reportagens selecionadas para análise correspondem aos anos 2006 e 2008.

No ano de 2006, a reportagem “Por que os gays são gays?”, de Eduardo Szklarz (2011), discute as novidades dos estudos da área da biologia quanto à origem da homossexualidade. A matéria apresenta comentários de uma bióloga (a transexual Joan Roughgarden), de um antropólogo (Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia) – que são a favor dessas pesquisas, pois acreditam que as mesmas possam diminuir preconceitos – e de uma psiquiatra (Carmita Abdo, psiquiatra do Hospital das Clínicas de São Paulo e coordenadora do Projeto Sexualidade) – que defende tais pesquisas, pois essas podem auxiliar os pais de homossexuais a entender até que ponto são responsáveis pela homossexualidade de seu/sua filho/a. Ao longo da reportagem, são discutidas as diferentes explicações produzidas pela ciência, pautadas na genética, no desenvolvimento biológico do feto e nos hormônios.

A reportagem de Marília Juste (2011), “Por que existem homossexuais?”, publicada no ano de 2008, discute os resultados de estudos científicos relacionados à descoberta de comportamentos homossexuais em 450 espécies de mamíferos e aves, a aspectos genéticos, hormonais e a chamada Teoria de seleção por parentesco.

Naquele mesmo ano, a reportagem de Rafael Tonon (2011), “Por que gays são gays?”, embora com título semelhante à reportagem publicada no ano de 2006, mencionada anteriormente, traz a resposta de quatro pesquisadores e essa pergunta. O

primeiro, Qazi Rahman, cientista da área de psicobiologia da Universidade East London, o segundo, Dean Hamer, geneticista e diretor do Instituto nacional do Câncer dos EUA, o terceiro Daryl Bem, psicólogo da Universidade Cornell, no estado de Nova York e o último, John Gagnon, sociólogo da Universidade do Estado de Nova York.

A reportagem de capa, “Nosso destino pode ser traçado na gravidez”, de André Santoro e Natália Daumas (2011), aponta que a ciência prova que os acontecimentos dentro do útero, durante o desenvolvimento fetal, podem prever se o filho/a pode ser feliz. No tópico intitulado “É de nascença”, o e a jornalista apresentam estudos que visam explicar a determinação da “orientação sexual”. É citado o estudo do psicólogo Anthony Bogaert, da Universidade Brock, Canadá, sobre o histórico de cerca de mil homens, no qual indicava que filhos mais novos de mães que tiveram outros meninos têm mais chances de serem gays. Segundo a revista, os dados são recentes, mas já tinham sido mencionados em estudos anteriores, como os do pesquisador Alfred Kinsey que, nas décadas de 1940 e 1950, apontou que a prevalência de gays era maior em homens com irmãos mais velhos.

B. Revista Veja

A revista Veja também é uma publicação da Editora Abril e sua primeira edição ocorreu em 11 de setembro de 1968, com uma tiragem de 695.000 exemplares, distribuídos por todos os estados brasileiros. Contudo, esse número caiu em seguida para perto de 500.000 exemplares. Foi somente na década de 90 que a revista atinge ampla circulação nacional, com o rompimento da barreira do milhão de exemplares. Atualmente, sua tiragem semanal é em torno de 1.200.000 exemplares, sendo deste total, cerca de 1.000.000 de assinantes da revista e o restante é vendido em banca.

Antes do lançamento da revista, VEJA E LEIA já era um título que pertencia à Editora Abril com todos os direitos registrados. No entanto, tinha-se o receio que o título fosse dar impressão de que se tratava de mais uma revista semanal ilustrada, como era tradição no mercado editorial brasileiro (Fon Fon, O Cruzeiro, Fatos & Fotos, Manchete etc). Mas seu fundador e então presidente, Victor Civita, gostou do nome e ponderou que no Brasil as pessoas usavam muito a expressão: "Veja só...; Veja, se fizermos dessa forma". Assim, em setembro de 1968, a revista foi editada como VEJA

(em letras grandes) e LEIA (em letras bem menores). Com o tempo, a expressão E LEIA desapareceu. Ficou apenas VEJA.

Em 1997 é criado o *site* da revista (www.veja.com), sendo possível consultar, por exemplo, a primeira edição de Veja, edições especiais, históricas, centenas de outras edições anteriores (<http://www.veja.com.br/acervodigital/>) e um especial sobre os 10 primeiros anos de VEJA.com. Nesse *site* são também encontradas colunas diárias e semanais de jornalistas e colaboradores da revista, além de notícias diárias no Brasil e no mundo.

Conforme disponível no *site*, a revista tem a seguinte missão:

Ser a maior e mais respeitada revista do Brasil. Ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil. Essa é a missão da revista. Ela existe para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos.

Além disso, é apontado que Veja é uma revista semanal de informação, tendo como modelo inspirador a revista americana *Time*, criada em 1922 por Henry Luce. Trata-se da primeira no gênero lançada no Brasil, onde tinha-se no mercado editorial as revistas semanais ilustradas, com grandes fotos e textos curtos.

Conforme aponta a equipe editorial da revista, Veja é a terceira maior revista semanal de informação do mundo, sendo superada apenas pelas americanas *Time* e *Newsweek*.

Conforme destaca o *site* da Revista, *VEJA. A revista investigativa e esclarecedora que repercute em todo o país, com reportagens que antecipam e explicam as grandes questões do Brasil e do mundo. Leia as entrevistas mais reveladoras e tenha contato com os colunistas que não deixam ninguém indiferente. Não deixe de receber em sua casa a maior revista semanal de informação do país e a terceira maior do mundo, depois de Time e Newsweek. VEJA. Assinar é indispensável.*

Com relação ao perfil do/a leitor/a da revista 43% são homens e 57% são mulheres (Figura 5).

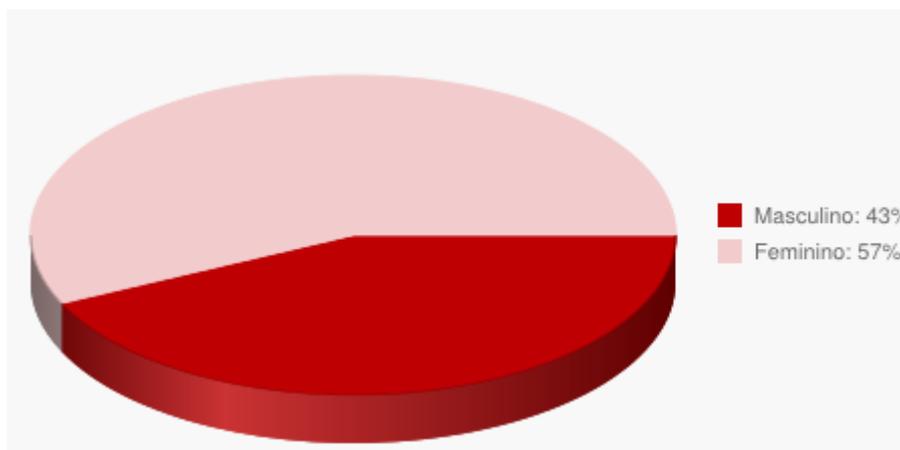


Figura 5: Gráfico que mostra dados relacionados ao perfil do/a leitor/a da revista Veja.
 Fonte: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>.

Quanto a idade 3% dos/as leitores/as estão na faixa etária de 10 a 14 anos, 8% de 15 a 19 anos, 11% de 20 a 24 anos, 21% de 25 a 34 anos, 20% de 35 a 44 anos, 10% de 45 a 49 anos e 27% acima de 50 anos (Figura 6).

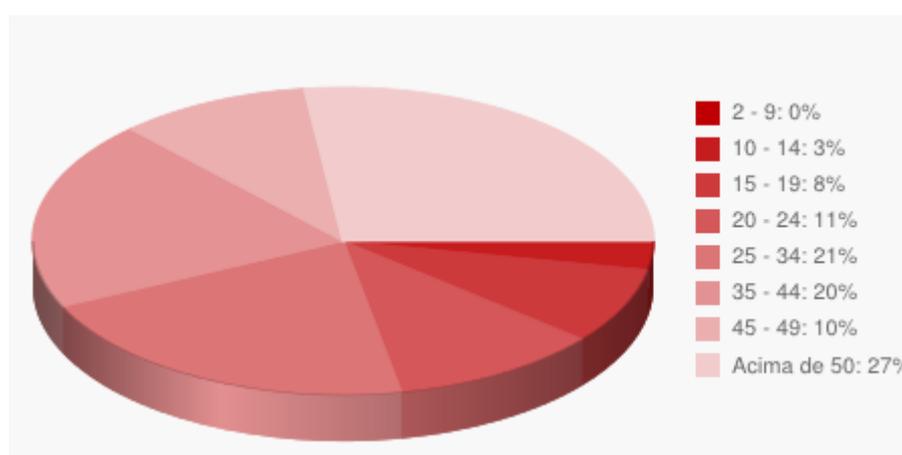


Figura 6: Gráfico que mostra dados relacionados à faixa etária do/a leitor/a da revista Veja.
 Fonte: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>.

Relacionado a classe social, 20% dos/as leitores/as são da classe A, 53% da classe B, 24% da classe C, 3% da classe D e 0% da classe E (Figura 7).

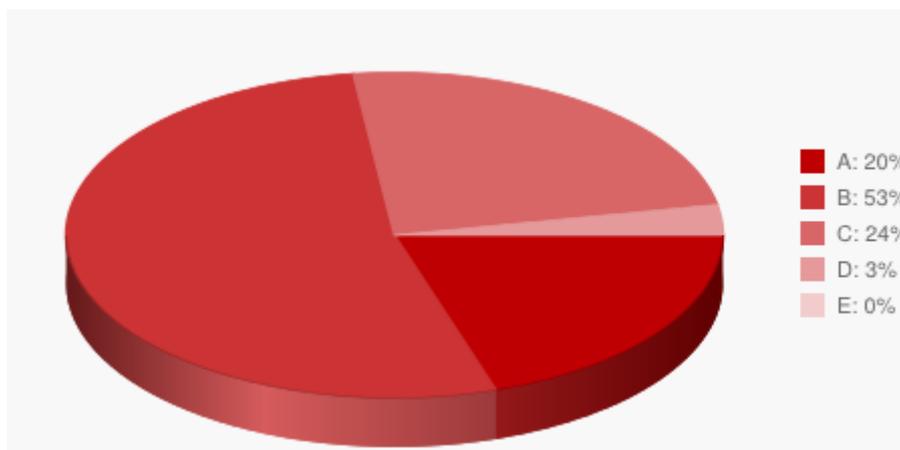


Figura 7: Gráfico que mostra dados relacionados à classe econômica do/a leitor/a da revista Veja.

Fonte: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>.

Quanto as regiões dos/as leitore/as, 4% são da região Norte, 14% do Nordeste, 58% do Sudeste, 14% do Sul e 10% do Centro Oeste (Figura 8).

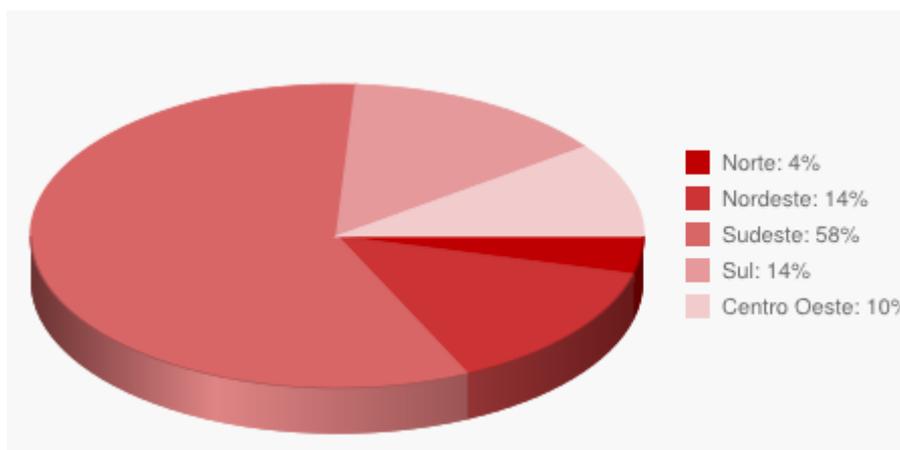


Figura 8: Gráfico que mostra dados relacionados à região brasileira em que reside o/a leitor/a da revista Veja.

Fonte: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais>.

Conforme dados de junho de 2012, a revista apresenta uma tiragem de 1.209.390 exemplares, 926.437 assinaturas, tem uma circulação líquida de 1.080.357 revistas e um total de 8.891.594 leitores/as.

Dessa revista, foram selecionadas quatro reportagens que datam dos anos de 2005, 2008 e 2009.

No ano de 2005, foi publicada a reportagem “A atração está no cheiro”, de Rosana Zakabi (2011). A matéria traz uma pesquisa que detectou que a atração entre os

sexos se dá através do cheiro, bem como ainda destaca outras pesquisas sobre a causa da homossexualidade, como, por exemplo, a causa genética.

No ano de 2008, a matéria intitulada “A diferença se vê no cérebro – Descoberto que os homossexuais são mais parecidos com pessoas do sexo oposto”, de Vanessa Vieira (2011), publicada na sessão Ciência, discute a “natureza” da homossexualidade, questionando se ela seria determinada por fatores biológicos ou culturais, e mobilizando, dessa forma, a psicologia e outros campos da ciência a tal questionamento.

No ano de 2009, a reportagem “Homossexualidade: genético ou ambiental?” apresenta os comentários tecidos pela Dra. Mayana Zatz (2011) quanto à origem da homossexualidade. A pesquisadora aponta alguns dados relacionados a estudos genéticos e comportamentais.

C. Revista Época

Época é uma revista semanal, publicada pela Editora Globo e foi lançada em 1998. Em média tem a circulação de 420 mil exemplares. Apresenta como principais temáticas questões relacionadas ao Brasil e ao mundo quanto a ciência e tecnologia, cultura, saúde, entre outras.

A revista apresenta como missão *investigar e ajudar a entender o complexo mundo contemporâneo. É antecipar as tendências e captar o espírito do nosso tempo. É perseguir, toda semana, as principais notícias para delas extrair uma agenda de construção do amanhã. É aliar a força investigativa à capacidade analítica. É jogar luz no que há de mais relevante na atualidade, converter informação em conhecimento, transformar a confusão em clareza.*

Além disso, é apontado pela revista que sua missão não é preparar conteúdo para pessoas, mas é preparar as pessoas pelo seu conteúdo.

Conforme informações disponíveis no *site* da editora Globo (<http://corp.editoraglobo.globo.com/marca/epoca/>), a revista Época realiza um jornalismo investigativo, com artigos de especialistas considerados renomados na área, visando abordar temas de maneira rápida e precisa.

Em seu *site* (<http://revistaepoca.globo.com/>) disponibiliza as edições anteriores, bem como apresenta o espaço do blog. O site exhibe conteúdos publicados pela Época

em várias plataformas, além do acesso ao enorme acervo de informação desde o início da publicação.

Conforme dados disponíveis pela editora Globo (Figura 9), o/a leitor/a que acessa o *site* da revista é de 55% homens e 45% mulheres, sendo 7% na faixa etária de 2 a 17 anos, 14% de 18 a 24 anos, 42% de 25 a 34 anos, 25% de 35 a 49 anos e 13% acima de 50 anos. O *site* da revista apresenta 8.368.000 de acessos por mês, sendo 2.204.000 de pessoas que o visitam por mês.



Figura 9: Infográfico com dados relacionados à audiência digital da revista Época.
Fonte: http://epoca.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit_Epoca_2012-PT.pdf

Quanto a revista impressa, 4.374.000 leitores/as, sendo 47% homens e 53% mulheres, 67% das classes econômicas A e B e 30% da classe C. Relacionado a faixa etária 11% são de 10 a 17 anos, 15% de 18 a 24 anos, 23% de 25 a 34 anos, 20% de 35 a 44 anos, 17% dos 45 a 54 anos e 14% acima de 55 anos. Apresenta uma tiragem de 398.628 exemplares semanais, sendo 11% da venda avulsa e 89% de assinaturas.

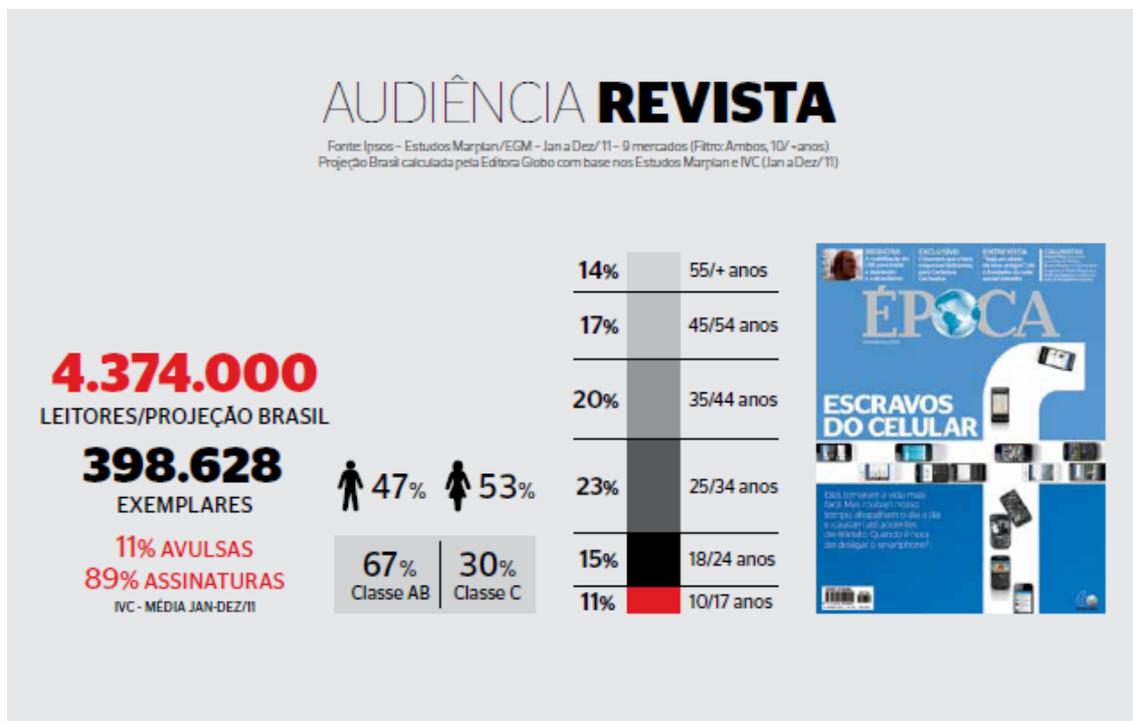


Figura 10: Infográfico com dados relacionados à audiência da revista impressa *Época*.
Fonte: http://epoca.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit_Epoca_2012-PT.pdf

Também é apresentado, no *site* da editora Globo, o potencial de consumo do público que acessa essa revista. Os dados presentes no infográfico (Figura 11) dados estão relacionados a questões financeiras e aos bens que os/as leitores/leitoras possuem.

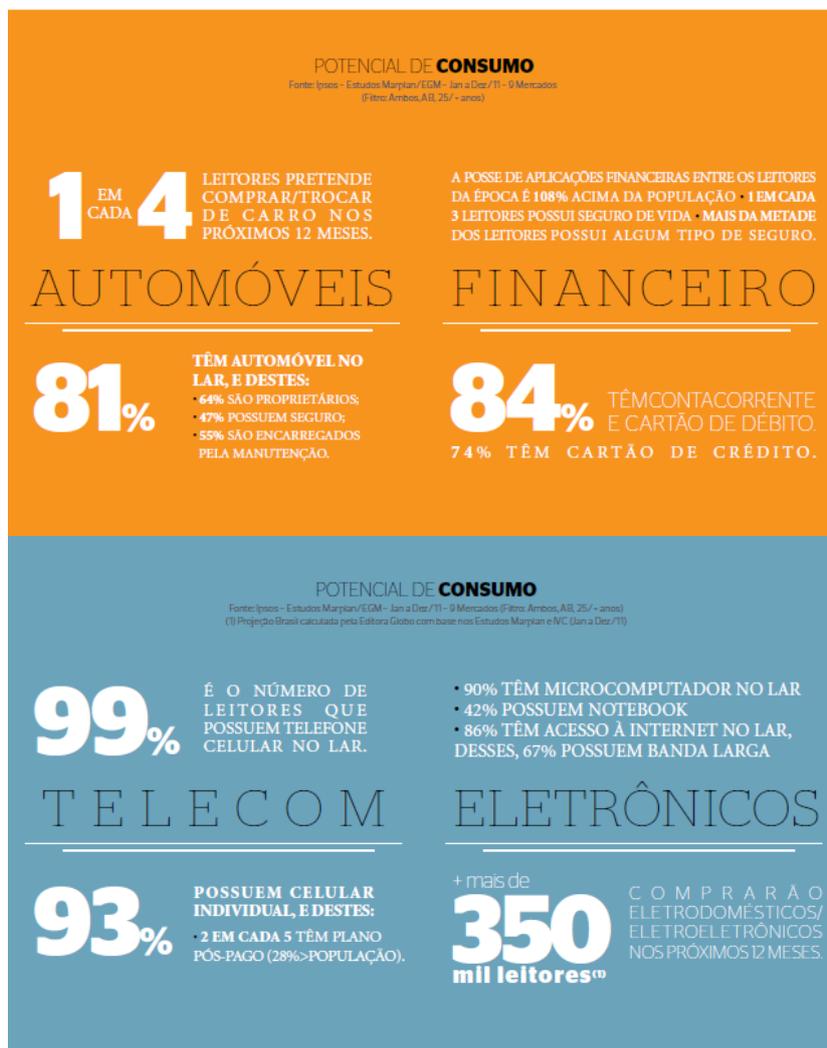


Figura 11: Infográfico com dados relacionados ao potencial de consumo dos/as leitores/as da revista Época.

Fonte: http://epoca.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit_Epoca_2012-PT.pdf

As reportagens selecionadas dessa revista para análise são dos anos de 2008 e 2009.

No ano de 2008, na sessão Ciência e Tecnologia, foi publicada a reportagem de Marcela Buscato (2011), intitulada “A Biologia explica”, a qual apresenta os resultados das pesquisas dos cientistas do Instituto do Cérebro de Estocolmo, na Suécia, que conseguiram mostrar que algumas partes do cérebro de homossexuais funcionam de maneira semelhante ao cérebro de uma pessoa do sexo oposto. Eles descobriram que uma área ligada às emoções, chamada amígdala, é ativada da mesma maneira tanto nos homens quanto nas lésbicas e que outro padrão é encontrado nas mulheres e nos homens gays.

Naquele mesmo ano, Marcela Buscato (2011a) publica a reportagem “De mãe para filho”, na qual apresenta uma entrevista com o pesquisador italiano, da Universidade de Pádua, Andrea Camperio Ciani. As pesquisas de Ciani sugerem que supostos genes relacionados à homossexualidade masculina, quando presentes em mulheres, aumentariam a fecundidade delas. Assim, elas teriam mais impulso sexual e justificaria o fato de que as mães de homens homossexuais têm em média 2,7 filhos, enquanto as de heterossexuais têm 2,3.

Além dessas, na matéria intitulada “Qual é o sexo do seu cérebro?”, de Thaís Ferreira (2011), publicada na sessão da revista Ciência e Tecnologia, aponta que as diferenças no corpo de homens e mulheres estão além da aparência e dos órgãos sexuais, e que a ciência detectou que até o cérebro apresenta características femininas ou masculinas. Ao longo da matéria, a neuropsicologista Anne Moir, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, destaca que a “diferença de sexo” entre cérebro e corpo está ligada às causas da homossexualidade.

D. Revista Galileu

A Galileu é uma publicação mensal da Editora Globo, criada em 1991 e teve como primeiro nome Globo Ciência. Passou a ser nomeada como Galileu em 1998. A revista aborda assuntos relacionados a ciência, história, tecnologia, religião e saúde, entre outros. A revista aponta como missão

[...] selecionar e traduzir as melhores e mais inovadoras ideias e atitudes que estão transformando o mundo.

Galileu adianta o futuro nos campos da ciência, da tecnologia, da cultura e do comportamento e apresenta ao leitor as mais importantes e inspiradoras histórias do nosso tempo.

Conforme a editora Globo (<http://corp.editoraglobo.globo.com/marca/galileu/>), a revista Galileu é um artefato indispensável entre os jovens como fonte de informação, pois proporciona experiências que começam na revista e se estendem pelo seu *site* (<http://revistagalileu.globo.com>). O *site* disponibiliza, além das reportagens, espaços como games, blogs, vídeos, etc.

O site da Galileu tem vida própria e apresenta o que há de moderno e intrigante no mundo da ciência, tecnologia e comportamento, numa linguagem acessível e agradável de ler. Blogs, enquetes, fóruns e vídeos complementam a informação e aumentam a interatividade com o usuário.

A revista aponta que seus artigos, relacionados as últimas pesquisas e estudos sobre comportamento, tecnologia e ciência, são assinados por renomados/as profissionais brasileiros e estrangeiros das diferentes áreas.

Sempre com capas instigantes e bem-humoradas, Galileu consegue se aprofundar em temas complexos, nas áreas de comportamento, ciência e tecnologia e traduzi-los em conhecimento útil para o dia a dia.

Com relação a sua audiência e ao perfil do/a leitor/a que acessa a revista, os dados disponibilizados no *site* da editora (Figura 12), apontam o número de 136.956 exemplares por edição, sendo 17% de revistas avulsas e 83% assinaturas. Desse total, 55% são leitoras e 45% são leitores. Relacionado a faixa etária do público que acessa a revista, 8% são de 10 a 17 anos, 31% de 18 a 29 anos, 24% de 30 a 39 anos, 15% de 40 a 49 anos e 22% acima dos 50 anos. Quanto à classe econômica, 76% são das classes A e B e 21% da classe C.

Já o *site* da revista apresenta o número de 1.315.000 de visitas por mês, sendo 422.000 acessos de usuários únicos. Deste público, 42% são mulheres e 58% são homens. Quanto a faixa etária, 8% dos acessos é realizado por pessoas de 2 a 17 anos, 19% de 18 a 24 anos, 41% de 25 a 34 anos, 22% de 35 a 49 anos e 11% acima de 50 anos.

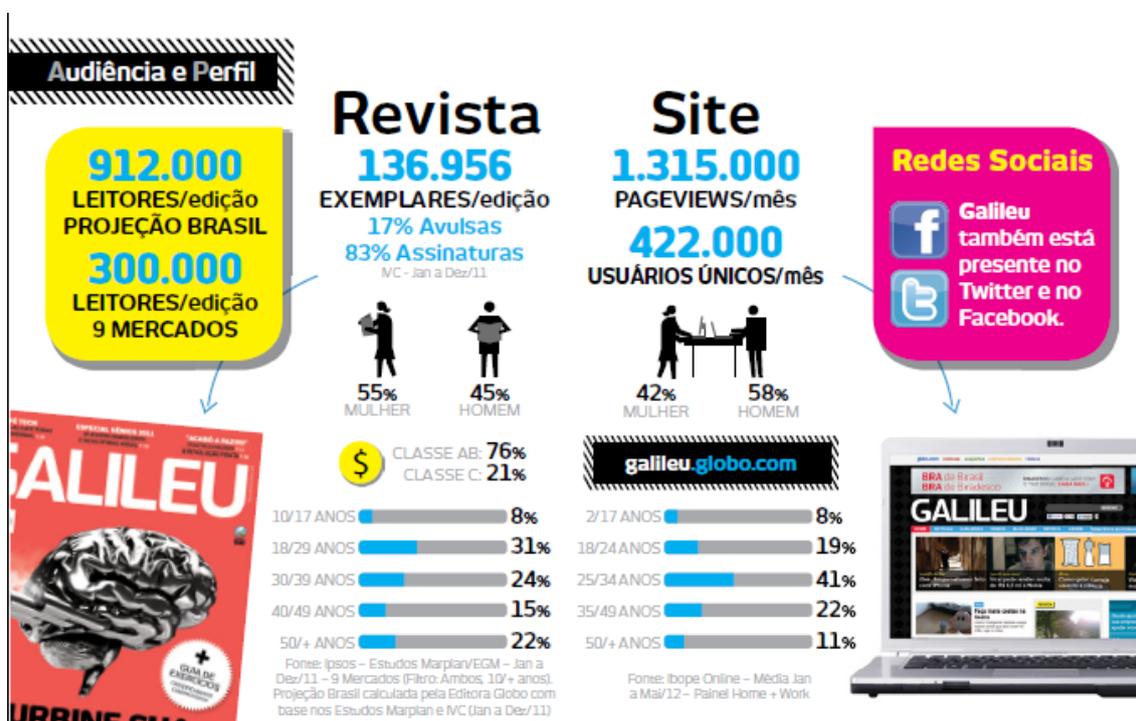


Figura 12: Infográfico com dados relacionados à audiência da revista e do *site* da Galileu.

Fonte: http://galileu.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit_Galileu_2012-PT.pdf

Além dessas informações relacionadas ao perfil do/a leitor/a, são apresentadas ainda dados relacionados ao perfil de consumo desse público da revista. Estes dados estão relacionados a questões econômicas, financeiras, os bens que os/as leitores/leitoras possuem, suas principais atividades e interesses (Figura 13).

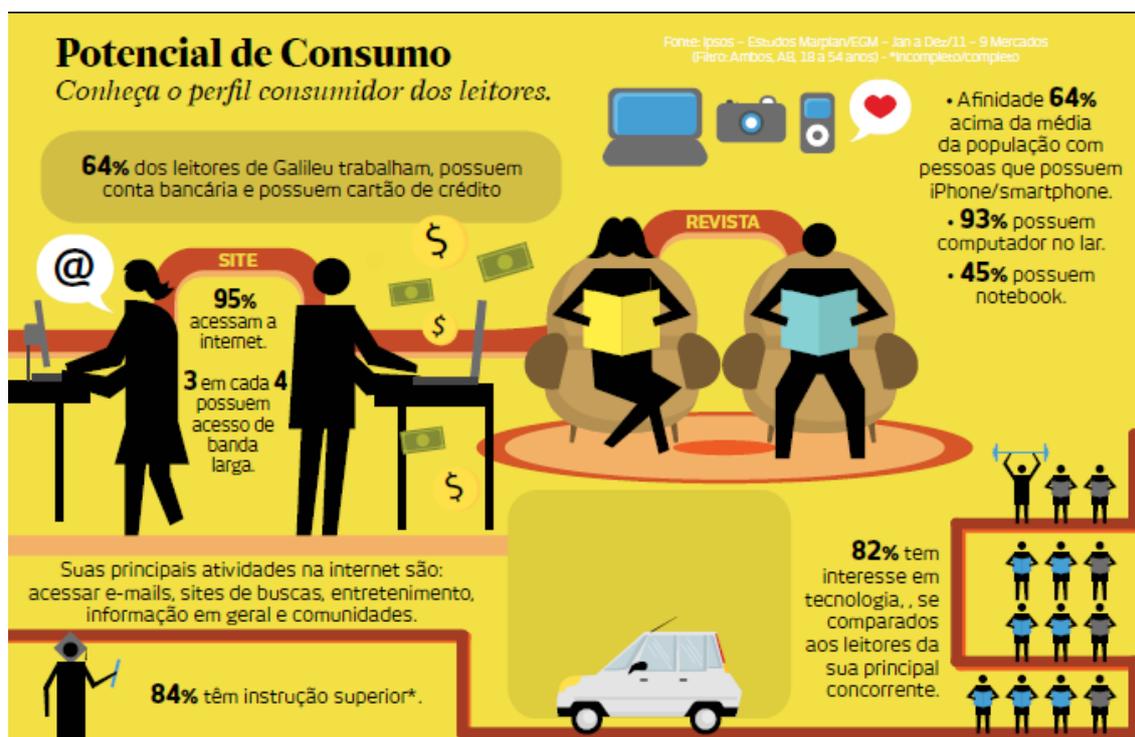


Figura 13: Infográfico com dados relacionados ao perfil de consumo dos/as leitores/leitoras da revista Galileu.

Fonte: http://galileu.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit_Galileu_2012-PT.pdf

Assim, para esta pesquisa, foram selecionadas para análise as reportagens publicadas nos anos de 2007 e 2011.

No ano de 2007, a reportagem “Qual será o limite?”, de Pablo Nogueira (2011), mostra a entrevista realizada com o pesquisador Renato Zamora Flores, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual são discutidas questões relacionadas às bases genéticas da homossexualidade.

Naquele ano também foi publicada a reportagem, de Pablo Nogueira (2011a), intitulada “O polêmico gene gay – A relação entre genética e homossexualidade vive sendo provada e contestada. Agora, o maior estudo sobre o assunto quer responder: é possível nascer homossexual?” discute que há quase duas décadas, psicólogos, geneticistas e neurologistas vêm coletando amostras das diferenças biológicas entre

heterossexuais e homossexuais. Ao longo da reportagem, é realizada uma compilação das principais pesquisas realizadas sobre a questão da homossexualidade e sua origem biológica. Ao final da reportagem, são apresentados quadros contendo os resultados dos principais estudos relacionados à homossexualidade.

4.3 APRESENTANDO AS FERRAMENTAS DE ANÁLISE

Eu sou pirotécnico. Fabrico alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, uma guerra, uma destruição. Não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer caírem os muros¹³ (POL-DROIT, 2006, p. 69).

Pensar o método como estratégia, conforme nos coloca o filósofo Michel Foucault, nos impulsiona a rachar os muros entre as palavras e as coisas, entre os discursos e os objetos, entre os enunciados e as suas condições de existência. Nesta direção, para análise e discussão dos dados da tese utilizar-nos-emos de algumas ferramentas foucaultianas para fazer a análise do discurso. Operar com essa estratégia metodológica como ferramenta é justamente o que nos desafia Foucault ao fazermos uso de suas obras. Conforme entrevista concedida a Pol-Droit (2006), no livro “*Michel Foucault: Entrevista*”, Foucault descreve suas obras como caixas de ferramentas, as quais podem servir para produzir um “curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder” conforme o uso empregado por cada pessoa ao se valer de alguns de seus escritos (p. 52).

Nesta perspectiva, utilizaremos algumas de suas ferramentas para analisar a rede de enunciações, de ordem biológica, presente nos artigos científicos e revistas, acerca da homossexualidade, buscando conhecer os métodos e estratégias empregados para examinar e produzir saberes e verdades acerca dos sujeitos homossexuais, os processos de objetivação e subjetivação empregados, bem como discutir como esses saberes são veiculados no discurso da mídia.

Assim, entendemos esses artefatos como produções históricas, políticas e sociais, evidenciando suas relações de poder-saber, percebendo as palavras enunciadas

¹³ Esse excerto trata-se de um trecho da entrevista concedida por Michel Foucault a Roger Pol-Droit, publicada no livro *Michel Foucault: Entrevistas*.

como construções de um determinado tempo e espaço e o quanto tais enunciados constituem o discurso biológico acerca da homossexualidade.

De acordo com Rosa Fischer (2001), pensar em realizar uma análise dos discursos, antes de tudo, é refutar aquelas explicações uniformes, de interpretações simplistas e fáceis, assim como não se deve buscar o que está por detrás do que é dito, do que está nas entrelinhas. Nas análises dos artigos científicos e reportagens, na perspectiva de Foucault, vamos trabalhar sobre as coisas ditas, ficar no nível de existência das palavras.

Analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. [...] consiste em não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 2009a, p. 55).

Neste sentido, os discursos não descrevem simplesmente objetos e, sim, produzem os objetos sobre os quais falam. Nesse processo, o importante não é defrontarmos o discurso e o objeto ao qual se refere, mas, sim, examinarmos quais são seus efeitos de verdade, ou seja, determinar como eles são tomados como verdades. Assim, nas análises culturais, consideramos como os discursos constroem, “de forma sistemática, versões do mundo social e natural e para o modo como ele posiciona os indivíduos nas relações de poder” (FISCHER, 2002, p. 86).

Por esse viés, os discursos são entendidos como um conjunto de enunciados que se apoiam em formações discursivas e que são definidos em um determinado quadro de condições de existência (FOUCAULT, 2009a). Os enunciados são compreendidos como acontecimentos,

na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas relações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (Ibid., p. 31)

Assim, um enunciado trata-se sempre de um “acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2009a, p. 31). Conforme aponta Veiga-Neto, para Foucault, o enunciado

é um tipo muito especial de um ato discursivo: ele se separa dos contextos locais e dos significados triviais do dia-a-dia, para constituir um campo mais ou menos autônomo e raro de sentidos que devem, em seguida, ser aceitos e sancionados numa rede discursiva, segundo uma ordem – seja em função do seu conteúdo de verdades, seja em função daquele que praticou a enunciação, seja em função de uma instituição que o acolhe (2007, p. 94-95).

De acordo com Fischer (2001, p. 198), não há nada nessa análise “por trás da cortina, nem sob o chão que pisamos”, o que há são “enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento”.

Nesse sentido, analisar a rede de enunciações presente nos artigos científicos e reportagens significou considerar que não existia nada oculto e que precisaria ser revelado nas análises. Investigar estes artefatos é explorar o que foi dito, o que estava posto, buscando evidenciar as relações de poder-saber existentes. Assim, buscamos problematizar alguns enunciados que compõe o discurso biológico acerca da homossexualidade e que estiveram e estão implicados na constituição dos sujeitos homossexuais.

Na perspectiva foucaultiana, os enunciados seguem uma certa organização, a qual é possibilitada pelo o fato de os mesmos pertencerem a uma determinada formação discursiva. Assim, ao demarcarmos uma formação discursiva, fazemos emergir algo dos enunciados e, ao traçarmos enunciados, vamos individualizando uma formação discursiva (FISCHER, 2001). Para Foucault, a formação discursiva trata-se de

um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (2009a, p. 82).

A partir destas ferramentas foucaultianas, neste trabalho, iremos focar nosso olhar para investigar três eixos, principais, sobre as enunciações produzidas sobre a homossexualidade e os sujeitos homossexuais: O primeiro será conhecer na rede enunciativa dos artigos científicos analisados quais os métodos e estratégias empregados pelas diferentes estudos para esquadrihar e investigar os corpos e as sexualidades desses sujeitos. O segundo está relacionado à análise dos saberes

científicos, veiculados nos artigos, produzidos para explicar e justificar a causa ou “origem” da homossexualidade. E o terceiro buscará perceber como esses saberes científicos são utilizados para produzir o discurso da mídia sobre a homossexualidade, nesse caso o das revistas brasileiras analisadas, a fim de apontar verdades sobre os/as homossexuais. Assim, vamos analisar as enunciações presentes nos artigos e revistas a fim de evidenciar um grupo de relação entre os enunciados, procurando entender o conjunto de regras que os tornam possíveis. É preciso, conforme Foucault,

caracterizar e individualizar a coexistência desses enunciados dispersos e heterogêneos; o sistema que rege sua repartição, como se apoiam uns nos outros, a maneira pela qual se supõem ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de seu revezamento, de sua posição e de sua substituição. (2009a, p. 39)

A análise do discurso procura evidenciar de que forma os diferentes textos, dos quais tratamos, remetem-se uns aos outros, “se organizam em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comum a toda uma época” (FOUCAULT, 2009a, p. 134). Conforme Foucault, “trata-se de uma análise do discurso na dimensão de sua exterioridade” (2010, p. 11). Desta forma, o discurso deve ser tratado não como um comentário, mas como um monumento. Deve-se procurar no discurso suas condições de possibilidade e não procurar seus métodos estruturais e leis de construção, bem como relacionar o discurso ao campo prático no qual se situa.

Nesta direção, alguns princípios reguladores devem ser operados para se fazer tal análise: a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade e a de condição de possibilidade.

Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causa e efeitos na unidade informe de um grande devir [...]; mas não é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o ‘lugar’ do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição (FOUCAULT, 2006a, p. 56).

Na perspectiva foucaultiana de discurso, percebemos os enunciados, os quais compõem o discurso biológico acerca da homossexualidade – que emergiram na rede de enunciações analisadas nos artigos científicos e reportagens – como construções sócio,

históricas e engendradas a relações de poder-saber, os quais dependem de um conjunto de possibilidades que se correlacionaram em determinado momento. Os significados construídos acerca da homossexualidade e de suas possíveis causas biológicas são produzidos por diferentes campos do saber e divulgados nas diversas instâncias sociais, como a mídia. Nesse processo estão engendradas relações de poder que atuam como um amplo domínio simbólico no qual e através do qual vão sendo construídos modos de definir e perceber a homossexualidade e os sujeitos homossexuais.

5 ARTIGOS: TECENDO ALGUMAS ANÁLISES

5.1 Para além de um corpo transparente: investigando os métodos e estratégias de esquadrihar o sujeito homossexual¹⁴

5.1.1 Resumo

O presente estudo tem como objetivo investigar os métodos e estratégias utilizadas para analisar como os sujeitos são classificados como homossexuais, bem como discutir como alguns dos mecanismos criados, ao longo do tempo, possibilitaram olhar para os corpos e, assim, construir “verdades” e significados sobre as formas utilizadas para definir tais sujeitos. Foram analisados artigos disponíveis no banco de dados *Science Direct*, através de algumas ferramentas da análise do discurso. Ao examinarmos as formas de investigação dos sujeitos, observamos a atuação de duas tecnologias: uma relacionada às técnicas de visualização médica dos corpos e outra relacionada às técnicas de exame, as quais transformam os indivíduos em peças de um dispositivo estratégico que permite uma série de utilizações: construção de saberes, produção de arquivos e dados, “classificação” dos sujeitos, entre outras.

Palavras-chave: Exame. Homossexualidade. Tecnologias médicas de visualização.

5.1.2 Introdução

Visando investigar as condições de possibilidade que permitiram com que alguns discursos na história fossem produzidos acerca dos corpos e das sexualidades de alguns sujeitos, temos como objetivo neste artigo investigar nos diversos campos de saber (Psicologia, Medicina, Neurociência, Psiquiatria, entre outros) os métodos e estratégias empregadas para analisar como determinados sujeitos são classificados como homossexuais, bem como discutir como alguns dos mecanismos criados, ao longo do tempo, possibilitaram olhar para os corpos desses sujeitos e, assim, construir “verdades” e significados sobre as formas utilizadas para defini-los.

A partir da perspectiva foucaultiana, estamos entendendo a verdade como “o conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2007, p. 13). A verdade está relacionada a sistemas de poder, que a produz e apoia e, também, a efeitos de poder que ela induz e que a reproduz. A esta ligação da verdade a sistemas de poder Foucault nomeou de “regime” de verdade. Para o autor, cada sociedade tem seu “regime de verdade”, ou seja, os tipos de discursos que admite e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instâncias que distinguem os enunciados verdadeiros dos falsos, as

¹⁴ Artigo submetido a Revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos. Para esta revista não se fez necessário à apresentação do resumo traduzido para o idioma inglês.

diferentes técnicas e os procedimentos legitimados para se produzir a verdade e o estatuto dos que têm como função ditar o que funciona como verdade.

Para a produção de “verdades” tendo como premissa a universalidade dos saberes, foi instituído o Método Científico, sendo esse considerado a única maneira de produzir conhecimentos válidos, no campo da Ciência. Conforme Henning, esse método tinha dois balizadores, observar e experimentar, e

somente a partir dessas duas premissas era possível transformar informações em conhecimentos científicos. O que suportasse o teste do Método Científico era então considerado válido em qualquer parte do mundo, já que o princípio básico era a universalidade dos conhecimentos verdadeiros (2007, p. 168).

Na construção de conhecimentos “válidos”, diferentes campos de saber vêm se utilizando de alguns métodos e estratégias para “estudar” os sujeitos, sendo esses modos de investigação que iremos analisar. Para tanto, temos como foco de análise artigos científicos disponíveis no banco de dados *Science Direct*, na plataforma de Periódicos Capes. Os artigos analisados tratam-se de estudos relacionados aos corpos e a sexualidade reconhecida socialmente como desviante: a homossexualidade.

5.1.3 Tecendo entendimentos acerca dos corpos e das sexualidades

O corpo, superfície de inscrição dos acontecimentos, como aponta Foucault (2007), foi historicamente marcado, dissecado, esquadrinhado, visualizado e (re)descoberto a cada instante em que uma nova técnica de examiná-lo e explorá-lo fosse produzida em nossa sociedade. Tornou-se cada vez mais intenso o processo de tornar visível o interior do corpo. Conforme Ortega (2008), esse processo possibilitado pelas tecnologias de visualização precisa ser entendido dentro de uma transformação cultural e social, a qual desloca para a exterioridade, o modelo internalista e intimista de construção e descrição de si. Trata-se de uma cultura que extinguiu as distinções entre interior-exterior, corpo-alma, essência-aparência, mente-cérebro. Esse *self* somático, de acordo com Ortega,

busca se igualar, se conformar às normas de comportamento e estilos padronizados, [...], imagens ideais do corpo como a única maneira de escapar da tirania da aparência na cultura somática, na qual tudo está à mostra e os indivíduos não podem se esconder (2008, p. 74).

Pensar nesse modo de olhar para os corpos nos possibilita questionar sobre que corpo é esse que está sendo visualizado: trata-se somente de um dado biológico ou somente de uma construção discursiva? Souza (2007) possibilita-nos pensar em uma materialidade humana que esteja imersa e constituída nas interações com as práticas discursivas que se encontram no meio social e histórico o qual as precedeu, nomeou e nomeia. Para a autora,

este ser – nomeado humano – desde que nasce é imerso em sistemas de significação produzidos nas práticas discursivas que, ao instituírem as marcas sociais [...] que o nomeiam, definem e posicionam, dão-lhe um corpo-identidade ou, dito de um outro modo, o tornam sujeito (Ibid., p. 99).

Por esse viés, não estamos negando a materialidade biológica dos corpos, mas procurando pensá-la imbricada às práticas culturais e discursivas que nos ensinam os sentidos que passamos a atribuir aos corpos, aos sujeitos e a nós mesmos/as.

Conforme Laqueur (2001), ao longo dos séculos, foram sendo produzidos inúmeros trabalhos que buscavam, na matriz biológica dos corpos, fundamentar saberes sobre as condutas e comportamentos de homens e mulheres. Nesse processo, através do discurso científico, primeiramente se instituiu um corpo isomórfico, considerando a mulher um “homem invertido”. Entre os séculos XVIII e XIX, “a leitura dos corpos estava baseada na diferenciação radical entre os corpos-sexuados” e o dimorfismo propiciou “a emergência de novas subjetividades e de novas identidades coletivas” (BENTO, 2006, p. 116). Assim,

a linguagem científica é uma das mais refinadas tecnologias de produção de corpos-sexuados, à medida que realiza o ato de nomear, de batizar, de dar vida, como se estivesse realizando uma tarefa descritiva, neutra, naturalizando-se (Ibid., p. 116).

Nessa história da produção de um discurso verdadeiro sobre o sexo, no século XIX, a sociedade Ocidental constituiu uma *scientia sexualis* (FOUCAULT, 2007a). Os procedimentos de confissão passaram a compor a formação regular do discurso científico e para produzir verdade sobre o sexo, existia uma série de procedimentos que se ordenavam, “em função de uma forma de poder-saber [...] que é a confissão” (Ibid., p. 66).

A sexualidade dos sujeitos passou a ser entendida como algo a ser interpretado, ou seja, para conhecer verdades sobre o sexo dos sujeitos, não bastava olhar para os

corpos, deveria fazê-los confessar não apenas o ato sexual, mas os pensamentos, as imagens, os desejos e os prazeres individuais. Esse fazer falar combina a confissão com o exame, ou seja, o processo de narrar-se se desenvolve “com um conjunto de sinais e sintomas decifráveis; o interrogatório cerrado, hipnose com a evocação das lembranças, as associações livres”, são exemplos de alguns meios de posicionar a confissão dentro de um “campo de observações cientificamente aceitáveis” (FOUCAULT, 2007a, p. 74).

Nessa produção de saberes, ao longo do tempo, foram sendo criadas novas estratégias explicativas, que reiteram muitas das teses do determinismo biológico clássico. Esses discursos sugerem que, em certo momento do desenvolvimento dos indivíduos, ocorra o estabelecimento da identidade sexual¹⁵. Entendemos as identidades sexuais como as diferentes maneiras de viver os prazeres e os desejos corporais, não sendo tomadas como essências ou inatas aos sujeitos, mas sim, como construídas social e historicamente. Assim, não é possível fixar um momento que possa ser tomado como aquele em que as identidades sexuais sejam estabelecidas.

El-Hani et al (1997) destacam que a história das investigações sobre as identidades sexuais foi marcada por tentativas de reduzir sua compreensão a um conjunto restrito de fatores causais. Sendo que os resultados da pesquisa biológica não fogem a essa regra, e dados que parecem indicar uma contribuição são, com frequência, interpretados no sentido de uma determinação biológica.

Nesse processo de construção de conhecimentos, percebemos que a heterossexualidade é concebida como inata, sendo a homossexualidade, entendida como um “comportamento” que foge à regra natural, ou seja, anormal e, por isso, sua “origem” necessita ser desvelada.

Conforme Foucault (2007a), a homossexualidade surgiu como uma das figuras da sexualidade quando foi deslocada da prática da sodomia para uma espécie de hermafroditismo da alma. Para Nucci e Russo (2009), a ideia do “terceiro sexo”, desenvolvida na metade do século XIX, foi uma das primeiras teorias científicas sobre a homossexualidade, em que o homossexual era visto como possuidor de uma alma feminina em um corpo masculino.

¹⁵ Neste estudo estamos entendendo a hetero, a homo e a bissexualidade como identidades sexuais e não como orientação, comportamento sexual, entre outros termos utilizados para nomear tais formas de viver os prazeres e desejos corporais. Ao longo do texto quando utilizarmos a expressão orientação sexual a colocaremos entre aspas, no sentido de marcar que essa é a nomenclatura utilizada nos artigos analisados para nomear as identidades sexuais.

Nesta história de investigação do sujeito homossexual, Caponi (2007) aponta que duas modalidades diferentes destacaram-se na formulação das explicações biológicas de condutas consideradas “desviantes”. A primeira foi representada pelos higienistas e alienistas do início do século XX – que centravam as explicações na hereditariedade – e a segunda, pela neurobiologia, genética e sociobiologia, que surgiram a partir das últimas décadas do século XX e tem suas formulações baseadas em explicações químicas e neurobiológicas, em uma procura por genes específicos, focando no cérebro, nos feromônios e em entre outros aspectos da biologia dos indivíduos, que seriam a causa direta dos comportamentos denominados “desviantes”. Os saberes produzidos por essas modalidades de investigação apontam a homossexualidade como fora do campo das expressões ditas como legítimas da sexualidade humana, tornando-as “desvios”, “anomalias”, “vícios” e “doenças” (SOUSA FILHO, 2009).

A representação da homossexualidade como algo clínico, patológico surgiu no século XIX nas sociedades ocidentais. Foucault (2007a) argumenta que “a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as ‘sensações sexuais contrárias’ pode servir de data natalícia” (p. 50). Nesse livro, a homossexualidade foi definida como um desvio sexual, possibilitando com que os estudiosos da época e seus sucessores descobrissem o que “na anatomia ou na história familiar do ‘doente’, pôde provocar sua ‘anomalia’”. Dessa forma, a homossexualidade passou a ser combatida como doença, crime e vício, por um século (SOUSA FILHO, 2009, p. 100).

Nesse processo, a redefinição da norma estava ligada à definição do que constituía a anormalidade e o que observamos é que, no final do século XIX, a discussão dos termos heterossexual e homossexual apontava para um esforço de redefinir a norma. Com isso, não argumentamos que a heterossexualidade e a homossexualidade não existiam antes do século XIX. O que procuramos problematizar é o modo como as identidades sexuais foram sendo definidas e concebidas, considerando a heterossexualidade como normal e a homossexualidade como anomalia/patologia.

No ano de 1948, o zoólogo e sexólogo Alfred Kinsey realizou o primeiro estudo estatístico sobre a homossexualidade, o qual estabeleceu a Escala Kinsey. A pesquisa envolveu 17 mil participantes e, até os dias atuais, os dados produzidos são

considerados como um dos maiores estudos do mundo relacionados ao “comportamento sexual humano” (NUNES; RAMOS, 2008). Em 1985, Klein propôs a utilização da escala KSOG (Klein Sexual Orientation Grid), a qual seguia os mesmos princípios da escala de Kinsey, mas incluía novos aspectos. Tais estudos passaram a considerar a homossexualidade não mais como uma doença, mas como uma “orientação”, um “comportamento”.

Em 1973, a Associação dos Psiquiatras Americanos deixou de considerar a homossexualidade como problema mental e a retirou da lista das doenças mentais. No entanto, apenas em 1991, a Organização Mundial da Saúde excluiu a homossexualidade da lista de doenças. No Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Medicina passou a não mais considerar a homossexualidade como doença. Contudo, o Conselho Federal de Psicologia e outras entidades da área não haviam se manifestado com relação a esse assunto quando, em 1999, com a resolução 001, foram estabelecidas normas aos/às psicólogos/as quanto à atuação com relação às “orientações sexuais”, não sendo mais permitida a colocação da homossexualidade como doença, ou distúrbio. A partir daí, esses/as profissionais não poderiam trabalhar com propostas de tratamento e de cura da mesma.

Contudo, percebemos que os sujeitos homossexuais e seus corpos não deixaram de ser algo que deve ser esclarecido, investigado, visto que não correspondem à norma heterossexual, estabelecida socialmente como natural. Conforme Sousa Filho,

a homossexualidade como desvio, para cuja existência pesa uma causa específica (talvez variando conforme o caso), é o objeto das mais variadas fantasias... das credices da opinião popular às dos consultórios médicos e dos divãs, passando para os laboratórios universitários e de pesquisa (2009, p. 104).

Assim, torna-se relevante tecermos algumas problematizações acerca dos métodos e estratégias utilizadas nas pesquisas atuais, a fim de discutirmos esse processo de produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais. Para tanto, a seguir, apresentaremos algumas estratégias utilizadas neste estudo para a produção dos dados da pesquisa.

5.1.4 Sobre a produção dos dados e ferramentas de análise

Neste trabalho temos como foco de análise os estudos científicos, dos diferentes campos de saber (psicologia, biologia, medicina, neurociência, entre outras), relacionados a homossexualidade.

Para coleta dos artigos, realizou-se consulta no banco de dados *Science Direct*¹⁶, disponível na plataforma de Periódicos CAPES, utilizando a palavra-chave *homosexuality*. No primeiro momento, obtivemos um total de 6395 trabalhos. Desses, 6.006 eram referentes a artigos publicados em revistas; 479 eram livros; e 156 eram trabalhos referenciados em outros estudos. Para este estudo, utilizamos aqueles trabalhos publicados em periódicos.

A fim de restringirmos os resultados, utilizamos dois filtros para a pesquisa disponibilizados pelo próprio banco de dados: *sex difference* (23 artigos) e *sex orientation* (48 artigos). Foram analisados os artigos publicados entre os anos de 1995 a 2010. Dentro da comunidade científica, aponta-se que a partir do ano de 1995 houve uma maior produção de dados adicionais relacionados às identidades sexuais (RAHMAN; WILSON, 2003), sendo essa a justificativa que corroborou em nossa escolha por esse período de tempo. Além disso, somente foram analisados aqueles artigos que mencionavam os métodos e estratégias utilizadas para classificar os sujeitos em homossexuais.

Com esse recorte, o *corpus* de análise deste trabalho constituiu-se com um total de vinte e um artigos. Tais artigos foram produzidos por pesquisadores/as de Universidades dos seguintes países: Espanha, Holanda, Canadá, Reino Unido, Rússia e Estados Unidos. Nessas universidades, esses/as pesquisadores/as atuam nos Departamentos e/ou Institutos de: neurociência, psicologia (a maioria dos artigos são produzidos nesse campo de saber), medicina, histologia e embriologia, ciências humanas, psiquiatria, ciência da saúde, sociologia, biologia, biomedicina, patologia e estudos em educação.

Para análise e discussão dos dados, utilizamos algumas ferramentas foucaultianas para fazer análise do discurso. Ao falar sobre essa metodologia, Foucault destaca que são muitas as incertezas as quais gostaria de substituir pela análise do discurso, ele próprio em suas “condições de formação, na série de suas modificações e

¹⁶ Esse banco de periódicos pode ser acessado através do site www.periodicos.capes.gov.br.

no jogo de suas dependências e de suas correlações” (2010, p. 15). Assim, o discurso aparece em uma relação descritível com o conjunto de outras práticas.

Lidaríamos com uma história das práticas discursivas nas relações específicas que as articulam com as outras práticas. (...) E é no espaço dessa história geral que poderia circunscrever-se como disciplina a análise histórica das práticas discursivas (FOUCAULT, 2010, p. 15).

A partir de tal análise, é possível investigar os discursos como um conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível e polêmico e estratégico em outro. Partimos da investigação dos discursos como conjuntos de acontecimentos discursivos e, nessa análise, tivemos como princípios reguladores: o acontecimento, a série, a regularidade e a condição de possibilidade. Assim, nas análises culturais pudemos considerar como os discursos constroem, “de forma sistemática, versões do mundo social e natural e para o modo como ele posiciona os indivíduos nas relações de poder” (FISCHER, 2002, p. 86).

Conforme Foucault, “trata-se de uma análise do discurso na dimensão de sua exterioridade” (2010, p. 11), conseqüentemente, o discurso deve ser tratado não como um comentário, mas como um monumento, devendo-se procurar no mesmo suas condições de possibilidade e não procurar seus métodos estruturais e suas leis de construção, bem como relacionar o discurso ao campo prático no qual se situa.

Contudo, ressaltamos que Foucault não delimita um método para fazer análise do discurso. O que ele nos possibilita são algumas pistas, colocando-nos à disposição uma caixa de ferramentas para operarmos de forma analítica, mas não podemos afirmar que tudo vale para fazer esse tipo de análise. É necessária uma rigorosidade teórica ao utilizarmos as ferramentas analíticas de Foucault.

A partir dessas ferramentas foucaultianas, neste trabalho, não focamos nosso olhar para os saberes produzidos sobre os sujeitos homossexuais, mas buscamos conhecer, na rede discursiva dos artigos científicos analisados quais métodos e estratégias empregados pelas diferentes Ciências para esquadrihar e investigar os corpos e as sexualidades desses sujeitos. A seguir, apresentamos as análises dos artigos em que emergiram métodos e estratégias a fim de classificar os sujeitos em homossexuais.

5.1.5 Apresentado os métodos e estratégias para a produção dos saberes: corpos transparentes e exame

Na análise, pudemos perceber que os estudos analisados empregaram, em suas formas de investigação, métodos e estratégias que focavam em estruturas anatômicas e fisiológicas dos corpos dos sujeitos examinados, como genes, hormônios, cérebro, relação desses componentes corporais com fatores como ordem de nascimento na família, estrutura corporal (peso, altura, relação entre segundo e quarto dígitos da mão, etc.), uso de fármacos durante a gravidez, entre outros.

Ao examinarmos as formas como os sujeitos homossexuais foram investigados, podemos observar a atuação de duas tecnologias: às técnicas utilizadas para tornar os corpos cada vez mais transparentes e às técnicas de exame as quais passam a transformar o indivíduo em um caso.

Para apresentar os métodos e estratégias empregadas em cada artigo analisado, vamos dividir os mesmos em duas categorias de análise¹⁷ relacionadas às tecnologias empregadas para classificar os sujeitos quanto a sua identidade sexual. A categoria, “Corpos transparentes”, apresenta os métodos empregados nos estudos para fazer operar essa tecnologia de investigação dos corpos dos sujeitos. A categoria, “Exame”, mostra as estratégias utilizadas para fazer funcionar essa tecnologia de investigação da vida dos sujeitos.

5.1.5.1 CORPOS TRANSPARENTES

5.1.5.1.A- RESSONÂNCIA MAGNÉTICA, TOMOGRAFIA E EXPERIMENTOS EM ESPÉCIES ANIMAIS

Alguns estudos analisados (SWAAB; HOFMAN, 2010; RAHMAN; WILSON, 2010a; SWAAB et al, 2010; SWAAB, 2010; RAHMAN, 2010; BYNE et al., 2010; MAS; FUMERO; GONZÁLEZ-MORA, 2010) têm como base a visualização de regiões do cérebro, como o hipotálamo de animais (ratos e ovelhas, por exemplo) e humanos.

¹⁷ Ressaltamos que devido ao limite de caracteres indicados para o trabalho, para discutirmos os materiais analisados foi necessário deixar de apresentar o conjunto completo dos excertos selecionados, limitando-nos a incluir um número reduzido dos mesmos, porém todos os artigos podem ser acessados através do Portal de Periódicos da Capes. Os excertos extraídos dos artigos analisados são de tradução das autoras do presente trabalho.

Esses artigos apresentam, como forma de investigação e análise, as imagens de ressonância magnética funcional (fMRI) e imagens produzidas através de tomografia.

A disponibilidade de tecnologias de neuroimagem permite uma série de hipóteses sobre a base do cérebro para a orientação sexual a serem avaliadas. Ressonância magnética estrutural poderia ser usada para examinar a estrutura e subdivisões do corpo caloso de homossexuais para determinar se a sua morfologia é o sexualmente atípica¹⁸. (RAHMAN; WILSON, 2010a, p. 1370)

Enquanto modelos animais apontam para um papel dos andrógenos pré-natais na produção de variação sexual em regiões do hipotálamo (MORRIS et al., 2004), uma relação semelhante em seres humanos não está clara. [...] No entanto, um modelo animal muitas vezes ignorado pelos cientistas pode fornecer alguma orientação. Alguns machos de certas espécies de ovelhas mostram uma preferência exclusiva pelo mesmo sexo [...]. (RAHMAN, 2010, p. 1602)

5.1.5.1.B- NECROPSIA

No estudo de Byne et al. (2010), o material de observação era derivado de autópsias e necropsias dos cérebros de sujeitos heterossexuais e homossexuais. O estudo de Rahman e Wilson (2010a), também sugere o uso deste material para esse tipo de pesquisa.

Alternativamente, os investigadores podem desejar mapear a distribuição de receptores de esteroides gonadais nas regiões do hipotálamo dos homossexuais e comparar isso com os heterossexuais. Modelos animais podem ser úteis neste aspecto, mas os estudos devem ter como objetivo empregar cérebros humanos post-mortem. (RAHMAN, WILSON, 2010a, p. 1370)

O estudo mediu o INAH em fixação de Nissl em cortes coronais em material de autópsia de 34 homens presumidos heterossexuais (24 HIV2 e 10 HIV1), 34 mulheres presumidas heterossexuais (25 HIV2 e 9 HIV1), e 14 homens homossexuais (todos HIV1). (BYNE et al., 2010, p. 86)

¹⁸ Os excertos apresentados são de tradução das autoras desse trabalho.

5.1.5.1.C- LATERALIDADE

A observação da lateralidade foi empregada em alguns estudos (BLANCHARD et al., 2010; BOGAERT; BLANCHARD; CROSTHWAIT, 2010; BOGAERT, 2010; NEAVE; MENAGED; WEIGHTMAN, 2010; RAHMAN, WILSON, 2010; RAHMAN, 2010a). Para tanto, a lateralidade poderia ser: informada pelos/as participantes (através de questionário), medida através de testes neuropsicológicos que incluía um inventário sobre a lateralidade padrão (juntamente com um questionário), ou medida através de uma versão modificada do Inventário de *Edinburgh*.

Preferência da mão foi avaliada pela pergunta: “Você é destro ou canhoto?”. (BOGAERT; BLANCHARD; CROSTHWAIT, 2010, p. 847)

A medida de lateralidade era uma versão modificada do Inventário de Edinburgo (Oldfield, 1971), que pergunta sobre o uso de mão em 10 atividades físicas (por exemplo, escrever, jogar uma bola, abrir uma tampa). (BOGAERT, 2010, p. 142)

5.1.5.1.D- HORMÔNIOS

Os estudos que investigaram os hormônios (NEAVE; MENAGED; WEIGHTMAN, 2010; RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010) utilizaram a técnica de radioimunoensaio (*radioimmunoassays* – RIA) – em amostras de saliva – e verificação da exposição pré-natal a níveis de esteroides sexuais.

Após o término do estudo, as concentrações de T foram determinadas a partir de amostras de saliva. (NEAVE, MENAGED; WEIGHTMAN, 2010, p. 249)

O sexo psicológico (score M/F) acrescentou uma quantidade pequena, mas significativa, de variação dos escores da rotação mental e de velocidade de percepção, [...] mas itens relacionados a índices hormonais pré-natais, tais como relação entre segundo e quarto dedo, ordem de nascimento e sexo dos irmãos não adicionou nenhum poder preditivo independente. (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010, p. 867)

5.1.5.1.E- MEDIDAS CORPORAIS

Para estudar a relação entre o segundo e quarto dígito (2D:4D), as seguintes técnicas foram empregadas: fotocópias eletrostáticas das mãos, medidas realizadas diretamente nas mãos dos/as participantes, digitalizações ou marca de tinta das mãos (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010; ROBINSON; MANNING, 2010; RAHMAN, 2010a; RAHMAN; WILSON, 2010; GRIMBOS et al.; 2010).

Fotocópias electro-estática das mãos esquerda e direita dos indivíduos foram feitas. Foi pedido aos participantes que colocassem cada mão (em volta) de uma folha de acetato colocado na copiadora, com os dedos completamente estendidos. (RAHMAN; WILSON, 2010, p. 294)

[...] o comprimento do dedo foi medida diretamente das mãos (medida direta) ou de fotocópias, digitalizações, cópias ou tinta das mãos (medida indireta). (GRIMBOS et al.; 2010, p. 280)

Aspectos como altura e peso dos/as participantes e/ou do pai e da mãe foram analisados em alguns estudos (BOGAERT, 2010a). Para tanto, essas questões eram informadas pelo/a participante. No estudo de Rahman (2010a), além de informar o peso e altura ainda foram medidas a largura das orelhas, dos pulsos, dos tornozelos e pés, do comprimento das orelhas e dos quatro dedos.

As medidas foram tomadas de nove locais bilaterais em todos os participantes diretamente do corpo: a largura das orelhas, pulsos, tornozelos e pés, e comprimento das orelhas e dos quatro dedos (excluindo o polegar), utilizando pinças digitais de medição para 0,01 mm. Os 2º e 4º dedos (e todos os dedos) foram medidos da ponta do dedo para a articulação ventral proximal. [...] Um pesquisador treinado (cego à orientação sexual) mediu todos os participantes duas vezes (a segunda medição imediatamente após a primeira). (RAHMAN, 2010a, p. 386)

5.1.5.1.F- GENES

Para realização dos estudos referentes à genética molecular destacou-se o mapeamento do *loci* específico responsável pela “orientação sexual”, através do método de acoplamento de genealogia da família, do estudo com gêmeos e da concordância dentro da família (através de seis relatórios) ou através de estudo de genes específicos (RAHMAN, 2010).

As primeiras tentativas de mapear um loci genéticos específico responsáveis pela orientação sexual usando métodos de ligação da árvore genealógica levou à descoberta de marcadores na região cromossômicas Xq28 (Hamer et al., 1993). (RAHMAN, 2010, p. 1058)

5.1.5.1.G- TESTE PHALLOMETRIC

No estudo de Blanchard et al. (2010), foram utilizados testes “*Phallometric*”, sendo esse um método psicofisiológico para a avaliação de preferências eróticas em “machos humanos”, conforme coloca o artigo.

[...] Neste procedimento, as mudanças de volume de sangue do pênis do homem são monitoradas enquanto ele experimenta um conjunto padrão pré-gravado de estímulos potencialmente eróticos. (BLANCHARD et al., 2010, p. 407)

5.1.5.2 EXAME

5.1.5.2.A- QUESTIONÁRIOS, DOCUMENTOS CLÍNICOS E LEGAIS, PENSAMENTOS E EXPERIÊNCIAS SEXUAIS

Para classificar os sujeitos pesquisados, a maioria dos artigos analisados empregou como método o uso de questionários (NEAVE; MENAGED; WEIGHTMAN, 2010; RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010; BOGAERT, 2010; BLANCHARD et al., 2010; BOGAERT, 2010; ROBINSON; MANNING, 2010; BOGAERT; FRIESEN, 2010). Tais questionários continham perguntas relacionadas às preferências eróticas, histórias de comportamentos sexuais criminosos ou não, documentos clínicos e legais, dados da família, quem eram seus/suas parceiros/as

sexuais (homens ou mulheres), atração sexual, com quantos/as parceiros/as manteve relações sexuais e com que frequência.

Orientação sexual foi determinada por autorrelato de um questionário parcialmente derivada da Escala Sell de Orientação Sexual [...]. (NEAVE, MENAGED; WEIGHTMAN, 2010, p. 248)

Participantes foram convidados a preencher um questionário de seis itens: (1) seus parceiros sexuais no passado têm sido os homens; (2) episódios sexuais deste ano foram com os homens; (3) quando fantasiando sozinho você pensa em homens; (4) quando fantasiando durante sexo você pensa em homens; (5) as pessoas que você diz serem atraentes são homens, e (6) aqueles com quem você tenta/tentou conversar são homens. (ROBINSON; MANNING, 2010, p. 336)

5.1.5.2.B- ESCALA KINSEY

Alguns dos estudos analisados utilizaram dados disponíveis nos arquivos do *Kinsey Institute for Sex Research* ou, para “classificar” os sujeitos quanto a sua “orientação sexual”, empregaram a escala Kinsey, modificada ou não (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010; BOGAERT, 2010b; BOGAERT; BLANCHARD; CROSTHWAIT, 2010; HERSHBERGER, BOGAERT, 2010; RAHMAN, 2010a; RAHMAN; WILSON, 2010; GRIMBOS et al., 2010).

[...] total de 17.502 relatos de caso tomados entre 1938-1963 estão incluídos nos bancos de dados informatizados do Instituto Kinsey para pesquisa sobre Sexo, Gênero e Reprodução. (BOGAERT; BLANCHARD; CROSTHWAIT, 2010, p. 847)

Orientação sexual foi avaliada usando uma escala Kinsey modificada, derivado de Coleman (1987). Isto envolveu responder a uma pergunta sobre auto-identificação, sobre atração romântica/sexual, fantasias romântica/sexual e comportamento sexual em uma escala de sete pontos [...]. (RAHMAN; WILSON, 2010, p. 293)

5.1.5.2.C- PAPEL ERÓTICO

Em alguns trabalhos, um dos itens analisados foi a “identificação do papel erótico” dos/as participantes. Para tanto, foi solicitado aos/às participantes que respondessem se pensavam em si como “macho”/ativo ou “fêmea”/passiva (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010; RAHMAN; WILSON, 2010). No estudo de Rahman e Wilson (2010), essa pergunta era feita somente aos/às homossexuais.

Apenas indivíduos homossexuais completaram este ensaio. Eles foram convidados a responder a duas afirmações: "Eu me vejo principalmente como ativa ou ativo" e "Eu me vejo principalmente como passiva ou passivo" [...]. (RAHMAN; WILSON, 2010, p. 294)

5.1.5.2.D- SEXO PSICOLÓGICO

Para avaliar o “sexo psicológico” (masculino/feminino) dos/as participantes, um dos artigos utilizou a escala *Eysenck Personality Profiler* (EPP), composta por itens que mostrariam o máximo de separação típica entre homens e mulheres, que vão da preocupação sobre insetos rastejantes à disposição de expressar a emoção (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010).

Os indivíduos completaram uma sub-escala de 20 itens ("masculinidade-feminilidade") do Formulário de Personalidade de Eysenck (EPP) (Eysenck et al., 1996). [...] É composto por itens que, empiricamente, mostram o máximo de separação entre homens e mulheres típicas, que vão desde a preocupação com insetos rastejando, tolerância com obscenidades, o interesse em crianças e roupas, e vontade de expressar emoções (por exemplo, a chorar publicamente). (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010, p. 870)

5.1.5.2.E- GENEALOGIA DA FAMÍLIA

Para investigar a homossexualidade, alguns artigos realizaram a genealogia da família como forma de investigação (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010;

BOGAERT, 2010). Assim, procurava-se saber alguns dados, tais como: número de irmãos/ãs, irmãos/ã biológicos/as e não biológicos/as e situação sócio-econômica dos pais.

Ordem de nascimento foi derivada a partir do número de irmãos mais velhos, irmãs mais velhas, irmãos mais novos, e irmãs mais novas dos entrevistados. [...] Também foram avaliados: idade, ano de nascimento, idade dos pais biológicos no nascimento do entrevistado, o número de irmãos e irmãs, e status socioeconômico dos pais. (BOGAERT, 2010, p. 1395-1396)

5.1.5.2.F- RECONHECIMENTO DA FACE

O estudo de Rule e Ambady (2010), a fim de investigar a “classificação” da “orientação sexual” dos sujeitos, empregou a técnica de reconhecimento da face, ou seja, eram apresentadas imagens, por períodos de tempo diferentes, às participantes (somente mulheres) e essas deveriam dizer qual a “orientação sexual” da pessoa mostrada.

Participantes fizeram julgamentos baseados em rostos vistos por pelo menos 33 ms, 50 ms, 100 ms, 6500 ms, 10.000 ms, ou em seu ritmo próprio (isto é, as fotos eram apresentadas até que o participante pressionasse uma tecla de resposta). Os participantes foram instruídos de que eles veriam rostos de homens na tela do computador e que seriam convidados a classificá-los por cliques se esses rostos fossem parecidos com gays ou heteros. (RULE, AMBADY, 2010, p. 1101)

5.1.6 Tecendo algumas análises

Na busca de tornar os corpos cada vez mais transparentes e, assim, produzir saberes sobre os sujeitos, são empregadas tecnologias de imageamento (ressonância magnética, tomografia), necropsia como forma de investigação, quantificação dos índices hormonais, mapeamento dos genes, estudo da anatomia e fisiologia cerebral, lateralidade, relação dos dígitos das mãos, entre outros. Além disso, cada parte desse corpo é medida e esquadrinhada (dedos, altura, membros, etc.). Observou-se, também,

que para além do humano, os corpos das outras espécies de animais, como por exemplo, nesse estudo os ratos e ovelhas, também são colocados como possibilidades de comprovações para demarcar e explicar “comportamentos” ditos humanos.

Ao revisitarmos alguns pontos da história das tecnologias que possibilitaram tornar visível o interior do corpo, podemos perceber que, em nossa cultura, conhecer o interior do corpo e conhecer a si mesmo/a coexistem há muito tempo. Durante os séculos XVI e XVII, o chamado século visceral, a abertura dos corpos foi fundamental para produção dos conhecimentos, entendendo-se que o interior do corpo estava envolvido na produção da interioridade mental e espiritual. Nesse processo, a tradição anatômica e a história da visualização médica do corpo evidenciaram um retrocesso da experiência subjetiva do corpo, a qual encontra seu modelo ideal no corpo-máquina ou no corpo-cadáver, dissociado do eu pensante (ORTEGA, 2008). As marcas dessa história podem ser percebidas nas dissecações realizadas em alguns dos estudos atuais, com a investigação de cérebros de cadáveres.

Na história da medicina ocidental, podemos evidenciar o largo interesse dessa ciência pelo interior dos corpos. Conforme Foucault (2006a), a fundamental rachadura nessa história ocorreu no final do século XVIII, em que o olhar médico precisou transitar da doença para profundidade dos tecidos. As tecnologias visuais criadas foram adotadas pelas demais ciências, o que possibilitou reconfigurar o corpo, tanto em termos médicos quanto na cultura em geral.

No século XIX, a metáfora anatômica encontra-se presente na fisiognomia e na frenologia. Para ambas, existia a crença de que na superfície do corpo, especialmente na cabeça e no rosto, estavam presentes os signos externos do caráter, instigando-nos a observar o exterior para alcançar o interior. Nos artigos analisados a identificação de traços na face dos sujeitos é apontada como forma de classificação das identidades sexuais. Assim, o corpo passa a ser reduzido a alguns fragmentos dissociados de seus contextos (ORTEGA, 2008).

No fim desse século, a invenção dos raios-X por Roentgen, em 1895, contribuiu para novas configurações, tanto do olhar como dos conceitos sobre os corpos (CHAZAN, 2003). Conforme Ortega, nessa cultura

de demarcações claras e precisas entre interior e exterior, essência e aparência, visível e invisível, público e privado, as imagens de raios-X contribuíram para apagar distinções sociais e morais, e a própria ideia de privacidade e intimidade começou a mudar (2006, p. 92).

Nas últimas décadas do século XX, foram diversas as tecnologias de imagem médica inventadas. A tomografia computadorizada, a ressonância magnética e os PET-scanners dão a ideia de que para se obter uma imagem mais fidedigna ou natural do corpo, os dados precisam passar por um algoritmo computacional notavelmente complexo. Contudo, a imagem dita mais real do corpo é, simultaneamente, a mais artificial (CHAZAN, 2003). O que podemos observar é que, na atualidade, “as modernas tecnologias de imageamento do corpo têm popularizado e difundido as imagens de fragmentos” (ORTEGA, 2008, p. 111) destacados do corpo e dissociados do organismo ao qual pertencem, “continuando uma tendência iniciada nas imagens fisiognômicas e frenológicas” do século XIX (p. 111). No caso deste estudo, alguns artigos analisados focam em imagens cerebrais para definir a homossexualidade ou heterossexualidade, sendo esse órgão apontado como a “origem” dessas identidades.

Ao examinarmos alguns pontos dessa história, das técnicas e dos procedimentos construídos para possibilitar a visualização e a produção de conhecimentos sobre o corpo, percebemos que, desde as dissecações até às novas tecnologias, a imagem do corpo fornecida é a “de um corpo fragmentado, objetivado, e desmaterializado: recortado do ambiente. É o corpo-objeto da tradição anatomofisiológica, sem opacidade, nem subjetividade” (ORTEGA, 2008, p. 148).

Nesta direção, entendemos que “a visualidade é informada e configurada pelo contexto sociocultural e histórico na qual é vivenciada” (CHAZAN, 2003, p. 194). Mais do que falar e descrever esse corpo, percebe-se que as imagens decorrentes das técnicas de visualização o produzem. Além disso, ao olhar para o interior do corpo, ao torná-lo cada vez mais transparente, vão sendo construídas verdades sobre os sujeitos a partir dos discursos produzidos sobre seu cérebro, seus genes, seus hormônios, ou seja, sobre cada componente que constitui sua materialidade biológica, conforme observamos nos artigos analisados.

Tratando-se de investigações sobre os/as homossexuais, essas pesquisas são produzidas no sentido de construir modos de classificar esses sujeitos através de marcadores presentes em seus corpos. Tais estudos reforçam uma espécie de “naturalização” da sexualidade humana. Conforme Sousa Filho (2009), seu principal efeito é a criação da ideia de que a heterossexualidade seria inata, sendo assim normal,

ao passo que a homossexualidade seria algo adquirido, não sendo nem normal e nem da natureza de homens e mulheres.

Podemos evidenciar esse processo de naturalização da sexualidade operando nas pesquisas analisadas a partir do momento em que, na maioria delas, encontra-se instituído como grupo controle dos estudos, um grupo de sujeitos heterossexuais.

Nesse processo de classificação dos sujeitos e determinação da homossexualidade como desvio da população “normal” – heterossexual – nos possibilita problematizar o quanto as categorias de avaliação de sujeitos e grupos cumprem a função de definir a “normalidade” e “superioridade” de uns e o desvio da “normalidade” e a “inferioridade” de outros (VELHO, 1990). Para o autor, o sentido de desvio implica a existência de um comportamento médio ou ideal, que expressaria uma harmonia com as exigências das normas sociais. Esse entendimento emerge a partir da ideia de comparação entre as pessoas que são socialmente pré-definidas como sendo saudáveis, “não existindo desviantes, mas sim, uma relação entre atores que acusam outros atores de estarem consciente ou inconscientemente quebrando, com o seu comportamento, limites e valores socioculturais.” (Ibid., p. 139)

Neste sentido, podemos problematizar que nas afirmações de Velho (1990) está não somente o fato de problematizar as definições e classificações de sujeitos ou grupos desviantes, como também, o questionamento dos planos e metas de controle social. A ideia de desvio e a naturalização dos limites aos desviantes operam em vários sentidos que vão da sociedade ao indivíduo e do indivíduo à sociedade. Nesta direção, uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder normatizadora centrada na vida. Estas normas ou códigos são aplicados de forma sutil, de modo que tornam aceitáveis uns poderes essencialmente normatizadores, como por exemplo os saberes produzidos nos discursos das ciências sobre a sexualidade dos sujeitos.

Além disso, destacamos o quanto, em alguns desses estudos, acontece o entrelaçamento das identidades sexuais e de gênero, ou seja, o quanto alguns atributos socialmente construídos como femininos ou como masculinos passam a ser utilizados para caracterizar as identidades sexuais dos sujeitos. Em uma das pesquisas analisadas (RAHMAN; WILSON; ABRAHAMS, 2010), por exemplo, percebe-se esse entrelaçamento em um dos critérios intitulado “sexo psicológico (masculino/feminino)”, onde os/as participantes deveriam apontar itens como medo de insetos rastejantes,

interesse por crianças e roupas, se chora ou não em público, entre outras questões dadas como atributos típicos dos gêneros.

Esse método de investigação possibilita-nos perceber marcas do passado, no sentido de pensarmos nos primeiros estudos sobre a homossexualidade, em que se apontava a ideia do “terceiro sexo” para sujeitos masculinos com “essência” feminina. Ceccareli e Franco comentam que

o homossexual, num primeiro momento, era visto como um efeminado”, sendo “isolado e vigiado como se fosse uma mulher, pois, acreditava-se que o homossexual, assim como a mulher, eram seres pecaminosos que poderiam seduzir outras pessoas para o ‘mau caminho’ (2010, p. 126).

Verificamos, também, nessa produção de saberes sobre a sexualidade dos sujeitos, que as estratégias que tornam os corpos transparentes não atuam sozinhas, engendradas a elas encontram-se as tecnologias do exame, estabelecendo sobre os indivíduos “uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados” (FOUCAULT, 2009, p. 177). Para isso, esses corpos foram medidos em termos quantitativos e hierarquizados no que diz respeito à valorização de capacidades e de sua “natureza”. O indivíduo passa a ser transformado em um caso, como coloca Foucault, “tal como pode ser descrito, mensurado, medido e comparado a outro e isso em sua própria individualidade” (2009, p. 183). Tal tecnologia emerge no contexto do poder disciplinar o qual se utiliza de instrumentos como “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (Ibid, p. 164).

Para operar, essa tecnologia coloca em funcionamento determinados rituais, procedimentos, métodos, estratégias de documentação, entre outras – conforme os artigos que analisamos, podemos citar o ritual da confissão dos desejos, experiências e preferências, o uso de questionários de auto-identificação, a produção de relatórios como o Kinsey, a análise de documentos clínicos e legais, investigação da família, etc. – , num processo de “fixação ao mesmo tempo ritual e ‘científica’ das diferenças individuais, como oposição de cada um à sua própria singularidade” (FOUCAULT, 2009, p. 183) e, dessa forma, “o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber” (Ibid., p. 183).

Utilizando-se da estratégia de exame, tais artigos buscaram na família, em pensamentos e desejos desses sujeitos – através de questionários, entrevistas, escalas,

genealogia da família – “pistas” que explicassem seus comportamentos e condutas. Para Foucault (2009), o exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza.

Podemos evidenciar essa tecnologia operando nas pesquisas analisadas, no momento em que os sujeitos homossexuais são direcionados a confessar seus desejos, pensamentos, sonhos, fantasias, experiências, entre outros aspectos relacionados a sua vida, a sua infância e a sua adolescência. Os sujeitos homossexuais – vistos como aqueles/as que sempre teriam uma sexualidade a ser desvelada, esclarecida e investigada, tanto por eles/as quanto pelos outros – devem confessar sua sexualidade, pois essa não corresponde à normalidade sexual esperada, ou seja, a heterossexualidade.

Os saberes produzidos por esses diferentes campos de saber (biologia, medicina, psicologia, entre outros) a partir desses métodos e estratégias de investigação dos corpos e das sexualidades, estudam “amostras” locais de sujeitos para construir discursos que passam a ser tomados e legitimados como universais. Para tais estudos, todos os sujeitos, independente de questões culturais e sociais que corresponderem ao esperado no processo de “classificação” da identidade sexual, serão “enquadrados” de acordo com que é estabelecido cientificamente para a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade.

Nesse processo de investigação, a tecnologia do exame possibilita a individualidade entrar no campo do documentário. Para Foucault, ao colocar os indivíduos num campo de vigilância “situa-os igualmente numa rede de anotações escritas; compromete-os em toda uma quantidade de documentos que os captam e os fixam” (2009, p. 181). Dessa forma, ocorre uma espécie de homogeneização dos aspectos individuais que são estabelecidos pelos procedimentos do exame, constituindo o indivíduo como um objeto descritível, analisável e classificável, pois o reduz a traços específicos “como fazem os naturalistas a respeito dos seres vivos” (Ibid., p. 182). Além disso, compõe-se um sistema de comparação, o qual possibilita medir fenômenos em âmbito global, “a descrição de grupos, caracterização de fatos coletivos, a estimativa dos desvios dos indivíduos entre si, sua distribuição numa ‘população’” (Ibid., p. 182).

Como exemplo dessa produção de documentos possibilitada pelo exame, destacamos o Relatório Kinsey. O que podemos perceber, em nossas análises, é que a maioria das pesquisas, para categorizar os sujeitos quanto à “orientação sexual”, utilizaram a escala de Kinsey, modificada ou não, bem como alguns dos estudiosos

utilizaram-se, nas suas investigações, dos dados já produzidos e que se encontram disponíveis no Banco de dados do Instituto Kinsey. De acordo com Sena, Lago e Grossi (2010), a formulação de relatórios sobre a sexualidade, como o Kinsey, mostrou “novas” possibilidades para a produção de explicações relacionadas à sexualidade dos sujeitos, pois tais técnicas consideradas como formas discursivas de saber, através de questionários, enquetes, entrevistas, entre outras, permitiram descrever “verdades” sobre os corpos, os desejos e as fantasias sexuais.

São verdades produzidas historicamente, a partir das contribuições de diversas ciências, como inúmeros ‘especialistas’ a legitimarem as informações distribuídas e divulgadas através de várias formas discursivas. O instrumento da confissão sexual produziu uma forma de sexualidade verdadeira, através dos livros científicos: os relatórios. (Ibid., p. 238)

Característica de nossa cultura ocidental, essa vontade de saber “a” verdade sobre nós mesmos/as, incita-nos a falar a “verdade”. Nesse processo, “as confissões que se sucedem, confissões que fazemos aos outros e a nós mesmos, e esta colocação em discurso” coloca em ação “um conjunto de relações de poder entre aqueles que afirmam ser capazes de extrair a verdade destas confissões através da posse de chaves de interpretação” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 192). No caso dos estudos analisados, cientistas e especialistas dos diferentes campos de saber, através de técnicas e métodos que obedecem aos critérios de cientificidade, acabam tornando-se as vozes autorizadas a “extrair” e a produzir verdades sobre esses sujeitos.

5.1.7 Tecendo algumas considerações sobre a investigação dos sujeitos homossexuais

Nesse processo de investigação dos corpos e das sexualidades, as ciências engendram as mais diversas estratégias, tecnologias médicas de visualização e exame, para produção de saberes sobre os sujeitos, sendo essa produção legitimada por técnicas historicamente entendidas como as mais adequadas e necessárias. Esses saberes instituem-se como explicações “verdadeiras” para as diferentes formas de viver os prazeres e desejos corporais, reinterando, de alguma forma, as teses do determinismo biológico. Podemos dizer que, assim como o homossexual do século XIX, os sujeitos homossexuais ainda constituem-se como aquelas personagens que devem confessar sua

história, seu passado, sua forma de vida, bem como possuir uma morfologia, anatomia e fisiologia indiscretas e misteriosas. Conforme destaca Foucault, “nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade”, estando ela presente nas suas condutas, inscrita em sua face e em seu corpo “já que é um segredo que se trai sempre” (2007a, p. 50).

Um jogo de relações é estabelecido entre os diversos campos de saber, a produção de saberes, as tecnologias de visualização dos corpos, a tecnologia do exame, a reiteração de normas sociais, em resumo, o que pudemos observar, através deste estudo, foi um conjunto de técnicas e estratégias, construídas e estabelecidas historicamente, que caracterizam e possibilitam a formação de enunciados sobre as sexualidades. Formação marcada pelo *status* científico, de “verdade”, pois essa produção segue a regras que a legitimam como tal: métodos, espaços e sujeitos autorizados.

Investigar tais metodologias empregadas nas pesquisas analisadas, possibilitou-nos entender o quanto questões relacionadas aos modos de viver e entender as sexualidades ainda encontram-se atreladas à materialidade biológica dos corpos. Tais estudos julgam necessário esquadrihar, medir, mensurar e classificar partes e componentes dos corpos (cérebro, genes, hormônios, dedos, orelhas, etc.), bem como investigar a vida dos sujeitos (desejos e experiências, família, pensamentos, condutas, etc.) a fim de classificar e nomear aqueles modos de viver a sexualidade que não correspondem à norma entendida como a “natural”. Para estes estudos científicos, os/as homossexuais devem ter seus corpos tornados cada vez mais transparentes, bem como devem, constantemente, confessar-se a fim de possibilitar a produção de “verdade” e, dessa forma, conhecer a si mesmos/as.

Conforme Dreyfus e Rabinow, a expansão de métodos da ciência possibilitou que os indivíduos se tornassem objetos

de conhecimento para si mesmo e para os outros, um objeto que fala a verdade sobre si mesmo, a fim de conhecer e ser conhecido; um objeto que aprende a operar transformações em si mesmo. Essas são as técnicas que ligam o discurso científico às tecnologias do eu (1995, p. 192).

Assim, vemos operar a crença de que para essa tecnologia do eu (FOUCAULT, 1991), as maneiras e os trajetos com que cada um torna-se o sujeito que é – aconteça efetivamente - é preciso falar a verdade sobre si mesmo/a através do auxílio de

especialistas. As tecnologias de visualização dos corpos possibilitam que esses sejam dissecados pelo olhar, produzindo saberes sobre cada sujeito. Para Chazan (2003), essa transparência do corpo, entre outras finalidades, responde “também pela manutenção de uma determinada ordem social, através da vigilância sobre o interior dos corpos” (p. 202). Essas imagens produzidas, aliadas aos desejos, às emoções, às vivências e aos prazeres confessados, vão construindo, no contexto dos estudos analisados, o que pode ser dito sobre os sujeitos e suas sexualidades, bem como procuram mostrar, através das mesmas, a subjetividade desses sujeitos.

Este trabalho não teve como problema fazer a divisão de qual método ou estratégia é certa ou errada, mais legítima ou menos legítima, no processo de produção dos conhecimentos, mas sim, perceber historicamente as condições de possibilidade e as políticas de produção de “verdades” sobre os sujeitos homossexuais. Por esse viés, entendemos que – conforme anuncia Foucault (2007a) – a homossexualidade não é simplesmente uma atividade sexual e/ou uma ocupação do corpo, mas sobretudo, é discurso, investigação, conhecimento, criação de significados, troca simbólica, enfim, herdeira legítima da vontade de saber.

5.1.8 Referências

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BLANCHARD, Ray et al. Interaction of fraternal birth order and handedness in the development of male homosexuality. *Hormones and Behavior*, v. 49, p. 405-414, mar. 2006. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=272297&_user=10&_pii=S0018506X05002138&_origin=search&_coverDate=03%2F31%2F2006&view=c&wchp=dGLzVIS-zSkzV&_valck=1&md5=3e91511a5e3e4a366dabc982b065e9df&ie=/sdarticle.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2010.

BOGAERT, Anthony F. Extreme Right-Handedness, Older Brothers, and Sexual Orientation in Men. *Neuropsychology*, v. 21, p. 141-148, jan. 2007. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0894410507X60017&_cid=272759&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=4abc2da0324e63fc4f3ca7ec307e2e5e>. Acesso em: 18 dez. 2010.

_____. The Interaction of Fraternal Birth Order and Body Size in Male Sexual Orientation. *Behavioral Neuroscience*, v. 117, p. 381-384, abr. 2003. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704400X00924&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=2794e73fd1cfb08aabd18c12d0ea1eaf>. Acesso em: 18 dez. 2010a.

_____. Birth Order and Sexual Orientation in Women. *Behavioral Neuroscience*, v. 111, p. 1395-1397, dez. 1997. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704400X00328&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=f57f1dd996d384ef42d7c5beff0a9381>. Acesso em: 18 dez. 2010b.

BOGAERT, Anthony F.; BLANCHARD, Ray; CROSTHWAIT, Lesley E. Interaction of Birth Order, Handedness, and Sexual Orientation in the Kinsey Interview Data. *Behavioral Neuroscience*, v. 121, p. 845-853, out. 2007. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704407X60312&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=fd92bbcf85ee74712eb965cf5e8830c1>. Acesso em: 18 dez. 2010.

BOGAERT, Anthony F.; FRIESEN, Chris. Sexual orientation and height, weight, and age of puberty: new tests from a British national probability sample. *Biological Psychology*, v. 59, p. 135-145, mar. 2002. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271293&_user=10&_pii=S0301051101001314&_origin=search&_coverDate=03%2F31%2F2002&view=c&wchp=dGLzVlt-zSkWz&md5=4354d1d4530dcca322b60997e306cf3d/1-s2.0-S0301051101001314-main.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2010.

BYNE, William et al. The Interstitial Nuclei of the Human Anterior Hypothalamus: An Investigation of Variation with Sex, Sexual Orientation, and HIV Status. *Hormones and Behavior*, v. 40, p. 86-92, set. 2001. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=272297&_user=10&_pii=S0018506X01916800&_origin=search&_coverDate=09%2F30%2F2001&view=c&wchp=dGLzVBA-zSkWb&md5=1bd38e3d13b714b97a6e02eabf2b2052/1-s2.0-S0018506X01916800-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

CAPONI, Sandra. Da herança à localização cerebral: sobre o determinismo biológico de condutas indesejadas. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, p. 343-352, 2007.

CECCARELLI, Paulo Roberto; FRANCO, Samuel. Homossexualidade: verdades e mitos. *BAGOAS - Estudos gays, gênero e sexualidade*. Natal, v. 5, p. 119-129, 2010.

CHAZAN, Lilian Krakowski. O corpo transparente e o panóptico expandido: considerações sobre as tecnologias de imagem nas reconfigurações da pessoa contemporânea. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 193-214, 2003.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EL-HANI, Charbel. N. et al. Conflitos e perspectivas nas relações entre biologia e cultura. *Interfaces*, Salvador, n. 1, p. 28-39, 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.

_____. *O poder psiquiátrico: curso no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

_____. *O Nascimento da clínica*. 6. ed. Rio Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

_____. *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Resposta a uma questão. In: _____. *Ditos e Escritos VI: Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 01-24.

GRIMBOS, Teresa et al. Sexual Orientation and the Second to Fourth Finger Length Ratio: A Meta-Analysis in Men and Women. *Behavioral Neuroscience*, v. 124, p. 278-287, abr. 2010. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704410X60025&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=cf50ea1ef0420db583c4c24d33c7145f>. Acesso em: 21 dez. 2010.

HENNING, Paula Corrêa. Profanando a ciência: relativizando seus saberes, questionando suas verdades. *Currículo sem Fronteiras*, v.7, p.158-184, jul./dez. 2007. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/henning.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2011.

HERSHBERGER, Scott L.; BOGAERT, Anthony F. Male and female sexual orientation differences in gambling. *Personality and Individual Differences*, v. 38, p. 1401-1411, abr. 2005. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271782&_user=10&_pii=S0191886904002806&_origin=search&_coverDate=04%2F01%2F2005&view=c&wchp=dGLzVlk-zSkzk&md5=011f8d0f2eec596538bef6a075895c21/1-s2.0-S0191886904002806-main.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

LAQUEUR, Tomas. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MAS, Manuel; FUMERO, Blas; GONZÁLEZ-MORA, José Luis. Voltammetric and microdialysis monitoring of brain monoamine neurotransmitter release during sociosexual interactions. *Behavioural Brain Research*, v. 71, p. 69-79, 1995. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271031&_user=10&_pii=0166432895000437&_origin=search&_coverDate=11%2F30%2F1995&view=c&wchp=dGLzVBA-zSkzS&_valck=1&md5=8323b7a16dcfcfb30881d85894a5d22b&ie=/sdarticle.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

NEAVE, Nick; MENAGED, Meyrav; WEIGHTMAN, David R. Sex Differences in Cognition: The Role of Testosterone and Sexual Orientation. *Brain and Cognition*, v. 41, p. 245-262, dez. 1999. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=271782&_user=685743&_pii=S0191886909004620&_check=y&_origin=&_coverDate=31-Mar-2010&view=c&wchp=dGLzVlt-zSkWb&md5=70844bb9b8f01ded31a01edeeb95cd8a/1-s2.0-S0191886909004620-main.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2010.

NUCCI, Marina Fisher; RUSSO, Jane Araújo. O terceiro sexo revisitado: a homossexualidade no Archives of Sexual Behavior. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 127-147, 2009.

NUNES, Eliana; RAMOS, Kátia Perez. Homossexualidade humana: estudos na área da biologia e da psicologia. *INTELLECTUS – Revista Acadêmica Digital do Grupo POLIS Educacional*, n. 05, jul./dez. 2008. Disponível em:

<<http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

ORTEGA, Francisco. O corpo transparente: visualização médica e cultura popular no século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 13, p. 89-107, out. 2006.

_____. *O corpo incerto: corporiedade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006.

RAHMAN, Qazi. The neurodevelopment of human sexual orientation. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v. 29, p. 1057-1066, 2005. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271127&_user=10&_pii=S0149763405000321&_origin=search&_coverDate=12%2F31%2F2005&view=c&wchp=dGLzVlk-zSkzk&md5=93348aed63722217ebb65a8bdf94e94c/1-s2.0-S0149763405000321-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

_____. Fluctuating asymmetry, second to fourth finger length ratios and human sexual orientation. *Psychoneuroendocrinology*, v. 30, p. 382-391, mai. 2005. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271135&_user=10&_pii=S0306453004001763&_origin=search&_coverDate=05%2F01%2F2005&view=c&wchp=dGLzVBA-zSkWb&md5=7cca08b859c4eb11189f5acdae705777/1-s2.0-S0306453004001763-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010a.

RAHMAN, Qazi; WILSON, Glenn D. Sexual orientation and the 2nd to 4th finger length ratio: evidence for organising effects of sex hormones or developmental instability? *Psychoneuroendocrinology*, v. 28, p. 288-303, abr. 2003. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271135&_user=10&_pii=S0306453002000227&_origin=search&_coverDate=04%2F30%2F2003&view=c&wchp=dGLzVlk-zSkzk&md5=62fef29296caa373844168b92a70a848/1-s2.0-S0306453002000227-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

_____. Born gay? The psychobiology of human sexual orientation. *Personality and Individual Differences*, v. 34, p. 1337-1382, jun. 2003. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271782&_user=10&_pii=S019188690200140X&_origin=search&_coverDate=06%2F30%2F2003&view=c&wchp=dGLzVlt-zSkWA&md5=f0dfc222ace546551c1454761e07e19e/1-s2.0-S019188690200140X-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010a.

RAHMAN, Qazi; WILSON, Glenn D.; Abrahams, Sharon. Biosocial factors, sexual orientation and neurocognitive functioning. *Psychoneuroendocrinology*, v. 29, p. 867-881, ago. 2004. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271135&_user=10&_pii=S0306453003001549&_origin=search&_coverDate=08%2F31%2F2004&view=c&wchp=dGLbVlt-zSkzS&md5=933c0a1f4aa7d2529a5dfa500b8f3e78/1-s2.0-S0306453003001549-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

ROBINSON, S. J.; MANNING, John. T. The ratio of 2nd to 4th digit length and male homosexuality. *Evolution and Human Behavior*, v. 21, p. 333-345, set. 2000. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=271894&_user=685743&_pii=S1090513800000520&_check=y&_origin=&_coverDate=30-Sep-2000&view=c&wchp=dGLzVIB-zSkzk&md5=5135e89fc0ac651beeb548aa6870e766/1-s2.0-S1090513800000520-main.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2010.

RULE, Nicholas; AMBADY, O. Nalini. Brief exposures: Male sexual orientation is accurately perceived at 50 ms. *Journal of Experimental Social Psychology*, v. 44, p. 1100-1105, jul. 2008. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=272387&_user=685743&_pii=S0022103107001783&_check=y&_origin=&_coverDate=31-Jul-2008&view=c&wchp=dGLzVIB-zSkzk&md5=07e381c8bd04d503637289695b9c7027/1-s2.0-S0022103107001783-main.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2010.

SENA, Tito; LAGO, Mara Coelho de Souza; GROSSI, Miriam Pillar. Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: sexualidades estatísticas e normalidades configurando a Persona Numerabilis. In: Grossi, Miriam Pillar; Lago, Mara Coelho de Souza; Nuernberg, Adriano Henrique. *Estudos In(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 235-256.

SOUZA, Nádya Geisa. S. de. “Fases da vida”: discursos biológicos, religiosos, midiáticos. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et al. *Ensaaios em estudos culturais, educação e ciência*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 19-34.

SOUSA FILHO, Alípio de. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, Rogério. D. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 95-124.

SWAAB, Dick F. Sexual differentiation of the brain and behavior. *Best Practice & Research Clinical Endocrinology & Metabolism*, v. 21, p. 431–444, set. 2007.

Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=272303&_user=685743&_pii=S1521690X07000334&_check=y&_origin=search&_zone=rslt_list_item&_coverDate=2007-09-30&wchp=dGLzVlt-zSkWA&md5=0355650a9d4b3fa8a6a8bf7039f969ac/1-s2.0-S1521690X07000334-main.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

SWAAB, Dick F. et al. Structural and Functional Sex Differences in the Human Hypothalamus. *Hormones and Behavior*, v. 40, p. 93-98, 2001. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=272297&_user=685743&_pii=S0018506X01916824&_check=y&_origin=&_coverDate=30-Sep-2001&view=c&wchp=dGLzVBA-zSkzS&md5=b2fd235fd305949094137b312f162980/1-s2.0-S0018506X01916824-main.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

SWAAB, Dichk. F.; HOFMAN, Michel A. Sexual differentiation of the human hypothalamus in relation to gender and sexual orientation. *Trends in Neurosciences*, v. 18, p. 264-270, 1995. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=271059&_user=685743&_pii=0166223695800070&_check=y&_origin=&_coverDate=31-Dec-1995&view=c&wchp=dGLbVIV-zSkzV&md5=19fda10de916862d174dad9fd5162db5/1-s2.0-0166223695800070-main.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

VELHO, Gilberto Velho. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 35-85.

5.2 Corpos inteligíveis: a produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais¹⁹

5.2.1 Resumo

Este trabalho visa investigar a rede de saberes produzida acerca da homossexualidade. São analisados artigos disponíveis no banco de dados *Science Direct*, através de algumas ferramentas foucaultianas sobre análise do discurso. Os estudos analisados, ao pautar a construção de saberes no exame do corpo em sua minúcia, ao compará-lo a outros corpos e ao buscar “descobrir” nele uma origem biológica da homossexualidade, acabam por instituir e determinar o sujeito homossexual como aquele que desvia, que foge ao desenvolvimento considerado normal na população.

Palavras Chaves: Corpos; Exame; Homossexualidade; Norma.

5.2.2 Intelligible bodies: the production of knowledge over homosexual subjects

This work aims to investigate the knowledge network produced over homosexuality. Articles available on Science Direct database are analyzed through some Foucauldian tools about discourse analysis. By guiding the construction of knowledge in the examination of the body in detail, by comparing it to other bodies and by seeking to "discover" in it a biological origin of homosexuality, the analyzed studies end up setting and determining the homosexual subject as the one that deviates, that is beyond the development considered normal in the population.

Keywords: Bodies; Examination. Homosexuality; Rule.

5.2.3 Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a rede de saberes produzida acerca das explicações sobre a homossexualidade. Para tanto, serão investigados artigos coletados do banco de dados *Science Direct*, através de algumas ferramentas foucaultianas sobre análise do discurso.

Neste estudo, damos continuidade à pesquisa que estamos realizando, a qual tem, como objetivo, investigar como diferentes campos do saber atuam na produção do sujeito homossexual. Para tanto, discutimos como esses campos de saber vêm inventando modos de “classificar” e definir os sujeitos homossexuais. Num primeiro movimento de pesquisa, analisamos os métodos e estratégias empregadas nos artigos científicos disponíveis no banco de dados *Science Direct*, a fim de analisar como os sujeitos são classificados como homossexuais, bem como discutir como alguns dos mecanismos criados possibilitaram olhar para os corpos e, assim, construir “verdades” e significados sobre as formas de definir tais sujeitos. Ao examinarmos essas formas de investigação, observamos a atuação de duas tecnologias: uma relacionada às técnicas de

¹⁹ Artigo submetido à Revista Cadernos Pagu.

visualização médicas dos corpos e a outra relacionada às técnicas de exame, as quais transformam os indivíduos em peças de um dispositivo estratégico, o qual permite uma série de utilizações, ou seja, construção de saberes, produção de arquivos e dados, “classificação” dos sujeitos, entre outras. O presente artigo constitui-se como o segundo movimento da pesquisa, pois visa investigar esses mesmos artigos científicos, tendo como foco de análise a rede de saberes produzida, sobre a possível causa ou “origem” da homossexualidade.

Fundamentaremos este artigo a partir de alguns conceitos e provocações de autores/as como Michel Foucault, Berenice Bento, Jeffrey Weeks, entre outros, relacionados à sexualidade, tecnologias de exame, normal/anormal, etc.

Este artigo está organizado em quatro momentos. No primeiro, discutimos os conceitos e entendimentos que fundamentam este trabalho. No segundo, apresentamos a produção dos dados e as ferramentas de análise. Em seguida, analisamos e discutimos a rede de enunciações, da ordem biológica, presente nos artigos científicos selecionados. No final, tecemos algumas considerações.

5.2.4 Apresentando alguns entendimentos e conceitos

A sexualidade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação.
(FOUCAULT, 2011)

O excerto acima, ao mesmo tempo que nos interpela, nos instiga a pensar a sexualidade como criação, como invenção, como uma produção histórica e cultural. Na sociedade ocidental, ao longo do tempo, com o intuito de produzir saberes e verdades sobre a sexualidade dos sujeitos, diferentes instâncias – família, escola, religião, universidades, mídia, etc. – e espaços sociais – laboratórios, universidades, centros de pesquisa, centros religiosos, consultórios médicos, entre outras – foram produzindo discursos acerca das formas de definir e viver as identidades sexuais²⁰.

²⁰ Neste estudo, estamos entendendo e nomeando a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade como identidades sexuais. Para Louro (2007), as identidades sexuais são construções sócio, históricas e culturais e que dizem respeito às diferentes formas de expressar os prazeres e os desejos corporais. Por esse viés, não estamos entendendo a hetero, homo e bissexualidade como

Ao observarmos alguns discursos e estratégias empregadas para produção de verdades sobre a sexualidade dos sujeitos, vimos operar aquilo que Foucault nomeou de dispositivo da sexualidade. Conforme Foucault, dispositivo trata-se de

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (2007, p. 244)

O dispositivo é uma espécie de formulação de um determinado tempo histórico, tendo como objetivo atender a uma urgência (Ibid.). Assim, a partir do século XVIII, na sociedade ocidental, a preocupação com a sexualidade dos sujeitos possibilitou a invenção e instalação de outro dispositivo, o da sexualidade. Esse dispositivo passa a engendrar domínios e formas de controle, tendo como pertinência “as sensações dos corpos, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam” (FOUCAULT, 2007, p. 117). Sua razão de ser não se trata da reprodução, mas sim da proliferação, inovação, invenção e sondagem dos corpos “de maneira cada vez mais detalhada” e assim “controlar as populações de modo cada vez mais global” (Ibid., p. 118).

A sexualidade, então, é entendida como um dispositivo histórico, sobre a qual atuam diferentes estratégias de poder-saber. Atualmente, ainda observamos o dispositivo da sexualidade sendo operado para a produção de estudos e saberes, ancorados na investigação dos corpos de homens e mulheres com o intuito de produzir “verdades” sobre esses sujeitos.

Nesse processo de produção de saberes sobre a sexualidade, foram sendo criadas maneiras de classificar, separar e nomear cada pessoa de acordo com determinadas formas de se relacionar. Foram-se, também, nomeando as formas socialmente aceitas para viver esses prazeres e desejos corporais, ou seja, a heterossexualidade como a normal e a homossexualidade como a que foge à normalidade, ou seja, um desvio dentro da população.

Ao longo do tempo, os corpos dos sujeitos homossexuais foram sendo “descobertos”, investigados, definidos, classificados e produzidos através de discursos

orientação ou comportamento sexual, expressões utilizadas nos estudos analisados quando referem-se às identidades sexuais. Assim, toda vez que essas expressões forem usadas, neste trabalho, serão colocadas entre aspas para demarcar que as mesmas são denominações empregadas nos artigos científicos.

das várias ordens – biológica, psicológica, médica, religiosa, social, etc. Neste estudo, vamos nos deter ao discurso biológico sobre a homossexualidade. Para tanto, vamos discutir o enunciado de que a causa ou “origem” dessa identidade sexual está na matriz biológica dos sujeitos, analisando a rede de enunciações presente em artigos científicos que têm como foco, a observação, o esquadrinhamento, o detalhamento, o controle, a medição, a localização e a visibilidade de estruturas internas e externas dos corpos dos/as homossexuais para pautar a produção de saberes acerca da homossexualidade. Tais enunciações são/foram construídas através de métodos e linguagens científicas, tomadas em nossa sociedade como formas legítimas para construção de verdades.

Nesse processo, verificamos que, nos séculos XVIII e XIX, houve uma espécie de disseminação de discursos científicos, que tinham como propósito comprovar que os comportamentos das diversas ordens, mas, principalmente os sexuais, tinham uma origem na biologia dos corpos. Essa produção de discursos sobre os “comportamentos sexuais” causou certa busca pelo sexo “verdadeiro” e, conseqüentemente, a busca pela correção de “anomalias” existentes, ou seja, a ciência passou a “diagnosticar” e “corrigir” a sexualidade dos sujeitos, através de um exame detalhado de seu corpo (FOUCAULT, 2007; BENTO, 2006).

Weeks (2007, p. 40) argumenta que houve, no final do século XIX, uma “preocupação pós-darwiniana em explicar todos os fenômenos humanos em termos de forças identificáveis, internas, biológicas” e que, atualmente, estamos inclinados/as a discutir sobre a relevância dos hormônios e genes na modelagem de nosso comportamento e, assim, verifica-se que a hipótese de que a biologia está na origem de tudo ainda persiste.

No século XIX, o que se observou foi o aparecimento de tecnologias médicas do sexo através da separação da medicina do sexo da medicina geral do corpo. Conforme Foucault (2007, p. 129), isolou-se “um ‘instinto’ sexual, suscetível, mesmo sem alteração orgânica, de apresentar anomalias constitutivas, desvios adquiridos, enfermidades ou processos patológicos”. Nesse período, criou-se a disciplina sexologia, que tinha como base a psicologia, a biologia e antropologia. A sexualidade, além de uma preocupação individual, passou a ser uma questão crítica e política. O sexo passou a ser enfatizado como “instinto”, como uma das necessidades fundamentais do corpo, como uma força avassaladora, mas também como um componente essencial na feitura

corporal dos sujeitos, ou seja, na sua constituição, sendo o determinante das identidades (WEEKS, 2007).

Conforme Foucault (2006), na construção de discursos sobre as sexualidades, estão em jogo alguns procedimentos de interdição, ou seja, tabu do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado de quem fala. Nesse ritual de formação dos discursos, se

define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado); define gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta e imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. (Ibid., p. 39)

Nesta direção, alguns/mas profissionais das áreas jurídicas e da medicina, foram sendo nomeados/as socialmente como vozes autorizadas, bem como alguns campos de saber foram legitimados a falar, definir, entender e tratar os chamados desvios sexuais (GREEN, 2000). Assim, foram sendo instituídos modos de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo e a sexualidade passou a ser definida como “um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar” (FOUCAULT, 2007, p. 78).

O que observamos foi que, na sociedade ocidental, instituiu-se uma ciência sexual – *scientia sexualis* – ou seja, nos séculos que seguem desenvolve-se uma série de procedimentos e técnicas para produção de verdade sobre o sexo. Para tanto, as técnicas da confissão e do exame começaram a compor a formação regular do discurso científico e situaram-se como formas do saber-poder (FOUCAULT, 2007).

No ponto de intersecção entre uma técnica de confissão e uma discursividade científica, lá onde foi preciso encontrar entre elas alguns grandes mecanismos de ajustamento (técnica de escuta, postulado de causalidade, princípio de latência, regra da interpretação, imperativo de medicalização), a sexualidade foi definida como [...] um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar. (Ibid., p. 78)

A sexualidade passa a ser entendida como algo a ser interpretado e, para isso, é necessário fazer os sujeitos falarem sobre seus desejos, suas condutas, seus pensamentos

e prazeres. Há o que Foucault (2007, p. 74) chamou de “uma codificação clínica do ‘fazer falar’”, a qual combina a confissão com as estratégias de exame.

O princípio do sexo “causa de tudo e de nada” é o inverso teórico de uma exigência técnica: fazer funcionar numa prática de tipo científica, os procedimentos de uma confissão que, ao mesmo tempo, deveria ser total, meticulosa e constante. Os perigos ilimitados que o sexo traz consigo justificam o caráter exaustivo da inquisição a que é submetido. (Ibid., p. 75)

Dessa forma, foi se construindo a ideia de que, para conhecer os sujeitos e esses conhecerem-se a si mesmos, deve-se investigar no sexo as verdades mais secretas e profundas de homens e mulheres, ou seja, “a estrutura de suas fantasias, as raízes do seu eu, as formas de sua relação com a realidade. No fundo do sexo, a verdade”. (FOUCAULT, 2010, p. 85)

As estratégias de exame empregadas na construção dos discursos da ordem da biologia, os quais têm como objetivo produzir saberes sobre a sexualidade dos sujeitos, combinam técnicas e procedimentos – descrever, medir, classificar, comparar, visibilizar, normalizar, entre outras – as quais “constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber” (FOUCAULT, 2009, p. 183). O indivíduo torna-se um caso “tal como pode ser descrito, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade; e é também o indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado, tem que ser classificado, normalizado, excluído, etc.” (Ibid., p. 83)

Esse processo de individualização, em que cada indivíduo passa a ser tratado como um caso, possibilita a operação da individualização normativa, a qual é puramente comparativa e na qual “só os desvios fazem sentido” (EWALD, 1993, p. 86). A norma trata-se de “um princípio de comparação, de comparabilidade, uma medida comum” (Ibid., p. 86) e operar com esse conceito possibilita-nos entender que o normal e o anormal estabelecem uma relação de inversão e polaridade e não uma relação de contradição e exterioridade (CANGUILHEM, 2010).

Do normal ao anormal, a linha é, pois, incerta. [...] O anormal está na norma [...]. Mas isso não quer dizer que no espaço normativo não haja partilha possível, que não haja lugar para um processo de valorização. As práticas da norma não são relativistas. O normal opõe-se, de facto, ao anormal. Mas esta partilha é de género especial: formula-se em termos de limiares e limites. (EWALD, 1993, p. 87)

Investigar os discursos acerca das sexualidades possibilita-nos perceber quem é reconhecido, socialmente, como normal e quem se diferencia desse sujeito. No caso das identidades sexuais, a heterossexualidade é reconhecida como normal, ou seja, está na média, encontra-se na zona de normalização, ao passo que a homossexualidade torna-se a identidade sexual a ser comparada à heterossexualidade, passando a ser percebida como um desvio dentro da população e por isso nomeada como anormal.

Para compreender a homossexualidade, na procura de suas possíveis causas e com intuito de trazer esses sujeitos para a norma, explicações, teorias, investigações e estudos de diferentes campos do saber (biologia, medicina, psicologia, entre outros) vêm posicionando os/as homossexuais como sujeitos que apresentam algo diferente em seus corpos: um gene, uma parte do cérebro, hormônios, um instinto congênito ou adquirido ou até mesmo um histórico de vida (número de irmãos, convivência familiar) que possa provocar algum desvio naquilo que é concebido como um desenvolvimento sexual normal (SOUSA FILHO, 2009).

Nesta direção, este artigo tem, como objetivo, analisar a rede de enunciações, da ordem biológica, presente em artigos científicos, os quais vêm esmiuçando os corpos de homens e mulheres a fim de produzir explicações sobre as possíveis causas e origens da homossexualidade.

5.2.5 Apresentando as ferramentas metodológicas e de análise

Para busca e seleção dos artigos científicos publicados em periódicos, utilizamos a base de dados *Science Direct*²¹, disponível na plataforma de Periódicos Capes. Foram selecionados, para análises, os artigos que contemplassem alguma das seguintes proposições:

- ✓ São estudos que têm como propósito explicar as possíveis causas da homossexualidade, através dos saberes científicos produzidos.
- ✓ Determinam modos de ser homossexual.
- ✓ Foram publicados entre os anos de 1995 a 2010²².

²¹ Esse banco de periódicos pode ser acessado através do site www.periodicos.capes.gov.br.

²² Justificamos nossa escolha por este período de tempo (1995 a 2010), pois, conforme apontam Rahman e Wilson (2010), é a partir de 1995 que há uma produção mais significativa de dados e estudos adicionais, relacionados às identidades sexuais no interior da comunidade científica.

Neste processo de busca no banco de dados, utilizamos como palavra-chave *homosexuality*. Obtivemos um total de 6.395 trabalhos. Destes: 6.006 eram referentes a artigos publicados em revistas; 479 eram livros; e 156 eram trabalhos referenciados em outros estudos. Neste estudo, vamos analisar somente os artigos publicados nos periódicos.

Com este recorte, vamos analisar, nesta pesquisa, um total de 15 artigos científicos. Tais artigos foram produzidos por pesquisadores e pesquisadoras de universidades dos seguintes países: Espanha, Holanda, Canadá, Reino Unido, Rússia e Estados Unidos, Áustria. Nessas universidades, esses/as pesquisadores/as atuam nos Departamentos ou Institutos de: Neurociência, Psicologia (a maioria dos artigos são produzidos neste campo de saber), Medicina, Histologia e Embriologia, Ciências Humanas, Psiquiatria, Ciência da Saúde, Ciências Biomédicas, Sociologia, Biologia, Biomedicina, Patologia, Ciências Sociais e Estudos em Educação.

Neste trabalho detemos-nos na análise de algumas partes que compõem os artigos científicos selecionados. Assim, procuramos focar nosso olhar nas sessões que apresentavam os resultados e as discussões tecidas decorrentes dos mesmos, a fim de investigar os saberes sobre a homossexualidade produzidos por tais pesquisas.

Para análise e discussão dos dados, utilizaremos algumas ferramentas foucaultianas para fazer análise do discurso. Tais ferramentas de análise possibilitam-nos olhar a rede de enunciações presente nos artigos científicos, acerca dos sujeitos homossexuais, entendendo esses artefatos como produções históricas, políticas e sociais, permeadas por relações de poder-saber. Assim, as palavras enunciadas são entendidas como construções de um determinado tempo e espaço e, ao compor o discurso biológico sobre a homossexualidade, acabam por instituir saberes e verdades sobre esses sujeitos.

Conforme Fischer (2001), ao fazer uma análise dos discursos não estamos buscando o que está por detrás do que é dito, do que está nas entrelinhas. Operar com algumas das ferramentas dessa análise, na perspectiva de Foucault, é trabalhar sobre as coisas ditas, ficar no nível de existência das palavras.

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos. (Ibid., p. 198-199)

Essa análise opera na dimensão da exterioridade dos discursos. Assim, devemos tratar o discurso não como um comentário, mas como um monumento; procurar nele suas condições de possibilidade e não seus métodos estruturais e leis de construção; e relacionar o discurso ao campo prático no qual se situa (FOUCAULT, 2010).

Por esse viés, os discursos são tratados como um conjunto de enunciados que se apoiam em formações discursivas e que são definidos em um determinado quadro de condições de existência (FOUCAULT, 2009a). Os enunciados são compreendidos como acontecimentos, “na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas relações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui” (Ibid., p. 31).

A partir dessas ferramentas foucaultianas, iremos focar nosso olhar na análise da rede de enunciações presente nos artigos científicos, as quais constituem o enunciado de que a causa da homossexualidade estaria na matriz biológica dos corpos de homens e mulheres. Para tanto, discutimos as formas como os corpos desses sujeitos são examinados em sua minúcia, tornando-se inteligíveis. Assim, ao olhar o detalhe, o que esse corpo carrega na sua biologia de diferente do corpo tido como normal (heterossexual), são definidas, explicadas e justificadas as possíveis causas ou “origens” da homossexualidade.

5.2.6 Descrever, medir, classificar e comparar: tecendo análises sobre a rede de enunciações

Ao analisarmos os artigos científicos, observamos o quanto estruturas corporais, fatores genéticos, hormonais, evolutivos entre outros aspectos relacionados à matriz biológica dos sujeitos são investigados a fim de se determinar e organizar uma série de saberes, explicações e teorias das possíveis causas e pré-disposições para a homossexualidade.

Nesse processo de visibilizar os corpos dos/as homossexuais, esses sujeitos são tratados como um caso, tal como pode ser medido, mensurado, esquadrinhado, esmiuçado e comparado a outro. Nesses estudos, o outro é o heterossexual, sendo a homossexualidade colocada como atípica, fora do padrão de desenvolvimento considerado “normal”, conforme observamos no excerto abaixo.

Se a orientação sexual entre os seres humanos é um traço principalmente bimodal, isto implica uma canalização de desenvolvimento ao longo de uma rota sexual típica (heterossexuais) ou uma rota sexual atípica (homossexual). [...] Menos bem estabelecidos são os fatores que podem ser responsáveis por este 'desvio' da orientação sexual ao longo de duas rotas (os limites destes são confusos em mulheres). Estes fatores são o assunto da discussão atual[...]. (RAHMAN, 2010, p. 1058)

O objetivo desses artigos é o de conhecer, examinar e visibilizar os corpos dos/as homossexuais na sua minúcia – genética, anatômica, hormonal, fisiológica e cerebral – para produzir e organizar saberes acerca desses sujeitos que estão à margem da zona de normalização, na qual encontra-se a heterossexualidade. Assim, para apresentarmos e discutirmos tais artigos, procuramos organizar algumas categorias de análise, as quais evidenciam o entrelaçamento de algumas enunciações, da ordem biológica, produzidas acerca dos corpos de homens e mulheres homossexuais. Para tanto, organizamos as seguintes categorias de análise: corpo-herança, corpo-estrutura, corpo-molécula e corpo-cérebro.

5.2.6.A CORPO-HERANÇA

Nesta categoria de análise, destacamos alguns excertos²³, os quais examinam e detalham aspectos hereditários e genéticos na busca das causas da homossexualidade.

Estudos com gêmeos também demonstraram que a orientação sexual é parcialmente hereditária (por exemplo, Bailey, Dunne & Martin, 2000), e dois estudos de genética molecular têm sugerido que uma região no cromossomo X (Xq28) está associada com atração pelo mesmo sexo em homens [...] Um candidato é o gene receptor de andrógeno (AR), também encontrada no cromossomo X. A variação no gene AR tem sido associada com variações na testosterona. (BOGAERT, 2010, p. 144)

Estudos de famílias, utilizando uma série de estratégias de apuração, mostram aumento da taxa de homossexualidade entre parentes de entrevistados homossexuais (Bailey e Pillard, 1995). Há também evidência de elevada transmissão por linha materna da homossexualidade masculina, sugestivos de ligação ao X (Camperio-Ciani et al, 2004;.. Hamer et al, 1993), mas outros estudos não encontraram tal elevação em relação à transmissão paterna (Bailey et al., 1999). Entre as mulheres, a transmissão é complexa, compreendendo rotas autossômicas e ligadas ao sexo (Pattatucci e Hamer, 1995). [...] (RAHMAN, 2010, p. 1058)

A orientação sexual nos seres humanos também é determinada durante o desenvolvimento inicial, sob a influência de nossa herança genética e fatores que influenciam as interações entre os hormônios sexuais e o cérebro em desenvolvimento [...]. A importância dos fatores genéticos tornou-se evidente a partir de pesquisa com gêmeos e com famílias. [...] É interessante que tal fator genético tem se mantido na população através da evolução, considerando que os homossexuais não tendem a procriar tanto quanto os outros membros do grupo. [...] os fatores genéticos que são

²³ Os excertos apresentados são de tradução das autoras desse trabalho.

responsáveis para a homossexualidade também têm um efeito benéfico sobre a procriação do grupo como um todo. [...]Exposição pré-natal a nicotina, anfetamina, ou hormônios da glândula tireóide, aumenta as chances de dar à luz a uma filha lésbica. (SWAAB, 2010, p. 438-439)

[...] Gêmeos monozigóticos (MZ) mostram maior concordância para a homossexualidade do que dizigóticos (DZ). Antigos estudos escandinavos apresentaram níveis bastante questionáveis de concordância (cerca de 100% em Kallmann, 1952). (RAHMAN, WILSON, 2010, p. 1341)

Para justificar essas questões genéticas acerca da origem da homossexualidade, são mencionadas teorias relacionadas à evolução de homens e mulheres.

No feto do sexo masculino, pode haver forte seleção para a testosterona elevada, a fim de que o sistema urinogenital se diferencie com êxito e que o sistema cardiovascular seja eficiente. Estas características são muito importantes para a fertilidade e competitividade masculina. Sendo assim, seria difícil para a seleção natural se opor aos genes que produzem altos níveis de testosterona pré-natal (Manning et al., 2000a). No entanto, tais genes possuem seus custos, os quais podem incluir o fenótipo do sexo masculino homossexual. Esta visão enfatiza a dificuldade de remover seletivamente os genes de alta testosterona, e talvez a homossexualidade. Ela, portanto, oferece uma alternativa para a sugestão de que a homossexualidade masculina é, de alguma maneira, adaptativa. (ROBINSON, MANNING, 2010, p. 343)

[...] A teoria evolutiva mais citada baseia-se na noção de seleção de parentesco [...] os homossexuais podem ter ajudado seus irmãos (pela provisão de recursos e pelo cuidado de crianças) nos ambientes ancestrais para reproduzir com mais sucesso. Assim, genes para a homossexualidade sobreviveram indiretamente por meio de linhagens irmãs. (RAHMAN, WILSON, 2010, p. 1343)

[...] os pais induzem a homossexualidade, regulando recursos e socialização da prole, como para torná-los menos competitivos na reprodução e aumentar a assistência para a reprodução dos irmãos. [...] Homens homossexuais, de fato, tem muito menos filhos do que homens heterossexuais, e embora as mulheres homossexuais relatam ter mais filhos do que os homens homossexuais, elas têm substancialmente menos do que as mulheres heterossexuais (Bell & Weinberg, 1978; LeVay, 1996). [...] os homens heterossexuais que possuem um alelo gay provavelmente tem um desejo sexual maior que leva a uma maior produção de descendência e a retenção do gene da homossexualidade equilibrado [...]. (RAHMAN, WILSON, 2010, p. 1346-1347)

5.2.6.B CORPO-ESTRUTURA

Nesta categoria, foram elencados estudos que medem aspectos anatômicos (internos e externos) – como altura, orelhas, audição, simetria, dígitos das mãos, lateralidade, entre outros – na busca de possíveis explicações da homossexualidade.

[...] outro achado significativo foi que as pessoas com algum nível de interesse homossexual (em particular, bissexuais) eram um pouco mais altas do que as pessoas heterossexuais (cf. Bogaert e Blanchard, 1996; Bogaert, 1998), mas a relação era complexa. (BOGAERT, FRIESEN, 2010, p. 143)

A medida indireta mais comumente utilizado de DI envolve medir desvios aleatórios de simetria perfeita de características bilaterais corporais (por exemplo, dermatóglifos, e comprimentos de orelhas, dedos, punhos e pés) e é referido como assimetria flutuante (AF). [...] a AF reflete a robustez genômica diferencial. Os indivíduos com genomas que são menos sensíveis ao estresse induzido por perturbações podem apresentar supressão na variação fenotípica e, portanto, ser "mais apto" reprodutivamente (ou seja, produzir o fenótipo "ideal", tal como a heterossexualidade). Portanto, uma previsão central da teoria DI é que os heterossexuais de ambos os sexos devem mostrar os valores de AF baixos em relação aos homossexuais. (RAHMAN, 2010, p. 1061)

Estudos de mecanismos auditivos foram analisados, visando postular explicações para homossexualidade feminina através do exame dessa estrutura corporal.

Estudos de mecanismos auditivos também mostram uma hiper-masculinização específica entre homossexuais em relação aos heterossexuais. [...] Evidência de que as OAEs são influenciados por andrógenos pré-natais vêm a partir do achado de que mulheres gêmeas e homens têm padrões masculinizados de emissões otoacústicas (McFadden, 1993). Dois relatórios têm mostrado as OAEs menos numerosas e mais fraca nas mulheres homossexuais e bissexuais em comparação com as mulheres heterossexuais, mas não houve variação entre homens homossexuais e heterossexuais (McFadden e Pasanen, 1998, 1999). [...] (RAHMAN, 2010, p. 1059)

Os trabalhos de Rule e Ambady (2010) e de Swaab (2010) vêm justificando a importância de se aprofundar estudos relacionados à comparação e classificação de homens homossexuais através de traços e evidências presentes na face dos sujeitos.

A psicologia evolutiva sugere que uma das razões para a capacidade de distinguir a orientação sexual masculina pode ser devido às implicações para a seleção de parceiros (ver Miller & Todd, 1998; Thornhill & Gangestad, 1996). Parece razoável suspeitar que os homens gays possuam uma maior capacidade de perceber com precisão outros gays por causa de oportunidades sexuais. Similar aos homossexuais pode ser vantajoso para as mulheres heterossexuais analisar a orientação sexual masculina para determinar os limites de suas possibilidades de companheiros. Também é possível que os homens heterossexuais possam ser motivados a conhecer as orientações sexuais dos outros homens como um meio de avaliar a sua competição por companheiras (Wright & Sladden, 2003) e na disputa da hierarquia de dominância social (Mazur, 2005). [...] (RULE, AMBADY, 2008, p. 1104)

[...] Com a ressonância magnética funcional (fMRI) as mudanças de atividade no cérebro foram medidas enquanto fotos de homens e mulheres eram mostradas. Mostrar um rosto feminino fez o tálamo e o córtex pré-frontal medial dos homens heterossexuais e mulheres homossexuais reagirem mais fortemente, enquanto estas estruturas reagiram mais fortemente para o rosto de um homem em homens homossexuais e mulheres heterossexuais. [...] (SWAAB, 2010, p. 441)

A relação entre o segundo e o quarto dígitos das mãos (2D:4D) foi pesquisada em alguns estudos no intuito de investigar esse aspecto relacionado à definição da “orientação sexual” em mulheres, principalmente.

Nossa metanálise confirmou a diferença entre os sexos na relação 2D:4D com uma amostra selecionada de homens e mulheres heterossexuais que serviram como controle em pelo menos alguns dos estudos que examinaram a orientação sexual. Descobrimos que os homens heterossexuais tinham uma significativamente menor relação 2D:4D do que as mulheres heterossexuais: Esta diferença de sexo era muito robusta, e sua magnitude foi maior para a mão direita do que para a esquerda. Assim, do lado direito a relação 2D:4D vai mais provavelmente refletir a exposição pré-natal de andrógeno (Williams et al, 2000). Daí, a discussão centra-se na relação 2D:4D na mão direita (GRIMBOS, et al, 2010, p. 285)

Os resultados do estudo atual confirmam dois estudos que mostram que homens homossexuais e mulheres têm menor relação 2D:4D que os heterossexuais, indicando que eles podem ter sido expostos a níveis elevados de andrógenos pré-natais (Robinson e Manning, 2000; Williams et al, 2000). (RAHMAN, WILSON, 2010a, p. 299)

Entrelaçados aos aspectos neurais, alguns estudos apontam que, no caso das mulheres, ocorre uma masculinização de estruturas e por isso elas adquirem características ditas masculinas. Segundo estes estudos, esta constatação está embasada na relação 2D:4D.

Nas mulheres uma relação linear pode ser o caso onde a masculinização de estruturas neurais relacionadas a orientação sexual sob a ação de andrógenos pré-natais também leva a características somáticas típicas masculinas (por exemplo, Rahman et al., 2003b). (RAHMAN, 2010a, p. 388)

No geral, os resultados sugerem que a homossexualidade não represente uma perturbação na trajetória ontogenética para o padrão da espécie típica de orientação heterossexual, mas sim uma variação estável em termos de desenvolvimento no sistema de orientação sexual humana, talvez devido a esteroides sexuais pré-natais. [...]. (RAHMAN, 2010a, p. 389)

A lateralidade não foi examinada isoladamente. Alguns estudos buscaram pesquisar a interação desse fator e o número de irmãos mais velhos.

Os resultados mostraram uma interação significativa ($P=0,004$) de lateralidade com irmãos mais velhos, de tal forma que (a) a correlação positiva típica entre a homossexualidade e um maior número de irmãos mais velhos existe somente para destros do sexo masculino, (b) entre os homens sem irmãos mais velhos, os homossexuais são mais propensos a ser não-destros do que os heterossexuais, entre homens com um ou mais irmãos mais velhos, os homossexuais são menos propensos a ser não-destros que os heterossexuais, e (c) as chances de homossexualidade são maiores para homens que têm uma preferência pela mão esquerda ou que têm irmãos mais velhos, em relação aos homens com nenhuma dessas características, mas as chances de homens com ambas as características são semelhantes as chances de homens com nenhuma das duas. (BLANCHARD et al., 2010, p. 405)

[...] os homens que são mais sensíveis à testosterona fetal são mais propensos a ser não-destros e homossexuais. De qualquer maneira, essa hipótese exige a proposição auxiliar que a hiper androgenização do feto do sexo masculino pode, paradoxalmente, produzir o mesmo resultado que a hipo androgenização: diferenciação sexual atípica

no cérebro fetal e uma preferência futura para parceiros sexuais homens ao invés de mulheres. (BLANCHARD et al., 2010, p. 411)

Dado que a lateralidade é um importante marcador de desenvolvimento pré-natal, estes resultados apoiam a noção de que a orientação sexual dos homens é afetada por eventos pré-natais. [...] Estes resultados também sugerem que os eventos pré-natais estão constantemente afetando a orientação sexual dos homens em diferentes épocas históricas do século 20. [...] Assim, o efeito (pré-natal) sobre a orientação sexual não é idiossincrático para uma geração na era moderna, mas é provável que seja duradouro, que atravesse uma série de gerações de homens. (BOGAERT, BLANCHARD, CROSTHWAIT, 2010, p. 849)

5.2.6.C CORPO-MOLÉCULA

Essa categoria de análise apresenta os artigos que investigavam os índices hormonais e outras moléculas que compõem os corpos dos/as homossexuais.

A hipótese de que o número de irmãos mais velhos estaria relacionado às causas da homossexualidade foi examinada, isoladamente. Esses estudos apontam que essa hipótese estaria relacionada ao fato de a mãe produzir uma resposta imune a fetos masculinos. Além disso, é discutido, na maioria dos artigos, que a ordem de nascimento fraternal afetaria apenas a definição da “orientação sexual” masculina.

A hipótese da imunidade materna é certamente o mais revolucionário modelo de desenvolvimento neurológico da orientação sexual humana. Empiricamente, ela repousa sobre uma descoberta muito confiável, o efeito da ordem de nascimento fraternal (ONF), isto é, os homens homossexuais têm um maior número de irmãos mais velhos do que os homens heterossexuais (e em relação a qualquer outra categoria de irmãos), em diversos níveis de amostras de comunidade e população, [...]. (RAHMAN, 2010, p. 1060)

A hipótese imune maternal implica que os irmãos mais velhos podem ser interpretados como evidência de anticorpos anti-homem, que torna o cérebro feminilizado. (BLANCHARD et al., 2010, p. 412)

Não só esses resultados sugerem que a ordem de nascimento não afeta a orientação sexual das mulheres, eles também sugerem que alguns mecanismos específicos de gênero apontam para a relação entre a ordem de nascimento (fraternal) e orientação sexual nos homens. A hipótese de a resposta imune-maternal envolve um mecanismo de gênero específico e, portanto, é coerente com estes resultados. Esta hipótese é parcialmente baseada no argumento de que o sistema imunológico da mulher parece ser capaz de "lembrar" o número de fetos homens (mas não do sexo feminino) que ela anteriormente carregou e progressivamente alterar a sua resposta ao feto seguinte de acordo com o número atual dos homens anteriores. Se a hipótese imunológica for correta, então a conexão entre a reação imune da mãe e a futura orientação sexual da criança provavelmente estaria em algum efeito dos anticorpos maternos na diferenciação sexual do cérebro fetal. (BOGAERT, 2010a, p. 1396)

[...] Evidência de que fetos masculinos podem ser interpretados pelo sistema imunológico da mãe como ameaças incluem uma produção elevada durante a gravidez de fetoproteínas alfa maternas, substâncias que podem defendê-la de hormônios produzidos por um feto do sexo masculino [...]. (BOGAERT, 2010b, p. 383)

Presumivelmente, os fetos do sexo feminino não são tão predispostos, como fetos do sexo masculino, a serem interpretados como uma ameaça e, portanto, induzir uma resposta imune porque as próprias mães são do sexo feminino. [...] (BOGAERT, 2010b, p. 383-384)

[...] Um possível grupo de antígenos são os antígenos de histocompatibilidade menor ligados ao Y, especificamente o H-Y. Os acúmulos de anticorpos H-Y podem desviar a diferenciação sexual masculina típica do cérebro do feto, levando o indivíduo a ser sexualmente atraído por homens (Blanchard e Bogaert, 1996). Por exemplo, anticorpos específicos ao sexo masculino podem se ligar, e inativar, receptores diferenciadores do sexo masculino localizados sobre a superfície de neurônios fetais, assim, impedindo a morfogênese preferências sexuais masculinas. (RAHMAN, 2010, p. 1060-1061)

Também é mensurada a relação entre a ordem de nascimento dos irmãos com aspectos físicos corporais, como altura, por exemplo.

[...]Jo suposto mecanismo biológico por trás do efeito da ordem de nascimento fraternal pode ter um efeito sobre o desenvolvimento físico que dura e é detectável na idade adulta, que é a baixa estatura. Um mecanismo biológico que poderia explicar estes resultados é uma resposta materna imune a sucessivas gestações do sexo masculino (Blanchard & Bogaert, 1996b; Blanchard & Klassen, 1997; Ellis & Ames, 1987; MacCulloch & Waddington, 1981). (BOGAERT, 2010b, p. 383)

5.2.6.D CORPO-CÉREBRO

Nessa categoria de análise, elencamos os estudos que têm como foco o exame de fatores cerebrais de homens e mulheres, os quais explicariam as causas da homossexualidade.

Os resultados implicam em uma origem primitiva do desenvolvimento neurológico da orientação sexual nos homens. (BOGAERT, 2010, p. 141)

Mecanismos de desenvolvimento neurológico devem ligar circuitos neurais de forma diferente em pessoas com atração pelo mesmo sexo em relação àquelas com atração ao sexo oposto, mas ainda sabemos muito pouco sobre este circuito. A primeira indicação de correlações neurais para preferência de parceiro sexual veio do estudo de autópsia do terceiro núcleo intersticial do hipotálamo anterior (INAH-3) de Simon LeVay (1991) onde o INAH-3 foi encontrado menor em homens homossexuais do que em homens presumidamente heterossexuais, e indistinguíveis de mulheres presumidamente heterossexuais. [...]. (RAHMAN, 2010, p. 1061)

Observações clínicas têm mostrado o envolvimento de várias estruturas cerebrais na orientação sexual. Tem sido relatado que, em alguns pacientes com a síndrome Klüver-Bucy, que envolve as lesões do lobo temporal, a orientação mudou de heterossexual para homossexual. Mudanças na orientação sexual (a homossexual e pedófilo) também foram relatadas em conexão com tumores no lobo temporal e hipotálamo. Lesões na área pré-óptica do hipotálamo em animais experimentais, tais como furões e ratos também mostram mudanças na orientação sexual. [...] Feromônios influenciam o comportamento sexual e estimulam a ativação do hipotálamo das mulheres heterossexuais e homens homossexuais do mesmo modo, mas não ativam uma resposta no hipotálamo de homens heterossexuais. (SWAAB, 2010, p. 439-440)

O uso de fármacos durante a gestação foi outro fator pesquisado, pois a utilização de alguns medicamentos mostrou causar efeitos no cérebro dos fetos, que poderiam causar variações na “orientação sexual” dos sujeitos.

[...] Medicamentos prescritos que afetam o sistema imunológico da mãe ou do feto feminino em desenvolvimento pode alterar a feminização ou a desmasculinização do cérebro de maneira que causem variações na orientação sexual da filha quando adulta. (ELLIS, HELLBERG, 2010, p. 225)

[...] as mães das mulheres homossexuais em nossa amostra eram significativamente mais propensas a ter tomado pílulas para perder peso e medicamentos da tireoide durante a gravidez do que as mães de heterossexuais do sexo feminino. [...] (ELLIS, HELLBERG, 2010, p. 233)

Diante dessas categorias de análise – corpo-herança, corpo-estrutura, corpo-molécula e corpo-cérebro – observamos que as enunciações elencadas entrelaçam-se, na medida em que essa rede enunciativa, ao individualizar os sujeitos homossexuais – medindo, descrevendo, comparando e classificando os corpos, a fim de visibilizar quais seriam as causas/origens da homossexualidade – produzem um quadro de singulares efeitos, pré-disposições e definições desses sujeitos.

O que observamos nesses artigos científicos é uma “descoberta” do corpo dos/as homossexuais como objeto e alvo de poder, um corpo que se examina – cérebro, hormônios e genética – descreve e mensura – dedos, assimetria, lateralidade, orelhas, altura – compara e classifica – através de expressões faciais – a fim de torná-lo um corpo inteligível. Essa busca de tornar os corpos inteligíveis remete-nos a época clássica, em que ocorre um desejo cada vez maior de “unir ao corpo analisável o corpo manipulável” (FOUCAULT, 2009, p. 132). Esse autor destaca que “o corpo tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber.” (Ibid., p. 149)

Nesse processo de tornar o corpo inteligível, percebemos a produção de enunciados que irão compor o discurso biológico acerca da homossexualidade. Com isso, aqueles indivíduos nomeados socialmente como autorizados para tal produção (cientistas), buscam, nos artigos analisados, extrair dos/as homossexuais um saber, empregando tecnologias de poder-saber – exame, observação, documentação, entre outras. Conforme Foucault,

Um saber sobre os indivíduos que nasce da observação dos indivíduos, da sua classificação, do registro e da análise dos seus comportamentos, da sua comparação, etc. Vemos nascer [...] um saber de observação, um saber de certa forma clínico [...]. É assim que os indivíduos sobre os quais se exerce o poder ou são aquilo a partir do

que se vai extrair o saber que eles próprios formaram e que será retranscrito e acumulado segundo novas normas, ou são objeto de um saber que permitirá também novas formas de controle. (2005, p. 121-122)

Os artigos analisados buscam conhecer os corpos dos homossexuais em sua minúcia – genética, anatômica, fisiológica – através de estratégias de exame de cada parte que o compõe. Examinar para tornar visível o que nele se encontra de diferente, o que difere esse corpo daquilo que se espera e se define como desenvolvimento normal da “orientação sexual” (heterossexualidade), conforme algumas enunciações analisadas apontaram – identificação do gene da homossexualidade, medida de características bilaterais do corpo, observação do desenvolvimento neurológico, medição dos índices de hormônios sexuais, entre outras.

A homossexualidade é definida como um desvio da população considerada normal (heterossexual), e os corpos desses sujeitos apontam para algum tipo de variação hormonal, genética, cerebral ou de estrutura corporal. O que se coloca em observação nesses estudos são os sujeitos homossexuais, pois esses carregam em seus corpos algum aspecto diferente que os desviam do desenvolvimento normal de homens e mulheres.

Indo da opinião popular a pretensas científicas, essa ideia da heterossexualidade como inata, constituída na natureza das espécies e, assim, igualmente na natureza animal humana, tornaria sem razão de ser qualquer questão sobre sua origem. É dessa concepção naturalizadora da sexualidade que decorre igualmente a ideia segundo a qual nos cromossomos e nos hormônios estariam pré-fixadas as essências masculina e feminina que marcariam o desejo sexual e o destino social de homens e mulheres (SOUSA FILHO, 2009, p. 99).

A homossexualidade, ao ser entendida como desvio, deve ter sua causa específica investigada. Observamos, nos artigos analisados, que essa investigação está baseada no exame minucioso dos corpos dos/as homossexuais (por exemplo, exame do cérebro em desenvolvimento, de mecanismos auditivos, da relação entre o segundo e quarto dígitos das mãos, da lateralidade, dos esteroides sexuais pré-natais, etc.) e o resultado desse exame é um arquivo de detalhes e descrições, o qual se constitui a partir da individualização dos sujeitos examinados. Para Foucault (2009), as técnicas de exame empregadas para a investigação de homens e mulheres são engendradas a um sistema de registro e acumulação documentária.

O exame que coloca os indivíduos num campo de vigilância situa-os igualmente numa rede de anotações escritas; compromete-os em toda uma quantidade de documentos que os captam e os fixos. [...] Um

“poder de escrita” é constituído como uma peça essencial nas engrenagens da disciplina. (Ibid., p. 181)

Com o objetivo de documentar os saberes produzidos sobre a homossexualidade, esses estudos precisam ser publicados em periódicos de destaque na área (*Trends in Neurosciences; Current Opinion in Neurobiology; Brain and Cognition; Hormones and Behavior; Best Practice & Research Clinical Endocrinology & Metabolism; Personality and Individual Differences; Behavioral Neuroscience; Evolution and Human Behavior; Biological Psychology; Psychoneuroendocrinology; Neuroscience & Biobehavioral Reviews; Neuropsychology; Journal of Experimental Social Psychology*). Tais publicações, denotam aos artigos analisados, bem como aos/as pesquisadores/as, legitimidade e autoridade para organizar uma série de teorias, definições e maneiras que possibilitam descrever, mensurar, comparar e classificar os/as homossexuais, homogeneizando-os/as a traços e aspectos inscritos em seus corpos: níveis hormonais, desenvolvimento cerebral, genética e evolução da espécie, estruturas anatômicas internas e externas do corpo e traços faciais.

Ao olhar os/as homossexuais em sua singularidade, organizando os dados individuais em sistemas acumulativos de documentação, as tecnologias do exame constituem esses sujeitos como objetos de poder-saber, os quais podem ser descritos, analisados, comparados e “descobertos”, mantendo-os “em sua evolução particular, em suas aptidões ou capacidades próprias, sob o controle de um saber permanente” (FOUCAULT, 2009, p. 182). Nesse processo, ao tornar os corpos inteligíveis e visíveis, cercados de todas as técnicas documentárias, podemos perceber o quanto esses indivíduos passam a ser tratados como casos. O/A homossexual, ao ser tomado/a como um caso – descrito/a, medido/a e comparado/a a outro (sujeito heterossexual) em sua individualidade – deve ser classificado, normalizado e controlado.

Ao tornar o sujeito um caso, os discursos produzidos pelas Ciências, em sua maioria, marcados pelo caráter biologicista e essencialista, visam explicar “as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior”, reduzindo a “complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 2007, p. 43). O interior e o exterior dos corpos de homens e mulheres é medido, comparado e quantificado com o objetivo de produzir saberes e verdades sobre sua sexualidade. Os discursos produzidos acerca dos corpos e das

sexualidades possibilitaram que, com o passar do tempo, se modelasse o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, no caso desse estudo, a heterossexualidade como normal e a homossexualidade como anormal, como fora da zona de normalização.

Os saberes da ordem biológica produzidos sobre a homossexualidade acabam definindo e nomeando modos de entender e perceber os/as homossexuais. Dessa forma, compreendemos os sujeitos e as práticas discursivas como efeitos de poder e saber, sendo produzidos ambos nas diferentes instituições que os organizam. Para Foucault (2009, p. 185), “o indivíduo é um átomo fictício de uma representação ‘ideológica’ da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama ‘disciplina’”. Na perspectiva desse autor, o poder não deve ser entendido como negativo, que exclui ou reprime, mas como algo que produz realidades, campos de objetos e rituais de verdade. Assim, “o indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção”, ou seja, a disciplina – entendida como um dispositivo que, ao marcar o que e como ver os objetos, através de um conjunto de métodos, produz e instituiu os discursos verdadeiros – é uma técnica de poder que toma os indivíduos, simultaneamente, como objetos e como instrumentos de seu exercício (Ibid., p. 185).

Ainda sobre as proposições desse autor, pensar sobre a constituição dos indivíduos implica em entendermos sobre os processos de objetivação e subjetivação que concorrem conjuntamente nessa constituição. Conforme Fonseca (2007), sobre os processos de objetivação, Foucault buscou mostrar as práticas, dentro da nossa cultura, que fazem do indivíduo um objeto. Trata-se dos estudos que discutem como foi possível constituir o indivíduo através das técnicas disciplinares, ou seja, um objeto dócil e útil. Neste artigo, observamos as técnicas de exame dos corpos dos/as homossexuais – tais como a medição, descrição, comparação e classificação fundamentadas nos aspectos genéticos, cerebrais, hormonais, evolutivos e anatômicos (internos e externos) – atuando sobre esses sujeitos a fim de tornar seus corpos inteligíveis e mensuráveis, ou seja, transformam os/as homossexuais em objetos de poder-saber. Os processos de subjetivação são pensados dentro dos estudos em que o filósofo buscou, em nossa cultura, compreender as práticas que constituem o indivíduo moderno como sujeito preso a uma identidade que lhe é dada como própria e que ele reconhece como sua. Nos estudos acerca da homossexualidade, percebemos o quanto certas estruturas e aspectos

da biologia dos corpos passam a ser denominadas como responsáveis por determinar e “originar” a homossexualidade. Assim, podemos discutir o quanto tal enunciado, produzido ao apontar o que difere esses sujeitos da população normal (heterossexual) institui que portar determinados traços ou características corporais podem ser determinantes da identidade sexual do sujeito. Conforme Ewald,

Somos aquilo que somos em função da visibilidade que recebemos do poder – somos essa parte de visibilidade. A individualidade do poder é máxima na medida em que é a partir da sua unidade, da sua identidade que cada indivíduo tem a percepção da sua própria. (1993, p. 85)

Essa constituição de um sistema classificatório e comparativo relacionado às identidades sexuais não apenas instituem mecanismos individualizantes para observar, examinar e classificar os indivíduos, mas também possibilitam a medida de aspectos globais, a categorização e descrição de grupos sociais e, com isso, são estimados os desvios entre os indivíduos e a sua distribuição numa população. Essa produção de saberes sobre as identidades sexuais possibilita visibilizar aquilo que é estranho na população normal, a homossexualidade, e trazer esse estranho para a norma.

5.2.7 Visibilizar e normalizar: tecendo algumas considerações

A rede de enunciações produzida nos artigos analisados compõe um dos enunciados acerca da homossexualidade, na tentativa de pautar o discurso biológico sobre esses sujeitos. Nesse processo de produção/documentação/publicação de saberes sobre as identidades sexuais, observamos uma “correlação desses elementos, à acumulação dos documentos, sua seriação, à organização de campos comparativos que permitam classificar, formar categorias, estabelecer médias, fixar normas”. (FOUCAULT, 2009, p. 182)

Esses estudos visam conhecer, comparar e apropriar-se do corpo do/a homossexual com o intuito de trazê-lo/a para a norma. Os saberes produzidos sobre a homossexualidade não a caracterizam mais como estranha à sociedade, mas a institui como desvio, oposta ao normal (heterossexualidade) e por isso passa a ser entendida como anormal. Para Foucault,

[...] o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro, é a “norma”. (1999, p. 302)

A norma, nesse sistema comparativo, possibilita abordar os desvios, determinar o que é normal (heterossexualidade) e o que é anormal (homossexualidade). Os estudos analisados, ao pautar a construção de saberes no exame do corpo em sua minúcia, ao compará-lo a outros corpos e ao buscar “descobrir” nele uma origem biológica da homossexualidade, acabam por instituir e determinar o sujeito homossexual como aquele que desvia, que foge ao desenvolvimento considerado normal na população.

Nesses mecanismos científico-disciplinares, o normal toma o lugar do ancestral – observado nas explicações de cunho evolutivo da homossexualidade – e os sujeitos passam a ter seus corpos como inteligíveis, calculáveis e mensuráveis. Individualizando características anatômicas e fisiológicas internas e externas dos sujeitos, tornando os corpos objetos de poder-saber, criam-se medidas comparativas dentro de uma população, tendo sempre como referência a norma. (FOUCAULT, 2009)

As tecnologias engajadas na observação do corpo colocam as identidades sexuais atreladas a uma origem/destinação biológica, como parte dos organismos, sistemas, órgãos e moléculas. Ao medir, comparar, classificar e visibilizar os corpos dos/as homossexuais, os artigos analisados produzem uma rede de enunciações que, assim como a norma, individualizam e possibilitam comparações entre os sujeitos – classificando-os, nomeando-os e explicando-os, tomando como referência o corpo heterossexual – e os remetem ao conjunto, à população em geral. Essa normativa denomina de anormal aquele “cuja diferença em relação à maioria se convencionou ser excessivo, insuportável” (VEIGA-NETO, 2007, p. 75). Essa diferença passa a ser considerada um desvio, o qual foge da curva da normalidade em uma população e, por isso, deve ter sua origem investigada, descoberta, revelada, para que possam ser justificadas essas outras formas de viver e perceber os corpos e seus prazeres.

5.2.8 Referências

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BLANCHARD, Ray; et al. Interaction of fraternal birth order and handedness in the development of male homosexuality. *Hormones and Behavior*, v. 49, p. 405-414, mar. 2006. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=272297&_user=10&_pii=S0018506X05002138&_origin=search&_coverDate=03%2F31%2F2006&view=c&wchp=dGLzVIS-

zSkzV&_valck=1&md5=3e91511a5e3e4a366dabc982b065e9df&ie=/sdarticle.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2010.

BOGAERT, Anthony F. Extreme Right-Handedness, Older Brothers, and Sexual Orientation in Men. *Neuropsychology*, v. 21, p. 141-148, jan. 2007. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0894410507X60017&_cid=272759&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=4abc2da0324e63fc4f3ca7ec307e2e5e>. Acesso em: 18 dez. 2010.

_____. Birth Order and Sexual Orientation in Women. *Behavioral Neuroscience*, v. 111, p. 1395-1397, dez. 1997. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704400X00328&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=f57f1dd996d384ef42d7c5beff0a9381>. Acesso em: 18 dez. 2010a.

_____. The Interaction of Fraternal Birth Order and Body Size in Male Sexual Orientation. *Behavioral Neuroscience*, v. 117, p. 381-384, abr. 2003. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704400X00924&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=2794e73fd1cfb08aabd18c12d0ea1eaf>. Acesso em: 18 dez. 2010b.

BOGAERT, Anthony F.; BLANCHARD, Ray; CROSTHWAIT, Lesley E. Interaction of Birth Order, Handedness, and Sexual Orientation in the Kinsey Interview Data. *Behavioral Neuroscience*, v. 121, p. 845-853, out. 2007. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704407X60312&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=fd92bbcf85ee74712eb965cf5e8830c1>. Acesso em: 18 dez. 2010.

BOGAERT, Anthony F.; FRIESEN, Chris. Sexual orientation and height, weight, and age of puberty: new tests from a British national probability sample. *Biological Psychology*, v. 59, p. 135-145, mar. 2002. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MImg&_cid=271293&_user=10&_pii=S0301051101001314&_origin=search&_coverDate=03%2F31%2F2002&view=c&wchp=dGLzVlt-zSkWz&md5=4354d1d4530dcca322b60997e306cf3d/1-s2.0-S0301051101001314-main.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2010.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ELLIS, Lee; HELLBERG, Jill. Fetal exposure to prescription drugs and adult sexual orientation. *Personality and Individual Differences*, v. 38, p. 225-236, jan. 2005. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MImg&_cid=271782&_user=10&_pii=S0191886904001047&_origin=search&_coverDate=01%2F31%2F2005&view=c&wchp=

dGLbVIV-zSkWb&md5=d62495f7103f3bba2e89d6ac0a6e39a6/1-s2.0-S0191886904001047-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

EWALD, François. *Foucault: A norma e o direito*. Lisboa: Vega, 1993.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Caderno Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FONSECA, M. A. da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

_____. Resposta a uma questão. In: _____. *Ditos e Escritos VI: Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 01-24.

_____. Sexo, poder e a política da identidade. Disponível em: www.filoesco.unb.br/foucault. Acesso em: 31 jan. 2011.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GRIMBOS, Teresa et al. Sexual Orientation and the Second to Fourth Finger Length Ratio: A Meta-Analysis in Men and Women. *Behavioral Neuroscience*, v. 124, p. 278-287, abr. 2010. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704410X60025&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=cf50ea1ef0420db583c4c24d33c7145f>. Acesso em: 21 dez. 2010.

RAHMAN, Qazi. The neurodevelopment of human sexual orientation. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v. 29, p. 1057-1066, 2005. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MImg&_cid=271127&_user=10&_pii=S0149763405000321&_origin=search&_coverDate=12%2F31%2F2005&view=c&wchp=dGLzVlk-zSkzk&md5=93348aed63722217ebb65a8bdf94e94c/1-s2.0-S0149763405000321-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

_____. Fluctuating asymmetry, second to fourth finger length ratios and human sexual orientation. *Psychoneuroendocrinology*, v. 30, p. 382-391, maio, 2005. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271135&_user=10&_pii=S0306453004001763&_origin=search&_coverDate=05%2F01%2F2005&view=c&wchp=dGLzVBA-zSkWb&md5=7cca08b859c4eb11189f5acdae705777/1-s2.0-S0306453004001763-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010a.

RAHMAN, Qazi; WILSON, Glenn D. Born gay? The psychobiology of human sexual orientation. *Personality and Individual Differences*, v. 34, p. 1337-1382, jun. 2003. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271782&_user=10&_pii=S019188690200140X&_origin=search&_coverDate=06%2F30%2F2003&view=c&wchp=dGLzVlt-zSkWA&md5=f0dfc222ace546551c1454761e07e19e/1-s2.0-S019188690200140X-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

_____. Sexual orientation and the 2nd to 4th finger length ratio: evidence for organising effects of sex hormones or developmental instability? *Psychoneuroendocrinology*, v. 28, p. 288-303, abr. 2003. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271135&_user=10&_pii=S0306453002000227&_origin=search&_coverDate=04%2F30%2F2003&view=c&wchp=dGLzVlk-zSkzk&md5=62fef29296caa373844168b92a70a848/1-s2.0-S0306453002000227-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010a.

ROBINSON, S. J.; MANNING, John. T. The ratio of 2nd to 4th digit length and male homosexuality. *Evolution and Human Behavior*, v. 21, p. 333-345, set. 2000. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=271894&_user=685743&_pii=S1090513800000520&_check=y&_origin=&_coverDate=30-Sep-2000&view=c&wchp=dGLzVIB-zSkzk&md5=5135e89fc0ac651beeb548aa6870e766/1-s2.0-S1090513800000520-main.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2010.

RULE, Nicholas; AMBADY, O. Nalini. Brief exposures: Male sexual orientation is accurately perceived at 50 ms. *Journal of Experimental Social Psychology*, v. 44, p. 1100-1105, jul. 2008. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=272387&_user=685743&_pii=S0022103107001783&_check=y&_origin=&_coverDate=31-Jul-2008&view=c&wchp=dGLzVIB-zSkzk&md5=07e381c8bd04d503637289695b9c7027/1-s2.0-S0022103107001783-main.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2010.

SOUSA FILHO, A. de. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, Rogério. D. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 95-124.

SWAAB, Dick F. Sexual differentiation of the brain and behavior. *Best Practice & Research Clinical Endocrinology & Metabolism*, v. 21, p. 431-444, set. 2007.

Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=272303&_user=685743&_pii=S1521690X07000334&_check=y&_origin=search&_zone=rslt_list_item&_coverDate=2007-09-30&wchp=dGLzVlt-zSkWA&md5=0355650a9d4b3fa8a6a8bf7039f969ac/1-s2.0-S1521690X07000334-main.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 35-85.

5.3 Pedagogias da sexualidade nas páginas de revistas: homossexualidade um enigma a ser desvelado pela ciência?²⁴

5.3.1 Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar a veiculação dos saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade, visando discutir de que forma tais saberes vêm sendo apresentados e incorporados ao discurso midiático. Para tanto, serão analisadas algumas reportagens publicadas nas revistas Super Interessante, Veja, Época e Galileu – através de algumas ferramentas foucaultianas da análise do discurso. Esta pesquisa fundamenta-se a partir de alguns conceitos e entendimentos dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas, bem como em autores como Michel Foucault. Nas análises percebemos que as revistas utilizam uma série de estratégias para divulgação dos saberes científicos produzidos acerca da homossexualidade. Assim, foram criadas categorias de análise as quais contemplam essa rede de enunciações: as técnicas – uso de imagens produzidas por tecnologias médicas de visualização dos corpos, testes, imagens publicitárias, infográficos –, as vozes autorizadas – entrevistas com pesquisadores/as renomados/as ou menção de seus estudos –, a ciência – como área responsável pela produção de explicações verdadeiras sobre a homossexualidade –, as comprovações – os saberes científicos produzidos para explicar essa identidade sexual – e a cultura – mencionada como também responsável pela causa da homossexualidade, em algumas reportagens. Nesse processo, procuramos discutir o quanto os saberes científicos, (re)produzidos e veiculados nas revistas, ao serem acessados pelos sujeitos nesses meios de comunicação acabam por interpelar e ensinar modos de definir e compreender a homossexualidade. Discutir a homossexualidade, construída nessa complexa rede que constitui a cultura nos possibilita problematizar as formas pelas quais vão sendo produzidos os sujeitos homossexuais no interior de uma cultura, em um determinado tempo histórico.

Palavras Chaves: Homossexualidade; Ciência; Mídia; Discursos.

5.3.2 Homosexuality, a puzzle to be revealed by science: analysis of media discourse

5.3.3 Abstract

This article aims to investigate the propagation of scientific knowledge produced over homosexuality in order to discuss how such knowledge has been presented and incorporated into the media discourse. For this purpose, some stories will be analyzed which were published in Super Interessante, Veja, Época and Galileu magazines - through some Foucauldian tools of discourse analysis. In the analysis, we noticed that the magazines use a range of strategies for disseminating scientific knowledge produced over homosexuality. Then, categories of analysis were created which include the following network of enunciations: the techniques - use of images produced by medical body visualization technologies, testing, infographics; the authorized voices - interviews with renowned researchers or the mention of their studies; science - as the area

²⁴ Artigo submetido à Revista Educação e Cultura Contemporânea.

responsible for producing true explanations over homosexuality; the evidence - the scientific knowledge produced to explain this sexual identity; and culture - also mentioned as responsible for the cause of homosexuality in some reports. In this process, the scientific knowledge (re)produced and disseminated in such magazines, when being accessed by subjects in other means of communication end up questioning and teaching ways of defining and understanding homosexuality.

Keywords: Homosexuality, Science, Media, Discourse.

5.3.4 Apresentando a pesquisa

Reitero que, ainda que eu pessoalmente acredite que possa haver uma influência genética para a homossexualidade, ainda não existe uma comprovação científica. O avanço nas pesquisas e tecnologias poderá talvez elucidar esse enigma no futuro próximo (ZATZ, 2011).

Na sociedade contemporânea há necessidade de buscar uma comprovação da causa da homossexualidade, pois ela é vista como um mistério ou, como coloca a pesquisadora Mayana Zatz, um “enigma” a ser ainda desvendado.

Com esse propósito, a ciência e alguns de seus campos de saberes vêm sendo nomeados como fundamentais/importantes para desvelar a causa da homossexualidade, a fim de que explicações científicas sejam produzidas sobre esses sujeitos que estão à margem da zona de normalização na qual se encontra a heterossexualidade.

As discussões que se pretendem neste artigo estão articuladas e constituem a pesquisa²⁵ que estamos desenvolvendo, que tem como propósito investigar como diferentes campos do saber atuam na produção de formas de classificar e nomear o sujeito homossexual, bem como maneiras de definir e estabelecer as possíveis causas e/ou origens da homossexualidade. Para tanto, num primeira etapa da pesquisa, investigamos os artigos científicos publicados no banco de dados da *Science Direct*. Ao analisarmos estes artigos, evidenciamos o quanto os corpos dos/as homossexuais são examinados, esmiuçados e descritos a fim de se produzir saberes acerca desses sujeitos. Neste processo, focamos nosso olhar em dois movimentos de pesquisa. No primeiro, analisamos os métodos e estratégias empregadas nos artigos científicos para classificação e determinação das identidades sexuais de homens e mulheres. Ao examinarmos essas formas de investigação dos corpos e vidas dos sujeitos, observamos

²⁵ Pesquisa de doutorado em desenvolvimento, no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde.

a atuação de duas tecnologias: uma relacionada às técnicas de visualização médicas dos corpos e a outra relacionada às técnicas de exame. O segundo movimento da pesquisa teve como objetivo investigar estes mesmos artigos científicos, tendo como foco de análise a rede de saberes produzida sobre a possível causa e/ou “origem” da homossexualidade. Assim, estes estudos, ao pautar a construção de saberes no exame do corpo em sua minúcia, ao compará-lo a outros corpos e ao buscar “descobrir” nele uma origem biológica da homossexualidade, acabam por instituir e determinar o sujeito homossexual como aquele que desvia, que foge ao desenvolvimento considerado normal na população.

Ao analisar esses artigos e transitar por tais temas, em alguns momentos fomos percebendo que muitas revistas de divulgação, presentes na mídia brasileira, vinham tratando dessas temáticas pautando seus discursos nesses estudos científicos.

Esses movimentos de pesquisa e o encontro com os resultados desses estudos científicos nas revistas de ampla divulgação provocaram-nos algumas inquietações e provocações: Por que a homossexualidade deve ter sua causa “descoberta”? O que torna o corpo dos/as homossexuais a matriz de origem dessa identidade sexual? Que série de saberes é produzida sobre essa identidade? De que forma são divulgados esses saberes produzidos? Em que espaços esses saberes são divulgados? E como esses saberes são apropriados por essas revistas? Que intencionalidades pedagógicas essas revistas apresentam sobre a homossexualidade?

Estas inquietações provocaram-nos a escrita deste artigo, que se constitui como o terceiro movimento da pesquisa. O mesmo pretende investigar a veiculação dos saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade, visando discutir de que forma tais saberes vêm sendo apresentados e incorporados ao discurso midiático.

Para tanto, serão analisadas algumas reportagens publicadas em revistas de ampla divulgação nacional – Super Interessante, Veja, Época e Galileu – através de algumas ferramentas foucaultianas da análise do discurso.

Para discussão dos dados, vamos operar com alguns conceitos e entendimentos relacionados às pedagogias culturais, mídia, estratégias de informar e comunicar, discurso, linguagens, ciência, identidades sexuais, entre outros.

O artigo está organizado em quatro momentos: no primeiro, apresentamos alguns conceitos e entendimentos que fundamentam este artigo; no segundo, apresentamos as estratégias de produção dos dados e ferramentas de análise; a seguir,

analisamos e discutimos os dados produzidos através das categorias de análise: as técnicas, as vozes autorizadas, a ciência, as comprovações e a cultura; para finalizar, tecemos algumas considerações.

5.3.5 Fundamentando conceitos e entendimentos

Descobertas, curiosidades, novidades, conhecimentos e explicações são alguns dos aspectos que compõem e tornam o discurso midiático atrativo, político, social, cultural e educativo. Nesse processo, a divulgação científica, ou seja, a veiculação dos saberes produzidos pela Ciência em diferentes produtos midiáticos, desperta um interesse ainda maior dos meios de comunicar e informar os sujeitos na sociedade contemporânea – revistas, televisão, *sites*, entre outros – já que a linguagem científica denota legitimidade e credibilidade ao que está sendo apresentado.

A produção de saberes científicos tende a gerar não somente uma profusão de descobertas, explicações – ou, ao menos, novas hipóteses sobre as identidades sexuais de homens e mulheres, no caso deste artigo –, mas também a necessidade de comunicá-las a um público amplo.

Nesse processo de educação científica, o que observamos é uma espécie de transposição daqueles saberes produzidos e divulgados em determinados meios de divulgação das Ciências – periódicos e revistas científicas, como por exemplo, *Nature*, *Science*, entre outros – destinados e acessados por um público específico (pesquisadores/as, comunidade científica, universidades, etc.) para outras redes tecnológicas de comunicação, ou seja, mídia impressa, ondas de rádios e televisão, computadores, etc., acessadas e destinadas a um público geral. Esse processo de mediação de discursos,

implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral, audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta ou indiretamente, colaboramos para sua produção (THOMPSON, 1998, p. 33).

Na sociedade contemporânea, a maioria dos sujeitos está acoplada ou acessa dispositivos tecnológicos em rede – *smartphones*, *tablets*, *lan house*, entre outros – os

quais possibilitam acessar, romper e transitar por diferentes espaços, informar e ser informado, conhecer e ser conhecido, transgredindo o que vem sendo determinado como espaço educativo.

Assim, ao entender a mídia como mediadora e (re)produtora de discursos de diferentes ordens (política, histórica, científica, religiosa, educativa, entre outras), ou seja, como um desses espaços que nos educam, possibilita-nos problematizar o quanto torna-se relevante estarmos atentos/as a essa propagação de ideias, significados, conhecimentos, valores e representações, no sentido de discuti-las nos tempos e espaços escolares, promovendo aprendizagens do mundo e sobre o mundo (MELO; TOSTA, 2008). Para Lèvy (1999), o que está ocorrendo é uma mudança social, em que os sujeitos questionam as formas institucionais, as formas de pensar e a cultura dos sistemas educativos tradicionais, mas, acima de tudo, colocam em suspenso quem é o sujeito que ensina e quem é o sujeito que aprende, nesse contexto.

Nessa perspectiva, podemos entender que a mídia compartilha, [...], com a escola e com a família, o processo educacional e a tarefa de socialização e de formação de sujeitos inscritos em um campo cultural, contrariando a tese da escola como instância privatista desses processos (MELO; TOSTA, 2008, p. 55).

A mídia, entendida como uma produtora de bens simbólicos, “corresponde a um sistema complexo de produção, circulação e consumo de bens culturais. Seu foco está orientado em fabricar artefatos que se materializam em palavras, sons, imagens [...]” (MELO; TOSTA 2008, p. 30). Nesta direção, estamos entendendo revistas, *sites*, propagandas, filmes, entre outros, como artefatos culturais, ou seja, como produções culturais permeadas de valores, representações e significados de um dado tempo e de uma determinada sociedade. Esses artefatos contêm pedagogias culturais que nos ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados sociais. De acordo com Steinberg (1997), o termo pedagogia cultural refere-se à ideia de que são muitos os espaços, além da escola, que nos educam, que veiculam conhecimentos.

Para tanto, a circulação de saberes ocorre na mídia através de múltiplas linguagens – palavras, imagens, sons, objetos, etc. – não podendo ser tomada como neutra, pois nela encontram-se impressos e inscritos sentimentos, significados, maneiras de ver e perceber o mundo e os sujeitos (RIPOLL, 2007). Tais pedagogias culturais produzem valores e saberes, regulam condutas e modos de ser, fabricam identidades e

representações, e constituem certas relações de poder (SABAT, 2001).

E é essa compreensão que nos provocou a atentar para a pedagogia exercida pela mídia em algumas revistas de ampla circulação nacional – acessando seus *sites* –, ao veicularem saberes científicos produzidos acerca das possíveis “causas” e explicações da homossexualidade. Investigamos esses artefatos não para mapear o que vem sendo dito sobre os corpos e as sexualidades dos sujeitos, mas com intuito de problematizar o modo como essas pedagogias culturais constroem discursivamente significados que atuam no estabelecimento das subjetividades e das configurações sociais, bem como nas maneiras de perceber os corpos, as sexualidades, os sujeitos e nós mesmos/as.

Assim, essa rede de enunciações de ordem científica que é veiculada nessa mídia e acessada pelos sujeitos instaura e determina explicações e justificativas para a ocorrência da homossexualidade na população, dando uma visibilidade a esses sujeitos, no sentido de trazê-los para a norma.

[...] a norma é uma medida, uma maneira de produzir uma medida comum. A um tempo aquilo que torna comparável e individualiza: princípio de visibilidade, mediante puro mecanismo de reflexão do grupo sobre si mesmo (EWALD, 1993, p. 88).

Os artefatos midiáticos, através de suas estratégias de comunicar e informar, possibilitam que, nesse processo de comparação e de visibilidade dos sujeitos, seja reconhecido e determinado o que vem a ser o normal (no caso das identidades sexuais, os/as heterossexuais) e o anormal (os/as homossexuais) em nossa sociedade. Assim, estamos considerando que aqueles saberes produzidos sobre a homossexualidade, publicados em periódicos de divulgação científica – como, por exemplo, os artigos disponíveis no banco de dados *Science Direct*, analisados no caminho percorrido desta pesquisa – ao serem acessados pelos sujeitos em outros meios de comunicação interpelam e ensinam modos de definir e compreender a homossexualidade.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas, investigar tais produções e modos de educar, possibilita-nos problematizar as representações²⁶ sociais reproduzidas nelas, buscando mostrá-las como invenções, bem como evidenciar os processos pelos quais tornaram-se “naturalizadas” (SILVA, 2004). Para tanto, a seguir, apresentamos as estratégias empregadas para a produção dos dados

²⁶ As representações, na perspectiva dos Estudos Culturais – nas vertentes pós-estruturalistas – não espelham a realidade, o mundo “real” tal como ele é em sua “essência”. Representação, neste contexto, é entendida como um modo de produzir significados na cultura através da linguagem (SILVA, 2003).

e as ferramentas de análise dos mesmos.

5.3.6 A produção de dados e as ferramentas de análise

Para a busca das reportagens publicadas, utilizamos como fontes de pesquisa os *sites* das revistas nacionais Super Interessante, Veja, Época e Galileu, os quais disponibilizavam *on-line* as edições anteriores.

Foram selecionadas, para análises, as reportagens que contemplassem alguns dos seguintes critérios de seleção: são reportagens que têm como propósito divulgar as possíveis causas da homossexualidade, através dos saberes científicos produzidos; determinam modos de ser homossexual; e foram publicadas nos anos de 1995 a 2011²⁷.

Na busca realizada nos *sites* das revistas, no espaço que contém o acervo digital das edições anteriores das mesmas, ao colocar a palavra-chave homossexualidade, obtivemos um total de 729 resultados – 453 da Revista Super Interessante, 177 da Revista Veja, 69 da Revista Época e 37 da Revista Galileu. Nesta primeira pesquisa, observamos que, deste total, muitas reportagens apareciam no resultado da busca mais de uma vez (com versões para impressão, versão HTML, entre outras). Além disso, algumas reportagens tratavam dessas temáticas através de discussões que mencionavam estudos realizados em animais, matérias sobre os direitos e as políticas relacionadas à homossexualidade, aspectos como homofobia e discriminação, questões históricas e sociais associadas à religião católica, à representação dos homossexuais na mídia, entre outras matérias que não contemplavam os critérios de seleção estabelecidos nesta pesquisa e apresentados acima.

Desta forma, ficamos com um total de 12 reportagens a serem analisadas, as quais serão, a seguir, brevemente apresentadas.

²⁷ No ano de 2011, selecionamos as edições publicadas até o mês de setembro.

5.3.6.1 Sobre as revistas:

5.3.6.1.A REVISTA SUPER INTERESSANTE

A Super Interessante é uma publicação da Editora Abril e sua primeira edição foi lançada em setembro de 1987. Inicialmente, a revista tinha como projeto a divulgação de questões relacionadas à curiosidade, acontecimentos e ao intuito de adquirir reconhecimento da comunidade científica, dando ênfase aos temas relacionados às Ciências Naturais.

Atualmente, a revista tem periodicidade mensal e também apresenta suas reportagens em um *site* (<http://super.abril.com.br/>), no qual também disponibiliza ao/à leitor/a outras possibilidades de interação como *blogs*, busca por arquivos de edições anteriores, fóruns, testes, entre outros.

As reportagens selecionadas para análise correspondem aos anos de 2006 e 2008.

No ano de 2006, a reportagem “Por que os gays são gays?”, de Eduardo Szklarz (2011), discute as novidades dos estudos da área da Biologia quanto à origem da homossexualidade. A matéria apresenta comentários de uma bióloga (a transexual Joan Roughgarden), de um antropólogo (Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia) – que são a favor dessas pesquisas, pois acreditam que as mesmas possam diminuir preconceitos – e de uma psiquiatra (Carmita Abdo, psiquiatra do Hospital das Clínicas de São Paulo e coordenadora do Projeto Sexualidade) – que defende tais pesquisas, pois essas podem auxiliar os pais de homossexuais a entender até que ponto são responsáveis pela homossexualidade de seu/sua filho/a. Ao longo da reportagem, são discutidas as diferentes explicações produzidas pela Ciência, pautadas na genética, no desenvolvimento biológico do feto e nos hormônios.

A reportagem de Marília Juste (2011), “Por que existem homossexuais?”, publicada no ano de 2008, discute os resultados de estudos científicos relacionados à descoberta de comportamentos homossexuais em 450 espécies de mamíferos e aves, aspectos genéticos, hormonais e a chamada Teoria de seleção por parentesco.

Naquele mesmo ano, a reportagem de Rafael Tonon (2011), “Por que gays são gays?”, embora com título semelhante à reportagem publicada no ano de 2006, mencionada anteriormente, traz a resposta de quatro pesquisadores e essa pergunta: o

primeiro, Qazi Rahman, cientista da área de Psicobiologia da Universidade East London; o segundo, Dean Hamer, geneticista e diretor do Instituto Nacional do Câncer dos EUA; o terceiro, Daryl Bem, psicólogo da Universidade Cornell, no estado de Nova York; e o último, John Gagnon, sociólogo da Universidade do Estado de Nova York.

A reportagem, “Nosso destino pode ser traçado na gravidez”, de André Santoro e Natália Daumas (2011), aponta que a ciência prova que os acontecimentos dentro do útero, durante o desenvolvimento fetal, podem prever se o filho/a pode ser feliz. No tópico intitulado “É de nascença”, o e a jornalista apresentam estudos que visam explicar a determinação da “orientação sexual”. É citado o estudo do psicólogo Anthony Bogaert, da Universidade Brock, Canadá, sobre o histórico de cerca de mil homens, no qual indicava que filhos mais novos de mães que tiveram outros meninos têm mais chances de serem gays. Segundo a revista, os dados são recentes, mas já tinham sido mencionados em estudos anteriores, como os do pesquisador Alfred Kinsey que, nas décadas de 1940 e 1950, apontou que a prevalência de gays era maior em homens com irmãos mais velhos.

5.3.6.1.B REVISTA ÉPOCA

Época é uma revista semanal, publicada pela Editora Globo e foi lançada em 1998. Apresenta como principais temáticas questões relacionadas ao Brasil e ao mundo quanto a ciência e tecnologia, cultura, saúde, entre outras. Em seu *site* (<http://revistaepoca.globo.com/>) disponibiliza as edições anteriores, bem como apresenta o espaço do *blog*.

As reportagens selecionadas para análise são dos anos de 2008 e 2009.

No ano de 2008, na sessão Ciência e Tecnologia, foi publicada a reportagem de Marcela Buscato (2011), intitulada “A Biologia explica”, a qual apresenta os resultados das pesquisas dos cientistas do Instituto do Cérebro de Estocolmo, na Suécia, que conseguiram mostrar que algumas partes do cérebro de homossexuais funcionam de maneira semelhante ao cérebro de uma pessoa do sexo oposto. Eles descobriram que uma área ligada às emoções, chamada amígdala, é ativada da mesma maneira tanto nos homens quanto nas lésbicas e que outro padrão é encontrado nas mulheres e nos homens gays.

Naquele mesmo ano, Marcela Buscato (2011a) publica a reportagem “De mãe

para filho”, na qual apresenta uma entrevista com o pesquisador italiano, da Universidade de Pádua, Andrea Camperio Ciani. As pesquisas de Ciani sugerem que supostos genes relacionados à homossexualidade masculina, quando presentes em mulheres, aumentariam a fecundidade delas. Assim, elas teriam mais impulso sexual e justificaria o fato de que as mães de homens homossexuais têm em média 2,7 filhos, enquanto as de heterossexuais têm 2,3.

A reportagem intitulada “Qual é o sexo do seu cérebro?”, de Thaís Ferreira (2011), publicada na sessão da revista *Ciência e Tecnologia*, aponta que as diferenças no corpo de homens e mulheres estão além da aparência e dos órgãos sexuais, e que a ciência detectou que até o cérebro apresenta características femininas ou masculinas. Ao longo da matéria, a neuropsicologista Anne Moir, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, destaca que a “diferença de sexo” entre cérebro e corpo está ligada às causas da homossexualidade.

5.3.6.1.C REVISTA GALILEU

A *Galileu* é uma publicação mensal da Editora Globo, criada em 1991 e teve como primeiro nome *Globo Ciência*. Passou a ser nomeada como *Galileu* em 1998. A revista aborda assuntos relacionados à ciência, história, tecnologia, religião e saúde, entre outros. O *site* disponibiliza espaços como *games*, *blogs*, *vídeos*, etc.

Foram selecionadas para análise as reportagens publicadas nos anos de 2007 e 2011.

No ano de 2007, a reportagem “Qual será o limite?”, de Pablo Nogueira (2011), mostra a entrevista realizada com o pesquisador Renato Zamora Flores, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual são discutidas questões relacionadas às bases genéticas da homossexualidade.

Naquele ano também foi publicada a reportagem, também de Pablo Nogueira (2011a), intitulada “O polêmico gene gay – A relação entre genética e homossexualidade vive sendo provada e contestada. Agora, o maior estudo sobre o assunto quer responder: é possível nascer homossexual?” (2011) discute que, há quase duas décadas, psicólogos, geneticistas e neurologistas vêm coletando amostras das diferenças biológicas entre heterossexuais e homossexuais. Ao longo da reportagem, é realizada uma compilação das principais pesquisas realizadas sobre a questão da

homossexualidade e sua origem biológica. Ao final da reportagem, são apresentados quadros contendo os resultados dos principais estudos relacionados à homossexualidade.

5.3.6.1.D REVISTA VEJA

A Veja também é uma publicação da Editora Abril e foi lançada em 1968. A periodicidade da revista é semanal e trata principalmente de temas relacionados ao dia-a-dia da sociedade brasileira, bem como mundial, sendo eles política, comportamento, economia, cultura, tecnologia, ecologia, religião, entre outros. Seu *site* (veja.abril.com.br), além das reportagens exibidas nas revistas impressas, disponibiliza ao/a leitor/a recursos como vídeos e fotos, *blogs* e colunistas, acervo digital, entre outros.

Foram selecionadas três reportagens que datam dos anos de 2005, 2008 e 2009.

No ano de 2005, foi publicada a reportagem “A atração está no cheiro”, de Rosana Zakabi (2011). A matéria traz uma pesquisa que detectou que a atração entre os sexos dá se através do cheiro, bem como ainda destaca outras pesquisas sobre a causa da homossexualidade como, por exemplo, a causa genética.

No ano de 2008, a matéria intitulada “A diferença se vê no cérebro – Descoberto que os homossexuais são mais parecidos com pessoas do sexo oposto”, de Vanessa Vieira (2011), publicada na sessão Ciência, discute a “natureza” da homossexualidade, questionando se ela seria determinada por fatores biológicos ou culturais, e mobilizando, dessa forma, a Psicologia e outros campos da ciência a tal questionamento.

No ano de 2009, a reportagem “Homossexualidade: genético ou ambiental?” apresenta os comentários tecidos pela Dra. Mayana Zatz (2011) quanto à origem da homossexualidade. A pesquisadora aponta alguns dados relacionados a estudos genéticos e comportamentais.

5.3.6.2 Sobre as ferramentas de análise:

Para análise e discussão dos dados, iremos utilizar algumas das ferramentas foucaultianas da análise do discurso. Operar com esta estratégia metodológica é

fazemos uso das obras de Foucault como se fossem caixas de ferramentas, as quais podem servir para produzir um “curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder conforme o uso empregado por cada pessoa ao se valer de alguns de seus escritos” (POL-DROIT, 2006, p. 52).

Nesta perspectiva, utilizaremos algumas de suas ferramentas para analisar a rede de enunciações presente nas revistas, acerca dos sujeitos homossexuais, percebendo esses artefatos como produções históricas, políticas e sociais, entendendo as palavras enunciadas como construções de um determinado tempo e espaço e o quanto a linguagem produz os sujeitos.

Por esse viés, fazer análise do discurso, na perspectiva de Foucault, é trabalhar sobre as coisas ditas, ficar no nível de existência das palavras.

Analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. [...] consiste em não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 2009, p. 55).

Nesta direção, alguns princípios reguladores devem ser operados para se fazer tal análise: a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade e a de condição de possibilidade.

Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causa e efeitos na unidade informe de um grande devir [...]; mas não é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o ‘lugar’ do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição (FOUCAULT, 2006, p. 56).

A análise do discurso procura evidenciar de que forma os diferentes textos, dos quais tratamos, remetem-se uns aos outros, “se organizam em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comum a toda uma época” (FOUCAULT, 2009, p. 134).

Assim, vamos operar com essa caixa de ferramentas no intuito de buscar perceber como alguns dos saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade são

veiculados no discurso da mídia, nesse caso o das revistas brasileiras analisadas, a fim de perceber como essa linguagem constitui os objetos de que fala, ou seja, como vão sendo determinadas verdades sobre os/as homossexuais.

5.3.7 Descobertas, pistas, desafios, inovações: analisando as enunciações sobre a homossexualidade

As revistas analisadas, com o intuito de apresentar os saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade, utilizam-se de diferentes estratégias e linguagens para promover a divulgação científica. Dentre estas, destacamos: a apresentação de imagens; títulos que despertam interesse e curiosidade; entrevistas com pesquisadores/as renomados/as nas diferentes áreas do saber ou menção a suas pesquisas; utilização da linguagem científica, entre outras.

Nesta direção, para analisarmos essa rede de enunciações e as estratégias de divulgação empregadas nas revistas, organizamos algumas categorias de análise: as técnicas; as vozes privilegiadas; a ciência; as comprovações; a cultura.

5.3.7.1 AS TÉCNICAS

Nesta categoria de análise, vamos apresentar algumas das estratégias empregadas pelas revistas para divulgar e esclarecer alguns estudos realizados para “descobrir” as causas da homossexualidade. Essas técnicas de divulgação estão relacionadas ao uso de imagens produzidas por tecnologias médicas de visualização dos corpos, testes, escalas e infográficos.

Nas reportagens de Marcela Buscato (2011), da Revista Época, e de Vanessa Vieira (2011), da Revista Veja, são apresentadas imagens produzidas através da ressonância magnética (Figura 14 e 15), as quais mostram as áreas ativadas no cérebro de homens e mulheres heterossexuais e homossexuais durante a pesquisa. Além disso, é mencionado o uso da tomografia em outro estudo.

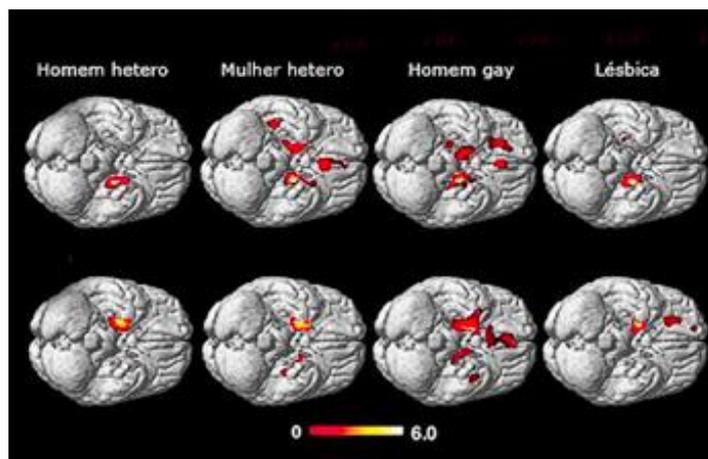


Figura 14: Imagens de ressonância magnética que mostram as áreas ativadas no cérebro de homens e mulheres heterossexuais e homossexuais durante a realização dos experimentos.
Fonte: BUSCATO, 2011.

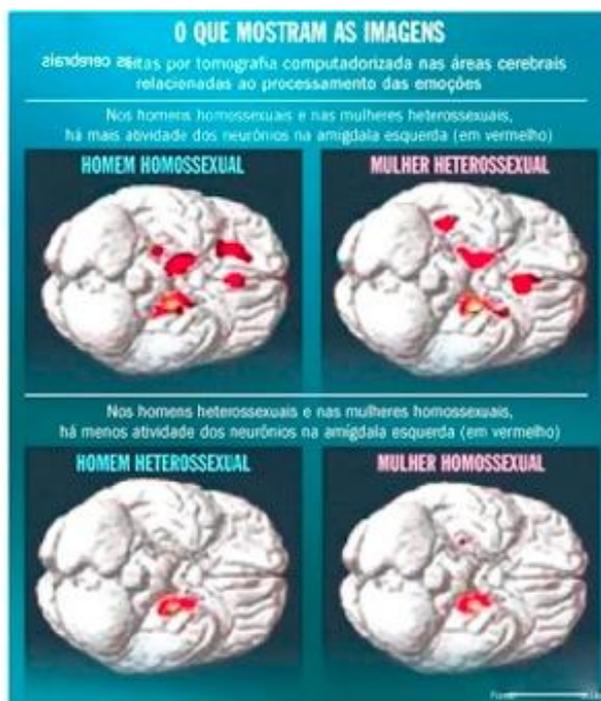


Figura 15: Quadro que apresentava as comparações entre os cérebros de homossexuais e heterossexuais durante a pesquisa.
Fonte: VIEIRA, 2011.

Cientistas do Instituto do Cérebro de Estocolmo, na Suécia, usaram técnicas de tomografia para analisar o cérebro de 50 voluntários - entre heterossexuais e homossexuais de ambos os sexos (BUSCATO, 2011).

[...] ressonância magnética para medir o tamanho de cada uma das metades do cérebro (BUSCATO, 2011).

Na pesquisa, noventa voluntários foram submetidos a exames de tomografia e ressonância magnética no cérebro. [...] As imagens mais eloqüentes da pesquisa foram obtidas ao se observar as conexões das amígdalas cerebrais (veja o quadro abaixo) (VIEIRA, 2011).

A mesma reportagem também menciona o uso de modelos matemáticos em outras pesquisas, contudo não mostra imagens.

[...]. E quanto mais descendentes, melhor para a espécie. Nesse caso, a matemática também explica (BUSCATO, 2011).

Eu e outros dois cientistas, Giovanni Zanzotto e Paolo Cermelli, testamos matematicamente esse modelo. Percebemos que, de acordo como essa teoria, a frequência da homossexualidade deveria ser maior do que é hoje (BUSCATO, 2011a).

Dois reportagens, uma da Revista Super Interessante e outra da Veja, também mencionam o uso de tecnologias médicas de visualização dos corpos empregadas em algumas pesquisas científicas, mas não apresentam suas imagens nas reportagens.

[...] Em seguida, a descoberta: usando um escâner, Hamer viu que uma região do cromossomo X, a Xq28, era idêntica em muitos irmãos gays. O que ele descobriu não foi propriamente um único gene gay, mas uma tira de DNA transmitida por inteiro (SZKLARZ, 2011).

A existência dos feromônios nos seres humanos é uma questão controversa. Agora, uma nova pesquisa, uma das muitas que têm se beneficiado das novas tecnologias de rastreamento fotográfico do cérebro, conclui que a atração sexual nos seres humanos também se regula pelos feromônios. O estudo foi divulgado na semana passada por uma equipe de médicos do Instituto Karolinska, em Estocolmo. Eles monitoraram o cérebro de 36 voluntários usando um aparelho de ressonância magnética (ZAKABI, 2011).

Ao analisarmos a veiculação das imagens produzidas pelos aparelhos de ressonância magnética, por exemplo, podemos problematizar que significados estas produzem nos sujeitos que as acessam. Essas imagens, produzidas a partir dos corpos de homens e mulheres, tanto exercem quanto são instrumentos de poder. Conforme Chazan (2003), estamos em uma sociedade cercada por imagens técnicas de todas as ordens, sendo que a visualidade, desde o final do século XIX, começou a ocupar lugar importante na relação do sujeito com o mundo. O prazer em olhar e em ser visto é constantemente alimentado por novas tecnologias visuais. Todos olham para todos e, nesse processo, procuramos conhecer e entender os sujeitos e a nós mesmos/as, nossas

condutas e formas de viver nossas identidades sexuais. Podemos problematizar que a visualidade dessas produções acabam exercendo uma função constitutiva e normativa.

Na reportagem de Ferreira (2011), publicada na revista *Época*, percebemos outra técnica sendo empregada: um *quiz*, intitulado “Qual é o sexo do seu cérebro?”, através do qual as pessoas poderiam “descobrir” o sexo do seu cérebro respondendo a algumas questões. Abaixo apresentamos a chamada para o teste.

O seu cérebro pode ter uma organização neurológica que resulta em você um estilo mais feminino ou masculino de pensar e se comportar independente, de seu sexo biológico. Responda as perguntas e descubra qual é o sexo do seu cérebro (FERREIRA, 2011).

O *quiz* foi organizado por uma pesquisadora – numa escala de 1 a 20 – sendo que o número 1 representa o cérebro mais masculino possível, 20 o mais feminino e quem se aproxima do 10 tem um cérebro misto (Figura 16). O teste é composto por 20 perguntas e tem como opções de resposta não ou sim. As perguntas contemplavam questões relacionadas ao ato de cantar afinado, competição, capacidade de escuta, subir em árvore, execução de tarefas, categorizar objetos, preferências de livros, sensibilidade, orientação espacial, entre outros aspectos.



Figura 16: Escala para conferir os pontos obtidos após a realização do *quiz* “Qual o sexo do seu cérebro?”
Fonte: FERREIRA, 2011.

Podemos problematizar que através da realização desse *quiz*, os sujeitos podem conhecer um pouco mais de si, um pouco mais sobre seu cérebro e sua sexualidade. Essa estratégia de interação possibilita aos sujeitos uma internalização e compreensão do discurso que está sendo apresentado, assumindo-o como seu, como legítimo, ou seja, as respostas obtidas e comparadas na escala possibilitam a homens e mulheres conhecer seu cérebro e, através desse conhecimento, justificar e explicar suas condutas, desejos e formas de viver suas identidades, tendo como modelo um padrão instaurado como

normal.

O que observamos é um entrelaçamento das identidades de gênero e sexuais, já que os tipos de perguntas realizadas no teste constituem o que se espera para um sujeito masculino e para um sujeito feminino, como se estas características fossem marcas inscritas no cérebro de homens e mulheres e que determinariam comportamentos e modos de ser normais para ambos os gêneros. Nesse processo, esses artefatos analisados buscam “através de múltiplas estratégias e táticas, ‘fixar’ uma identidade masculina ou feminina ‘normal’ e duradoura. Esse intento articula, então, as identidades de gênero “normais” a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual”. (LOURO, 2007, p. 26)

Nesta direção, o que buscamos problematizar é que as identidades, sexuais e de gênero, neste caso, são produzidas socialmente. Assim, essas identidades, embora estejam profundamente articuladas, não são a mesma coisa. As identidades de gênero remetem-nos para as várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade e as identidades sexuais estariam relacionadas com as formas como vivemos nossos prazeres e desejos corporais (LOURO, 2001). Neste sentido, sujeitos masculinos ou femininos podem ser, também, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, etc.

Dando continuidade à análise das técnicas empregadas nas revistas, na Galileu, a imagem de um anúncio publicitário (Figura 17) também foi empregada para mencionar o que vem sendo dito sobre a homossexualidade, nos debates atuais. Conforme a reportagem

Em outubro, na Itália, a possível pré-determinação da sexualidade virou debate nacional. O governo da província da Toscana veiculou um anúncio anti-homofobia no qual via-se o braço de um bebê com uma pulseira onde se lia "homossexual". A imagem era completada com a frase "a orientação sexual não é uma escolha". A propaganda foi imediatamente atacada por todo o espectro político do país (NOGUEIRA, 2011a).



Figura 17: Imagem veiculada em um anúncio publicitário italiano, o qual visava combater a homofobia na Revista Galileu.

Fonte: NOGUEIRA, 2011a.

Mais do que mencionar um exemplo do que vem sendo debatido e problematizado mundialmente sobre a homossexualidade nas diferentes esferas sociais como a política, a veiculação dessa imagem também nos interpela e opera como um mecanismo de representação, o qual nos ensina maneiras de definir e pensar a homossexualidade. Seria essa identidade sexual inata, da natureza dos sujeitos? Algo que se estabelece antes mesmo do nascimento? Algo que deve ser identificado e mapeado em cada sujeito e, com isso, inscrito em uma pulseira de identificação nos dada no nascimento? Muito mais do que chamar a atenção do público, essa imagem (re)produzida na revista produz valores, significados e saberes, “regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder”, sendo que é nesse processo que reside sua dimensão pedagógica (SABAT, 2001, p. 09).

A mesma reportagem, da Revista Galileu, utilizava-se também do recurso dos infográficos (Figura 18) para apresentar as explicações científicas produzidas para justificar a ocorrência da homossexualidade nos sujeitos.

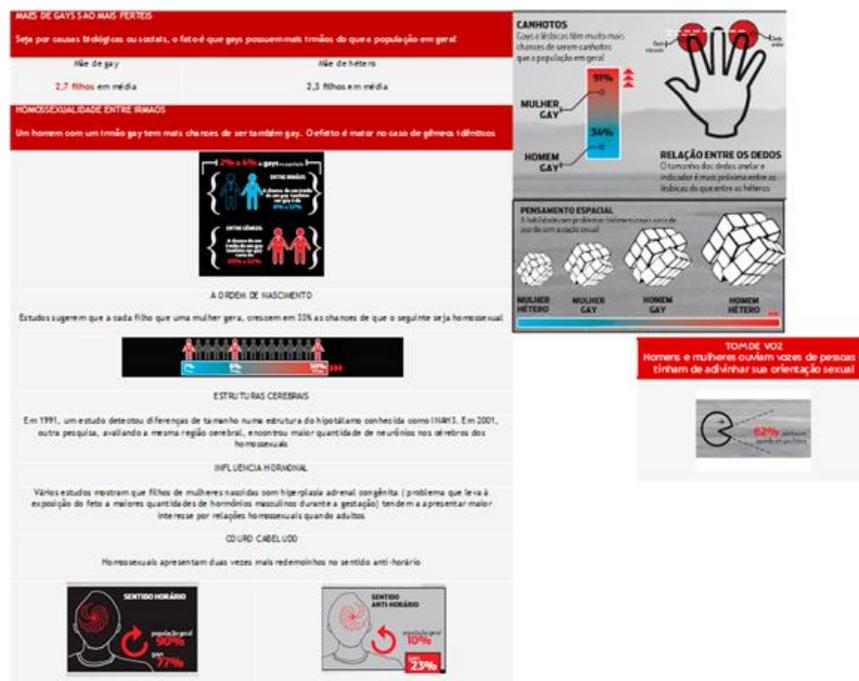


Figura 18: Infográficos apresentados na Revista Galileu
Fonte: NOGUEIRA, 2011a.

Ressaltamos que essa é uma técnica relevante na mídia atual. A utilização dos infográficos, os quais possibilitam tornar a linguagem midiática mais imagética, atendem a necessidade e estilo de vida contemporâneo, pois “o infográfico é lido em poucos minutos, já que é predominantemente visual, e apresenta-se de uma forma fácil de compreender a uma grande parcela da população” (MÓDOLO, 2012). Dessa forma, problematizamos que a utilização dessa estratégia de divulgação tem como proposta possibilitar aos sujeitos um acesso de fácil compreensão dos conhecimentos científicos que vêm sendo produzidos sobre a homossexualidade, que estes saberes passem a compor seu discurso e que pautem as explicações e definições das identidades sexuais.

Essas diferentes técnicas de comunicar empregadas pelas revistas – uso de imagens produzidas pelas técnicas médicas de visualização ou menção a essas tecnologias, *quiz* interativos, escalas, imagens de anúncios publicitários, infográficos – são estratégias relevantes no discurso midiático tanto pelo modo como são (re)construídas, (re)produzidas e tratadas formalmente quanto pelos significados, valores e representações que transmitem (KELLNER, 2001).

A veiculação e incorporação dessas técnicas para apresentar e divulgar os saberes científicos produzidos acerca dos corpos e das sexualidades dos sujeitos, na construção do midiático, despertam o interesse e tornam os indivíduos objetos de

conhecimento para si e para os outros.

5.3.7.2 AS VOZES AUTORIZADAS

Há quase duas décadas, psicólogos, geneticistas e neurologistas vêm coletando amostras das diferenças biológicas entre héteros e homossexuais [...] (NOGUEIRA, 2011a).

O excerto que introduz essa categoria de análise possibilita-nos perceber o quanto, para a construção de seu discurso sobre a homossexualidade, a mídia vem utilizando-se de vozes autorizadas – pesquisadores e pesquisadoras, profissionais conceituados das diferentes áreas do saber – para credenciar os estudos e explicações científicas apresentadas nas reportagens.

Pesquisadores suecos conseguiram mostrar pela primeira vez que algumas partes do cérebro de homossexuais podem realmente funcionar de maneira semelhante ao cérebro de uma pessoa do sexo oposto (BUSCATO, 2011).

[...] diz a ÉPOCA a neuropsicologista Anne Moir, da Universidade de Oxford, na Inglaterra (FERREIRA, 2011).

A primeira grande descoberta corroborando essa tese foi feita pelo neurologista americano Simon Le Vay em 1991 (NOGUEIRA, 2011a).

Os psicólogos Michael Bailey e Richard Pillard analisaram 110 pares de gêmeos (NOGUEIRA, 2011a).

[...] Naquele ano um artigo na prestigiada revista "Science" trazia os resultados do estudo feito pelo americano Dean Hammer com 114 famílias de homossexuais (NOGUEIRA, 2011a).

[...] diz o neurocientista Jorge Moll Neto, coordenador do Núcleo de Neurociências da Rede Labs D'Or (BUSCATO, 2011).

A reportagem de Buscato (2011), traz uma entrevista com o italiano Andrea Campero Ciani, pesquisador da Universidade de Pádua. No texto da matéria é apontado que o pesquisador *é uma das referências mundiais no estudo das origens da orientação sexual. O modelo de Ciani é um dos mais aceitos entre a comunidade científica para explicar como possíveis genes da homossexualidade teriam sido transmitidos entre gerações.*

Além desses/as pesquisadores/as, também são mencionados cientistas e estudos dos quais nos deparamos com seus artigos no banco de dados *Science Direct* nos movimentos desta pesquisa apresentados na sessão introdutória deste artigo.

[...] diz Qazi Rahman, da Queen Mary University, um dos mais influentes pesquisadores do Reino Unido na área (BUSCATO, 2011).

Blanchard e o colega Anthony Bogaert calcularam que cada irmão mais velho aumenta em 33% a possibilidade de o menor ser gay [...] (SZKLARZ, 2011).

*[...], diz o cientista Qazi Rahman, da Universidade de East London. (SZKLARZ, 2011)
Qazi Rahman, cientista da área de psicobiologia da Universidade East London (TONON, 2011).*

O psicólogo Anthony Bogaert, da Universidade Brock, em Ontário, no Canadá, se debruçou sobre o histórico de cerca de 1 000 homens [...] (SANTORO, DAUMAS, 2011).

No final da reportagem de Szklarz (2011), Revista Super Interessante, é indicado no quadro “Para saber mais”, o artigo Born Gay de Glenn Wilson e Qazi Rahman, disponível no *site* www.ingentaconnect.com/content/klu/aseb - Archives of Sexual Behaviour (Arquivos de comportamento sexual).

O que observamos nesta análise é que, para veicular e construir seu discurso, essas revistas fazem uso de diversas estratégias para reforçar e legitimar o que está sendo dito. Uma delas, para falar sobre as possíveis causas e explicações da homossexualidade, foi a de convocar as vozes autorizadas, isto é, pesquisadores/as de diferentes áreas, destacando-as como produtoras e legitimadoras do conhecimento. Além disso, utilizavam-se de discursos que provinham de locais específicos, isto é, universidades, periódicos científicos, institutos e centros de pesquisa renomados.

Ao analisarmos essas pedagogias, pudemos perceber, nesse processo de construção do discurso, a presença do que Michel Foucault (2006) chamou de direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Conforme o autor, em toda a sociedade a produção dos discursos é controlada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, como a interdição, ou seja, sabemos que não temos o “direito de dizer tudo, que não se pode falar em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Ibid., p. 09). Esse tipo de interdição possibilita-nos perceber que o discurso, longe de ser um elemento neutro, está ligado com o desejo e com o poder.

Além de mencionar o quão legítimo é esse sujeito que fala sobre a homossexualidade, em uma das reportagens analisadas ainda é ressaltado que o pesquisador, que construiu tal saber científico, é também homossexual, ou seja, além de ser uma referência nos estudos da área, o mesmo possui ainda mais legitimidade, pois

fala sobre si, sobre uma identidade que vivencia e tem conhecimento.

Até que em 1991 o neurocientista anglo-americano Simon LeVay, gay declarado, anunciou ter encontrado diferenças em cérebros de homens gays e héteros (SZKLARZ, 2011).

Em outra reportagem analisada, são mencionados os estudos de uma bióloga transexual, a qual vem defendendo a ideia de que pesquisar as causas das “orientações sexuais” pode ser uma alternativa para diminuir preconceitos.

*Cientistas, no entanto, defendem a necessidade de pesquisa, argumentando que elas podem acabar – ou pelo menos diminuir – preconceitos. “Os homossexuais são muitas vezes acusados de exibir um comportamento não natural. A única maneira de refutar essa acusação é pesquisar as causas das diferentes orientações sexuais”, diz a bióloga transexual Joan Roughgard, professora da Universidade Stanford e autora do livro *Evolution’s Rainbow* (“Arco-Íris da Evolução”, sem tradução em português), em que analisa cerca de 300 casos de comportamento homossexual entre animais (SZKLARZ, 2011).*

Em ambos os excertos mencionados acima, percebemos que, mais do que cientistas conceituados nas áreas de atuação, os mesmos detêm e inspiram ainda mais credibilidade ao que está sendo dito, pois são sujeitos que vivem sua sexualidade fora do padrão esperado são os próprios anormais que estão construindo esses saberes sobre eles mesmos.

Neste processo de analisar o discurso midiático dessas revistas, não buscamos

dominar os poderes que eles têm, nem conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for de início, qualificado para fazê-lo (FOUCAULT, 2006, p. 36-37).

Assim, não estamos confrontando o autor e o que ele quis dizer, mas buscamos perceber qual a posição que esse indivíduo ocupa para ser esse sujeito que fala, o que torna essa posição legítima para introduzi-lo na ordem do discurso sobre a homossexualidade.

5.3.7.3 A CIÊNCIA

O debate sobre a origem da orientação sexual é hoje um dos mais quentes da ciência – e também um daqueles em que os resultados parecem mais surpreendentes. [...] nos últimos anos, pesquisadores começaram a apontar novos – e surpreendentes – caminhos. As maiores novidades vêm dos estudos biológicos. [...] Mas as evidências estão causando uma revolução no pensamento científico. E se comprovadas, poderão subverter noções básicas que construímos ao redor dos gays (SZKLARZ, 2011).

Para além da chamada de vozes autorizadas para dar credibilidade ao que está sendo dito, as revistas analisadas apontam “A” ciência como campo do conhecimento autorizado e legitimado para a construção de saberes e verdades sobre os sujeitos e suas identidades sexuais, principalmente, a homossexualidade. Para tanto, “desafio”, “intrigante”, “prova mais consistente”, “revolução no pensamento”, “comprovação”, são algumas das expressões mencionadas nas reportagens no intuito de chamar a atenção e potencializar esse efeito de verdade que socialmente construímos acerca da produção científica.

A ciência procura há décadas as origens do comportamento homossexual (BUSCATO, 2011).

O estudo foi recebido como uma das mais fortes evidências de que a causa da homossexualidade também é determinada biologicamente e não apenas por uma escolha pessoal, moldada por experiências de vida (BUSCATO, 2011).

A nova pesquisa pode ser mais um passo na busca pelas causas da homossexualidade, mas não responde a uma das perguntas mais intrigantes da ciência (BUSCATO, 2011).

Agora, o maior estudo sobre o assunto quer responder: é possível nascer homossexual? (NOGUEIRA, 2011a).

[...] os vários estudos com gêmeos fortaleceram entre os pesquisadores a crença num componente genético da homossexualidade. "Mas a genética é apenas parte da explicação, não é a explicação", diz Bailey (NOGUEIRA, 2011a).

O novo desafio dos pesquisadores é entender quais as origens de um fenômeno recém-descoberto: a existência de irmãos mais velhos parece afetar a sexualidade dos mais novos. É o chamado “efeito big brother” (SZKLARZ, 2011).

Os processos que resultam na atração sexual são um permanente desafio para a ciência (ZAKABI, 2011).

O estudo sueco também adiciona novo combustível a uma das questões mais controversas do estudo do comportamento – a natureza da homossexualidade (ZAKABI, 2011).

Uma pesquisa divulgada na semana passada, feita pelo Stockholm Brain Institute, do Instituto Karolinska, na Suécia, foi recebida pelo meio científico como a prova mais consistente até hoje do peso do fator biológico na homossexualidade (VIEIRA, 2011).

Conforme nos aponta Foucault (2007), a produção de verdade em nossa sociedade está centrada no discurso científico, nas instâncias, sujeitos e meios que a produzem e reproduzem – centros de pesquisa, universidade, cientistas, mídia, periódicos científicos, entre outros. Nesta direção, o que percebemos nessas reportagens é a ciência como responsável por revelar e descobrir o que na biologia dos sujeitos homossexuais existe de diferente para a ocorrência dessa identidade sexual na população, bem como o reconhecimento de legítimos e verdadeiros os conhecimentos que esse campo do saber produz.

Assim, acessar essas revistas possibilita-nos construir entendimentos e certezas sobre nós mesmos e os outros, pois “não estamos acostumados a viver em um mundo sem certeza e sem segurança, sem a claridade dada pelas verdades científicas” (HENNING, 2011).

Além de ser convocada para produção de verdades sobre a homossexualidade, a ciência também é apontada como uma possibilidade de diminuir os preconceitos e estranhamentos que cercam essa identidade sexual. Em algumas reportagens analisadas é apontado – através da fala de um ativista do movimento homossexual ou citando a comunidade “gay” – que a produção de explicações científicas para a homossexualidade seria uma maneira de desconstruir preconceitos e noções produzidas acerca da mesma.

Para o antropólogo Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia, as pesquisas são importantes porque desconstruem a noção religiosa milenar de que homossexualidade é um comportamento diabólico e patológico. “Se comprovarem que há uma raiz genética, estará claro que a homossexualidade está nos próprios desígnios do Criador”, afirma (SZKLARZ, 2011).

Descobrir que o homossexualismo tem base biológica ou que ser canhoto é uma questão biológica não favorece a discriminação. Não estamos, como os pesquisadores alemães da década de 10 e 20, dizendo que a homossexualidade é inferior. Nosso trabalho é todo feito em parceria com o Luiz Mott, que é um dos maiores ativistas gays do Brasil, além de antropólogo da Universidade Federal da Bahia. E os grupos gays daqui de Porto Alegre também acompanham nosso trabalho e nunca protestaram. Pelo contrário (NOGUEIRA, 2011).

A comunidade gay começou a ver na ciência a resposta contra a idéia de que seu comportamento era “antinatural” (SZKLARZ, 2011).

Parte da comunidade gay avalia que elas são positivas porque mostram que o homossexualismo é uma característica inata, tanto quanto a cor dos olhos, e, portanto, algo natural. Mas há quem entenda que essas pesquisas podem levar à conclusão de que o homossexualismo é uma anomalia, uma doença hereditária. Os que partilham dessa opinião temem que se instale a eugenia sexual, com tentativas de intervir nos embriões para prevenir o nascimento de homossexuais (VIEIRA, 2011).

Ao analisarmos esses excertos, vimos emergir traços de uma doutrina naturalista a fim posicionar a homossexualidade ao lado da heterossexualidade, ou seja, como formas de sexualidade dadas pela natureza e, como isso, de acordo com a doutrina religiosa, dadas por Deus – conforme podemos notar na fala realizada pelo antropólogo Luiz Mott. Mas, essa estratégia seria uma forma de diminuir preconceitos?

Para Sousa Filho (2012), as diversas pesquisas e teorias sobre a causa da homossexualidade seriam produtos originados da supremacia do fundamentalismo heterossexista. Caberia à ciência, neste caso, olhar para a matriz biológica dos corpos desses sujeitos – genes, hormônios, cérebro, etc. – para construir verdades que justifiquem a homossexualidade e a tornem socialmente aceitáveis, tratando-se “de preconceito disfarçado em ciência”.

Relacionar a homossexualidade a causas biológicas (disfunção hormonal), psicológico (traumas infantis), social (isolamento, ausência feminina) ou a outras causas é dar status científico ao preconceito moralista – fundamentalista – que quer fazer crer a todos que a única expressão normal da sexualidade humana seria a heterossexualidade, porque seria sua forma natural. Hoje, não se pode mais aceitar a continuidade da aberração dessas explicações como fundamento para “teses científicas” ou como fundamento para a instituição do direito, sabendo-se que até aqui, em muitas sociedades, os homossexuais continuam excluídos da cidadania plena (Ibid.).

Diante dessa discussão, cabe salientar o quanto tais estudos e explicações científicas são invenções históricas e sociais, de um determinado tempo e espaço e “a ciência é apenas uma das formas de saber, um dos mais poderosos regimes que instituem verdades” (COSTA, 2007, p. 98). Nossa sociedade, é dirigida por uma “ordem discursiva que rege o que deve ser dito e o que deve ser calado, e os próprios sujeitos não estão isentos desses efeitos. [...] Eles são, simultaneamente, construídos e constituintes” (Ibid., p. 99).

Nesta direção, entendemos que as identidades sexuais, são construídas na e pela linguagem, permeadas de valores, representações e significados construídos

culturalmente como, por exemplo, pelo discurso midiático.

5.3.7.4 AS COMPROVAÇÕES

Nesta categoria de análise, buscamos elencar e problematizar alguns dos saberes científicos construídos sobre a homossexualidade, os quais são divulgados nas revistas analisadas como “comprovações” das causas e pré-disposições para a homossexualidade.

Num primeiro movimento de análise, podemos destacar os títulos utilizados para a chamada das reportagens nas revistas analisadas: “A biologia explica”; “Qual é o sexo do seu cérebro?”; “Qual será o limite?”; “O polêmico gene gay”; “A homossexualidade é doença?”; “Por que os gays são gays?”; “Por que existem homossexuais?”; “Nosso destino pode ser traçado na gravidez”; “A atração está no cheiro”; “A diferença se vê no cérebro”; “Homossexualidade: genético ou ambiental?”.

Os títulos das reportagens possibilitam-nos perceber um caráter essencialista e biologista, ou seja, as repostas da causa da homossexualidade estão no gene, no cérebro, são traçadas na gravidez, no cheiro, entre outras. Além disso, são títulos sensacionalistas, procurando chamar a atenção do/a leitor/a.

Num segundo movimento de análise, elencamos algumas enunciações apontadas nas reportagens analisadas, as quais visavam divulgar os saberes e estudos científicos produzidos para explicar a causa da homossexualidade. Assim, percebemos que partes do corpo de homens e mulheres – cérebro, genes, dedos das mãos, hormônios, entre outras – e fatores familiares – número de irmãos, caso dos irmãos gêmeos são apresentados como fatores biológicos que justificariam a ocorrência dessa identidade sexual na população.

[...] diferenças biológicas entre héteros e homossexuais, que passam pela influência da genética (o irmão gêmeo de um gay tem mais chance de ser também), habilidades manuais (gays de ambos os sexos têm mais chances de serem canhotos) e cognitivas (lésbicas têm um raciocínio de rotação espacial melhor do que as héteros) (NOGUEIRA, 2011a).

Mais uma vez houve correspondência entre homossexuais e o sexo oposto. Assim como os homens, as lésbicas têm o lado direito do cérebro maior do que o esquerdo. Já mulheres e gays têm as duas metades simétricas (BUSCATO, 2011).

Os pesquisadores suecos acreditam que as diferenças tenham sido moldadas ainda no

útero materno. Já se sabe que a assimetria entre os hemisférios é formada entre o trimestre final da gravidez e logo após o nascimento (BUSCATO, 2011).

Homens homossexuais e mulheres heterossexuais têm, estatisticamente, desempenho inferior em tarefas de orientação e navegação. Essa função é processada primariamente pelo lobo parietal direito, mais desenvolvido nos homens do que nas mulheres. Por outro lado, mulheres heterossexuais e homens homossexuais costumam sobressair nos testes verbais, o que pode ser explicado pela maior simetria dos circuitos da linguagem no cérebro feminino. Ou seja, elas utilizam os dois lados do cérebro para executar uma tarefa que os homens concentram apenas no hemisfério esquerdo (VIEIRA, 2011).

[...] seleção natural, os genes gays deveriam ter desaparecido porque os homossexuais têm poucos ou nenhum filho, o que não ajudaria na sobrevivência da espécie – algo crucial nos primórdios da civilização. [...] genes relacionados à homossexualidade masculina, quando presentes em mulheres, aumentariam a fecundidade delas (BUSCATO, 2011a).

Moir acredita que a diferença de sexo entre cérebro e corpo pode estar ligada às causas do homossexualismo. “Se a concentração de testosterona no útero está mais baixa do que o padrão para os homens, então o 'centro sexual' do cérebro será feminino e esse homem sentirá atração por outros homens. [...]” (FERREIRA, 2011).

A idéia é que os hormônios sexuais masculinos (andrógenos) se conectam às partes responsáveis pelos desejos sexuais no cérebro e influenciam seu crescimento, tornando o cérebro mais tipicamente masculino ou feminino. A conexão dependeria das proteínas receptoras de andrógenos (AR, na sigla em inglês). [...] Cientistas já constataram, por exemplo, que o hipotálamo masculino tem mais ARs que o feminino. Essa teoria supõe que a homossexualidade nos homens é causada por “portões” que restringem a entrada de andrógenos nas regiões responsáveis pela sexualidade, formando um cérebro submasculinizado. Nas mulheres, esses portões facilitariam entradas maiores, construindo uma estrutura supermasculinizada. Tudo consequência do número de ARs de cada feto – o que talvez se deva à carga genética. Os cientistas advertem que esse processo é complexo (SZKLARZ, 2011).

Entre 4 a 8 semanas depois da fecundação, a mãe grávida libera um hormônio sexual no embrião – hormônio que só vai ter efeitos mesmo durante a adolescência. É essa substância que, segundo alguns pesquisadores, seria responsável pela orientação sexual da pessoa. Se a combinação entre sexo do embrião e hormônio bater, o indivíduo será heterossexual. Se não, será gay (JUSTE, 2011).

[...] os hormônios influenciam na formação dos dedos das mãos, ainda antes de a criança vir ao mundo. Um bom método para comprovar essa influência é observar o comprimento dos dedos de uma pessoa. Nas mulheres heterossexuais, os dedos indicador e anular têm praticamente o mesmo tamanho. Já as lésbicas, segundo o psicólogo Marc Breedlove, autor da pesquisa, têm o dedo indicador mais curto, como os homens. Entre os homens, segundo Breedlove, não há relação entre o tamanho dos dedos e a sexualidade (ZAKABI, 2011).

Talvez a descoberta mais relevante tenha sido o chamado "efeito do irmão mais velho".

Ao que parece, o número de irmãos mais velhos poderia elevar a probabilidade de que um homem nasça com orientação homossexual. Curioso é que o número de irmãs mais velhas não parece fazer diferença (NOGUEIRA, 2011a).

A base científica, segundo a pesquisa, é o sistema imunológico da mãe. Na primeira gestação de um menino, ela cria anticorpos que atacam as proteínas produzidas pelo feto do sexo masculino, que são estranhas ao corpo feminino. Nada muito radical acontece com o primeiro bebê. Nas gestações seguintes, no entanto, esses anticorpos, cada vez mais potentes, agem diretamente sobre o cérebro do feto e - de uma forma ainda desconhecida - fazem com que a orientação sexual seja definida antes do nascimento (SANTORO; DAUMAS, 2011).

Os homens, ao sentir o cheiro de amostras do hormônio estrógeno, extraído da urina das mulheres, apresentaram um aumento de atividade no hipotálamo – região do cérebro associada às emoções e aos impulsos sexuais. Nas mulheres, a mesma região foi ativada quando elas sentiram o odor do hormônio testosterona, retirado pelos cientistas do suor masculino. Um estudo semelhante já havia sido feito pela mesma equipe médica anos atrás. A novidade, desta vez, foi a inclusão de um terceiro grupo, o dos homossexuais masculinos. O resultado surpreendeu os pesquisadores. A reação do cérebro dos integrantes desse grupo ao serem expostos aos odores foi exatamente a mesma das mulheres. O estudo também foi feito com lésbicas, mas, segundo a médica Ivanka Savic, coordenadora da pesquisa, os dados nesse caso ainda não são conclusivos (ZAKABI, 2011).

Nossas pesquisas foram as primeiras feitas fora da Europa e dos Estados Unidos a mostrar que, quanto mais filhos uma mulher tem, maiores são as chances de que o caçula seja homossexual. Acho que nesses casos a mãe produz um anticorpo que vai lá e retira um certo hormônio do feto. [...] Isso é mais um reforço para a hipótese de que os genes do cromossoma X que estão envolvidos em algumas populações em orientação sexual tenham a ver com a mudança de configuração de núcleos cerebrais. Eles agiriam no final da organização cerebral. Mas a substância fabricada pela mãe afetaria a expressão desses genes (NOGUEIRA, 2011).

Nesses excertos, podemos observar que as comprovações sobre as causas da homossexualidade estão alicerçadas em bases científicas que investigam os corpos dos sujeitos em suas minúcias a fim de “descobrir” quais fatores biológicos são responsáveis pela “origem” da homossexualidade de homens e mulheres. Para construção dessas comprovações alguns critérios de verificação são utilizados com o objetivo de produzir saberes sobre esses sujeitos, a fim de que se possa determinar quem é o sujeito normal e o sujeito que desvia da norma, o homossexual.

Nessa rede de enunciações produzidas por essas pesquisas apresentadas foi possível perceber a invenção de métodos e espaços adequados, a fim de comprovar a homossexualidade. Para Bruno Latour (2005), o laboratório é um desses espaços para

observação de um fenômeno garantindo, dessa forma, a produção de “verdades” e, assim, as comprovações científicas. Para esse autor, os “fatos são feitos” e, nesse processo, socialmente, passamos a considerar que somente conhecemos a natureza dos fatos porque os mesmos são elaborados dentro de “critérios experimentais ou formais de cientificidade” (FOUCAULT, 2009, p. 204).

Também foi possível verificar a presença das vozes autorizadas, ou seja, para produzir saberes, controlar, observar, falar e atuar no campo científico, um grupo constitui-se como autorizado, os cientistas (HENNING, 2011).

5.3.7.5 A CULTURA

Na categoria anterior, observamos que as explicações e comprovações da causa da homossexualidade estavam centradas em um discurso científico que busca nas bases biológicas dos corpos as justificativas para tal fenômeno.

Na presente categoria, o que podemos observar foi que tal fenômeno além de ser explicado pela biologia é, também, relacionado aos aspectos culturais e ambientais, conforme os excertos abaixo.

Eles indicam que a formação da sexualidade acontece antes do nascimento – em parte pelos genes, mas também por fatores que atuam no desenvolvimento do feto. Não há nada comprovado e ainda falta muito a ser desvendado, especialmente sobre a influência do ambiente onde a criança é criada em sua sexualidade (SZKLARZ, 2011). Como os outros pesquisadores, Rahman não nega que fatores ambientais possam entrar na equação. O problema é que ninguém sabe exatamente quais são eles. Não há provas, por exemplo, de que o abuso sexual na infância causa homossexualidade. O número de gays não é maior em lares chefiados por mulheres nem entre filhos criados por casais gays. Tampouco há mais casos de homossexualidade após períodos de guerra, quando os pais se ausentam de casa, o que enfraquece as hipóteses sobre dinâmicas familiares. Nem mesmo a teoria de Sigmund Freud encontra sustentação científica. O pai da psicanálise dizia que mães superprotetoras e pais ausentes poderiam levar o filho a ser gay. Mas ao invés de encontrar a causa, Freud possivelmente enxergou a consequência: a superproteção da mãe não seria a origem da homossexualidade, mas um ato de defesa para um filho que é rejeitado pelo pai por se comportar, desde cedo, de maneira feminina (SZKLARZ, 2011).

“Fatores biológicos (como genes e hormônios) são certamente responsáveis por mais de 50% da orientação sexual”, diz Dean Hamer. Ou seja: até mesmo o pai do “gene gay” admite que há espaço para fatores psicológicos. É justamente por apostar na interação entre biologia e ambiente que a teoria “exótico se torna erótico” vem

chamando a atenção dos estudiosos (SZKLARZ, 2011).

Isso significa que, apesar de a ciência estar caminhando para a noção de que a homossexualidade é inata, a biologia não é completamente determinante. “Essa predisposição para a homossexualidade vai se manifestar ou não dependendo das experiências de vida da pessoa”, diz a psiquiatra Carmita Abdo. Tudo indica que a homossexualidade é mesmo o resultado da interação de 3 fatores: biológicos, psicológicos e sociais, mesmo que esses dois últimos ainda precisem de mais evidências (SZKLARZ, 2011).

Esses excertos possibilitaram-nos pensar que algumas dessas revistas apresentam outro entendimento do corpo do que aquele puramente biológico, ou seja, um corpo biossocial – embora esta teorização seja mencionada em alguns excertos como não comprovada.

Entender o corpo nessa perspectiva, ou seja, como um híbrido entre o biológico e o cultural, possibilita-nos perceber o quanto discursos, pedagogias, práticas sociais, saberes científicos, entre outros, produzem e transformam esse corpo, inscrevem determinadas marcas e constituem nossas identidades. Para Souza (2007), os corpos estão relacionados com o meio social e cultural os quais estão inseridos, sendo múltiplos os processos que o corporificam, que os tornam superfícies de inscrição de identidades, gestos, saberes e poderes.

A veiculação, nessas revistas, dos saberes científicos sobre os corpos entrelaçados às interações sociais e ambientais dos sujeitos, na busca de explicar a homossexualidade, pode possibilitar aos sujeitos que acessam essas enunciações um entendimento acerca do próprio corpo, constituindo e imprimindo maneiras de viver e perceber, neste caso, as identidades sexuais.

5.3.8 Tecendo algumas considerações

Diante das discussões tecidas, destacamos que o propósito deste trabalho foi o de discutir como se expressam as pedagogias da sexualidade nas revistas analisadas, ou seja, problematizar como essa mídia, através de suas diferentes estratégias de comunicar e informar saberes científicos sobre a homossexualidade – organizadas nas categorias de análise apresentadas: técnicas, vozes autorizadas, ciência, comprovações e cultura – estão entrelaçadas e têm efeitos na constituição de significados e representações sobre o sujeito homossexual.

Nesse processo de (re)produção de conhecimentos acerca da homossexualidade, empregado pelas revistas, se constroem o que vamos reconhecendo e entendendo como heterossexualidade/homossexualidade, biológico/cultural e normal/anormal. Isso significa assumir que é através da linguagem que vão sendo produzidos e colocados em ação mecanismos e estratégias de

identificação e de diferenciação que estão na base das hierarquizações e desigualdades sociais. É, então, na linguagem que se constroem os ‘lugares’ nos quais os indivíduos e grupos sociais se posicionam ou são posicionados por outros, é nela que operam os sistemas simbólicos que nos permitem entender nossas experiências e definir aquilo que nós somos ou pensamos ser (MEYER; SOARES, 2005, p. 40).

A mídia, como uma dessas instâncias sociais de produção de significados através da linguagem - imagens, testes, saberes científicos, entre outras – ensina modos de definir, perceber e viver nossa sexualidade, por exemplo. No caso das reportagens analisadas, percebemos o quanto são estabelecidos significados e representações sobre a homossexualidade – anormal, um desvio, um problema no “desenvolvimento sexual” normal, algo no corpo que é diferente, uma questão de cultura e biologia, etc. – os quais instituem modos de classificar e determinar as identidades sexuais. Essas revistas, entendidas e reconhecidas nesta pesquisa como produtos culturais, são portadoras de pedagogias, as quais (re)produzem determinados conhecimentos, valores e significados, ensinam modos de explicar, justificar e reconhecer a homossexualidade.

Através de seu dispositivo pedagógico²⁸, a mídia atua garantido o estabelecimento da norma, pois os sujeitos homossexuais devem ter seus corpos “revelados” pela ciência, a fim de possibilitar a construção de conhecimentos e entendimentos sobre si. Nesta direção, procuramos discutir o quanto

as pedagogias não são apenas instâncias de “informação” sobre determinados temas, elas envolvem processos ativos de formação de sujeitos. A educação não é simplesmente mediadora de identidades, ela é ativamente produtora de identidades, posicionando os sujeitos em relação a verdades de raça, sexo, gênero, religião, nação, classe, faixa etária, corpo, etc. (SEFFNER; FIGLIUZZI, 2011, p. 51).

As revistas analisadas, através da divulgação dos saberes científicos, configuram-se como mecanismos de regulação e determinação de significados sobre o corpo homossexual, interpelando os sujeitos que acessam seu discurso, os quais

²⁸ Ver Fischer (1996).

aprendem a se identificar, incorporar e agir conforme as marcas, biológicas, que seu corpo apresenta, constituindo, assim, sua identidade.

Para Hall, nossas identidades são construídas culturalmente e isto significa dizer que

devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora dela. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). (1997, p. 28)

Este autor ainda argumenta que a cultura envolve todas as práticas que não se encontram inscritas em nossa genética, mas que “nos transmitem valores, que precisam ser interpretados significativamente pelos outros, ou que dependem do significado para seu efetivo funcionamento” (HALL, 1997a, p. 3). Por esse viés, entendemos que a veiculação de saberes científicos sobre a homossexualidade, através da linguagem midiática, (re)produz conceitos, verdades, valores, crenças e representações, que organizam e regulam as práticas sociais, que influenciam condutas, modos de ser e estar na sociedade, ou seja, quem são e a que grupo os sujeitos pertencem, que demarcam e sustentam a homossexualidade.

Pensarmos a homossexualidade, construída nessa complexa rede que constitui a cultura possibilita-nos problematizar as formas pelas quais vão sendo produzidos ensinamentos, valores e representações sobre a homossexualidade e os sujeitos homossexuais no interior de uma cultura, em um determinado tempo histórico.

Através das problematizações tecidas neste texto, procuramos contribuir com algumas das discussões acerca da homossexualidade no campo educacional. Tomar essas revistas analisadas como artefatos culturais, as quais continham determinadas pedagogias da sexualidade (re)produtoras de conhecimentos, de natureza científica, possibilitou-nos discutir o quanto seus ensinamentos estão articulados às diferentes maneiras de representar e posicionar os sujeitos com relação a sua identidade sexual, ou seja, o heterossexual como referência e o homossexual como aquele que deve ser estudado, comparado, investigado e compreendido através da biologia de seu corpo. Nessa direção, o que propomos é o reconhecimento dessas pedagogias enquanto um dispositivo cultural que, assim como a escola, está engendrado na construção de determinados ensinamentos que nos educam enquanto sujeitos.

5.3.9 Referências:

- BUSCATO, Marcela. A biologia explica. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI6300-15224,00-A+BIOLOGIA+EXPLICA.html>>. Acesso em: 29 set. 2011.
- _____. De mãe para filho. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI16258-15246,00-DE+MAE+PARA+FILHO.html>>. Acesso em: 29 set. 2011a.
- CHAZAN, Lilian Krakowski. O corpo transparente e o panóptico expandido: considerações sobre as tecnologias de imagem nas reconfigurações da pessoa contemporânea. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 193-214, 2003.
- COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural de identidade. In: _____. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 91-116.
- EWALD, François. *Foucault: A norma e o direito*. Lisboa: Vega, 1993.
- FERREIRA, Thaís. Qual é o sexo do seu cérebro? Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI65446-15224,00-QUAL+E+O+SEXO+DO+SEU+CEREBRO.html>>. Acesso em: 29 set. 2011.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso*. Mídia e produção de subjetividade. 297 f. Tese. Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- _____. The Work of Representation. In: _____. (Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997a.
- HENNING, Paula Corrêa. Profanando a ciência: relativizando seus saberes, questionando suas verdades. *Currículo sem Fronteiras*, v.7, p.158-184, jul./dez. 2007. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/henning.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2011.
- JUSTE, Marília. Por que existem homossexuais? Disponível em:

<<http://super.abril.com.br/cotidiano/existem-homossexuais-447572.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2011.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

LÈVY, Pierre. *Cibercultural*. São Paulo: 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade e gênero na escola. In: VEIGA-NETO, Alfredo. *et al.* (Org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 69-73.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes, *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 07-34.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. *Mídia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23-44.

MÓDOLO, Cristiane Machado. *Infográficos: características, conceitos e princípios básicos*. Disponível em: <<http://www.aligattor.com.br/cdromparacongresso/resumos/R0586-1.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

NOGUEIRA, Pablo. Qual será o seu limite? Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT352968-1708,00.html>>. Acesso em: 27 set. 2011.

_____. O polêmico gene gay: a relação entre genética e homossexualidade vive sendo provada e contestada. Agora, o maior estudo sobre o assunto quer responder: é possível nascer homossexual? Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG80153-7943-197,00-O+POLEMICO+GENE+GAY.html>>. Acesso em: 27 set. 2011a.

POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006.

RIPOLL, Daniela. Corpo, genética e poder: notas sobre o filme *Gattaca*. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et al. (Org.). *Ensaio em Estudos Culturais, Educação em Ciências*. A produção do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 115-130

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 12-21, jun./dez., 2001.

SANTORO, André; DAUMAS, Natália. Nosso destino pode ser traçado na gravidez. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/nosso-destino-pode-ser-tracado-gravidez-619668.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2011.

SEFFNER, Fernando; FIGLIUZZI, Adriza. Na escola e nas revistas: Reconhecendo pedagogias do gênero, da sexualidade e do corpo. *Revista FACED*, Salvador, n.19, p. 45-59, jan./jun. 2011.

SILVA, Tomas Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Nádia Geisa. S. de. “Fases da vida”: discursos biológicos, religiosos, midiáticos. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et al. *Ensaaios em estudos culturais, educação e ciência*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 19-34.

SOUSA FILHO, Alípio de. *Homossexualidade e Preconceito*. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/S_autores/Sousa_filho_Alipio_tit_homossexualidade_e_preconceito.htm. Acesso em: 11 abr. 2012.

STEINBERG, Shirley. *Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações*. In: SILVA, Luiz H.; AZEVEDO, José C. de; SANTOS, Edmilson S. dos. (Org.). *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria de Educação, 1997. p. 98-145.

SZKLARZ, Eduardo. Por que os gays são gays?. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/gays-sao-gays-446194.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2011.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TONON, Rafael. Por que gays são gays? Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/gays-sao-gays-447628.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2011.

VIEIRA, Vanessa. A diferença se vê no cérebro: descoberto que os homossexuais são mais parecidos com pessoas do sexo oposto. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/250608/p_168.shtml>. Acesso em: 29 set. 2011.

ZAKABI, Rosana. A atração está no cheiro. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/180505/p_100.html>. Acesso em: 29 set. 2011.

ZATZ, Mayana. Homossexualidade: genético ou ambiental? Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/genetica/arquivo/homossexualidade-genetico-ou-ambiental/>>. Acesso em: 29 set. 2011.

6 É CHEGADA A HORA DE UM PONTO FINAL: TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Transitar pela rede de enunciações acerca da homossexualidade, presente nos artigos científicos e nas reportagens das revistas analisadas nesta tese, possibilitou desestabilizações, questionamentos, o (re)pensar, (re)construir e mobilizar entendimentos, significados e representações sobre a ciência, a produção do conhecimento, a veiculação dos saberes científicos em diferentes espaços, os modos de comunicar e informar, as identidades sexuais, entre outras.

Olhar, revisar e analisar os artigos científicos disponíveis no banco de dados *Science Direct* e as reportagens das revistas possibilitou-nos perceber a emergência de três grandes enunciados. O primeiro afirma que **métodos que obedecem a critérios de cientificidade são utilizados para examinar o sujeito homossexual.**

Assim, durante as análises, evidenciamos o quanto os corpos dos sujeitos homossexuais tornam-se objetos em que atuam diferentes técnicas e tecnologias de investigação. Para torná-los cada vez mais transparentes e inteligíveis – para que possam ser observados em sua minúcia, detalhados, descritos, esquadrinhados, desvelados, classificados, comparados e documentados – são colocadas em funcionamento tecnologias médicas de visualização dos corpos e outras metodologias: ressonância magnética, tomografia, experimentos em espécies animais, necropsia, exame da lateralidade, medições dos níveis hormonais, medidas de estruturas corporais, genes, teste *phallometric*, entre outras.

Ao analisarmos as formas como os/as homossexuais foram investigados/as nos estudos publicados nesses artigos científicos, observamos que atuavam sobre esses sujeitos não somente as técnicas que tornavam os corpos transparentes, mas, também, técnicas de exame, as quais passaram a transformar o indivíduo em um caso. Para fazer operar essa tecnologia, foram postos em funcionamento o ritual da confissão dos desejos, experiências e preferências, o uso de questionários de autoidentificação, a produção de relatórios como, por exemplo, o Kinsey, a análise de documentos clínicos e legais, a investigação da família, entre outros procedimentos do exame, os quais tratam o/a homossexual como um objeto descritível, analisável e classificável, reduzindo-o/a a traços específicos.

A partir desses diferentes métodos e estratégias de investigação e exame do corpo e da vida desse sujeito homossexual, podemos observar a produção de alguns dados sobre as estruturas anatômicas e fisiológicas desses corpos examinados, os quais possibilitaram a construção de explicações e justificativas para causa ou origem da homossexualidade. Neste processo de produção de saberes sobre a homossexualidade, vimos emergir o segundo enunciado: **a causa ou “origem” da homossexualidade encontra-se na matriz biológica de homens e mulheres.**

Ao discutirmos a rede de enunciações presente nesses artigos verificamos que o objetivo desses estudos científicos sobre a homossexualidade era o de conhecer, examinar e visibilizar os corpos dos/as homossexuais na sua minúcia – genética, anatômica, hormonal, fisiológica e cerebral –, pois só assim poderiam ser produzidos, organizados e documentados uma série de saberes acerca desses sujeitos. Essas enunciações estavam entrelaçadas, conforme observamos nas categorias de análises produzidas – corpo-herança, corpo-estrutura, corpo-molécula e corpo-cérebro – na medida em que essa rede enunciativa, ao individualizar os sujeitos homossexuais, medindo, descrevendo, comparando e classificando os corpos, produzem um quadro de singulares efeitos, pré-disposições, comparações e definições para esses sujeitos.

Analisar os processos de investigação dos corpos e das sexualidades nesses artigos, também possibilitou-nos perceber as ciências como o campo de saber legitimado para produção de “verdades” para as diferentes formas de viver os prazeres e desejos corporais, reinterando, de alguma forma, as teses do determinismo biológico. Assim, foram nomeados os sujeitos autorizados para tal produção, ou seja, os/as cientistas. São estes/as profissionais que detinham a credibilidade para extrair dos/as homossexuais um saber, empregando tecnologias de poder-saber, como o exame, a observação, a documentação, entre outras.

Nesta direção, observamos que essa série de saberes científicos produzida sobre a homossexualidade e o sujeito homossexual encontra-se engendrada a um sistema de registro, acumulação de dados e documentação. Os dados produzidos podem compor relatórios, como o Kinsey – ainda nomeado, conforme os artigos analisados, como maior estudo sobre a sexualidade humana –, mas, para além dessa forma de compilação de dados, esses saberes devem ser divulgados e acessados pelas pessoas.

Neste processo de documentação e divulgação de saberes sobre a homossexualidade, observamos a necessidade de que estes sejam publicados em

periódicos de destaque na área científica – nesta tese os artigos encontravam-se publicados nos seguintes periódicos: *Trends in Neurosciences*; *Current Opinion in Neurobiology*; *Brain and Cognition*; *Hormones and Behavior*; *Best Practice & Research Clinical Endocrinology & Metabolism*; *Personality and Individual Differences*; *Behavioral Neuroscience*; *Evolution and Human Behavior*; *Biological Psychology*; *Psychoneuroendocrinology*; *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*; *Neuropsychology*; *Journal of Experimental Social Psychology*. Publicar seus estudos nesses periódicos denota aos/as pesquisadores/as e aos artigos legitimidade e autoridade para organizar uma série de teorias e definições acerca da homossexualidade.

Contudo, esses estudos e saberes extrapolam os espaços dos periódicos científicos, sendo acessados por outros sujeitos, não somente aqueles que compõem a comunidade científica, acadêmica ou dos centros de pesquisa. O que percebemos, através desta pesquisa, é que os resultados produzidos nesses estudos científicos também são veiculados em outros meios de informar e comunicar, ou seja, a mídia, nesse caso, as revistas *Veja*, *Época*, *Superinteressante* e *Galileu*. Assim, emerge o terceiro enunciado desta tese: **os saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade devem ser ressignificados, veiculados e publicados em meios de comunicar e informar os sujeitos, tornando os/as homossexuais objetos de conhecimento para si e para os outros.**

Nesta problematização, discutimos o modo como essas pedagogias culturais vão construindo discursivamente significados sobre a homossexualidade, ao veicularem alguns saberes científicos. Significados que acabam por estabelecer subjetividades e determinadas configurações sociais, bem como maneiras de perceber os corpos, as sexualidades, os sujeitos e nós mesmos/as.

A análise desses artefatos culturais possibilitou-nos perceber o uso de diferentes estratégias para reforçar e legitimar o que está sendo dito. A primeira, estava relacionada à veiculação nessas revistas de imagens e menções dos procedimentos técnicos empregados para examinar os/as homossexuais. A segunda estratégia refere-se à evocação de vozes autorizadas, ou seja, pesquisadores/as de diferentes áreas. A terceira trata-se da colocação da ciência como campo do saber autorizado para investigação e produção de “verdades” sobre a homossexualidade. A outra estratégia é a de veicular os saberes científicos como comprovações das causas e pré-disposições para a homossexualidade. E, por último, a quinta estratégia, a qual estava relacionada à

veiculação, nessas revistas, dos saberes científicos sobre os corpos entrelaçados às interações sociais e ambientais dos sujeitos, na busca de explicar a homossexualidade.

Transitar por essas redes de enunciações possibilita-nos problematizar o quanto os saberes produzidos e publicados em veículos de divulgação científica como, por exemplo, os artigos analisados nesta pesquisa – disponíveis no banco de dados *Science Direct* – e em outros espaços, como as revistas, ensinam modos de definir e compreender a homossexualidade. A documentação, veiculação e incorporação das imagens e dos discursos científicos produzidos acerca dos corpos e das sexualidades dos sujeitos nesses espaços educativos acabam por despertar o interesse e tornar os/as homossexuais objetos de conhecimento para si e para os outros.

Ainda observamos, atualmente, o dispositivo da sexualidade sendo operado nessa produção de estudos e saberes ancorados na investigação dos corpos de homens e mulheres, com o intuito de produzir “verdades” sobre a sexualidade desses sujeitos. O poder que provém desse dispositivo não apenas apodera-se do corpo, mas, também, da vida, dos desejos, dos prazeres e das escolhas de cada indivíduo. Além disso, tal dispositivo institui e reforça alguns binarismos socialmente construídos: heterossexualidade/homossexualidade, biológico/cultural, normal/anormal e saudável/doente.

As tecnologias empregadas na observação dos corpos e na produção de saberes acabam por colocar as identidades sexuais presas a uma destinação biológica, apontam que os corpos dos sujeitos homossexuais apresentam algo de diferente, ou seja, esse corpo se difere daquilo que se espera e se define nesses estudos científicos como “desenvolvimento normal da orientação sexual”. Nesse processo comparativo, são tomados como referência os corpos heterossexuais.

Essa constituição de um sistema que classifica e compara homens e mulheres quanto as suas identidades sexuais não apenas institui mecanismos individualizantes de observação, mas também possibilita a medida de aspectos globais, cria categorias distintas de pertencimento. Os saberes produzidos sobre sexualidade dos sujeitos possibilita visibilizar aquilo que é estranho, um desvio na população, ou seja, a homossexualidade. Assim, através dessa produção de conhecimentos, o/a homossexual deixa de ser algo desconhecido e pode ser trazido para a norma (FOUCAULT, 2001).

O que vimos operar nos artigos científicos analisados foi o conceito que nomeamos, nesta tese, de normativa corpo-confissão. As técnicas de esquadramento,

medição e investigação dos corpos dos sujeitos homossexuais, engendradas as estratégias de fazer falar de suas experiências, desejos e prazeres possibilitaram a construção de saberes que viriam a compor uma rede discursiva que, como a norma, individualiza e permite comparações entre os sujeitos homossexuais e heterossexuais – tomados como referência – e, nesse processo, os remetem à população em geral. Ao apontar e apresentar o que há de diferente no corpo de homens e mulheres homossexuais, os estudos científicos analisados, bem como as revistas, passam a construir a homossexualidade como um desvio, em dados estatísticos, aquilo que foge da curva de normalidade em uma população e, por isso, deve ter sua origem investigada, revelada, para que possam ser justificadas essas outras formas de viver e perceber os corpos e seus prazeres.

Essa construção da diferença constitui uma tecnologia política de poder normatizadora que está centrada na vida. Os saberes construídos sobre a sexualidade dos sujeitos homossexuais passam a constituir o discurso biológico acerca da homossexualidade, como uma estratégia de controle da população. Esse poder, que se aplica sobre a vida, que Foucault (1999) nomeou de biopolítica, dirige-se à população em geral, implantando mecanismos que permitem previsões, estatísticas e medições globais. Assim, esses saberes produzidos e divulgados estabelecem marcas corporais, em torno de essências biológicas; fixam características e atributos predeterminados, os quais funcionam como causas da homossexualidade na população.

É através dessas estratégias de controle e medições discutidas nesta tese, bem como a própria construção do corpo de um sujeito homossexual e suas diferenças, que acabam por constituir táticas políticas de dominação e exclusão, as quais se reproduzem nos saberes científicos produzidos e nas histórias que são narradas sobre esses sujeitos.

Essa (re)produção constante do/a homossexual, como anormal, um desvio a ser identificado dentro da população, acaba por gerar preconceitos, maneiras de definir e perceber esses sujeitos como objetos a serem corrigidos. Apontar os saberes científicos construídos sobre a homossexualidade, discutir de que forma eles nos acessam e são acessados, é buscar construir outros olhares sobre a ciência e a produção dos conhecimentos, percebê-los como práticas sociais, construções coletivas e históricas.

Problematizar a homossexualidade como uma construção dentro dessa complexa rede de saberes da ordem biológica, possibilita-nos problematizar as formas pelas quais vão sendo produzidos ensinamentos, valores e representações sobre essa identidade

sexual e os sujeitos homossexuais no interior de uma cultura, em um determinado tempo histórico. Contudo,

a história continua, e está a nos contar sobre “novos” sujeitos, “novos” movimentos sociais, “novos” gêneros sexuais, e tantas outras identidades quantas nossos “óculos” deixarem ver, nossas possibilidades de interpretação permitem compreender, e nossa flexibilidade cultural, social e política puder admitir. (COSTA, 1996, p. 13)

Diante das considerações tecidas ao longo da escrita desta tese, fica a vontade de que outras histórias sobre a homossexualidade e os sujeitos homossexuais sejam contadas. Outras histórias que não demarquem preconceitos, binarismos hierárquicos e desigualdades.

7 TRILHANDO OUTROS CAMINHOS: PERSPECTIVAS, DESEJOS,...

Sempre que se produz um novo conhecimento também se inventa um novo e peculiar caminho. Quando olhamos para trás é que nos damos conta disso. (COSTA, 1996, p. 13)

Transitar por territórios instáveis, tecer redes de diálogos teóricos, mapear alguns conceitos, abrir a caixa de ferramentas, desestabilizar verdades, (re)construir outras e se deparar com muitas inquietações foram alguns dos caminhos que esta pesquisa me possibilitou. Não sou mais a mesma pesquisadora, mulher, professora,...

Diante dos dados produzidos, ficou o desejo de não parar por aqui. Ficou o desejo de que esta tese também produza alguns efeitos naqueles/as que irão encontrá-la em seu caminho. Que as discussões tecidas nela possam contribuir para o campo da Educação em Ciências, no que tange às problematizações sobre a ciência, os processos de produção do conhecimento científico, as implicações que as práticas científicas têm sobre os processos de constituição dos sujeitos, bem como a discussão sobre os diferentes espaços que promovem a educação científica.

Temos a certeza de que a mesma não apresenta nenhuma fórmula mágica no que tange às discussões relacionadas às identidades sexuais. Nem mesmo tivemos a pretensão de prescrever soluções para as questões que cercam a sexualidade dos sujeitos. Nosso objetivo foi o de contribuir, modestamente, para que nós, pesquisadores/as, professores/as, homens e mulheres, possamos começar a perceber a ciência não mais como neutra, inquestionável e produtora de verdades. Que não aceitemos tais saberes produzidos sobre a homossexualidade de maneira automática e silenciosa. Que possamos desestabilizar as verdades construídas, colocar em suspenso o que nos é dito e provocar outros modos de olhar a ciência e a produção do conhecimento científico. Que possamos perceber e discutir esses tantos outros espaços, por exemplo a mídia, que nos educam e que nos constituem enquanto sujeitos.

Assim, após a escrita desta tese, fica a perspectiva de dar continuada às discussões iniciadas aqui através de projetos de pesquisa que visem ampliar essas problematizações, investigando outros espaços educativos e outras redes de produção de saberes sobre os/as homossexuais, bem como projetos que promovam a discussão dessas temáticas na formação inicial e continuada de profissionais da educação.

Assim, trabalhar com questões como a ciência, a mídia e como essas vêm produzindo e representando a heterossexualidade e a homossexualidade, na formação inicial e continuada de professores/as, é trilhar um caminho na busca de que nossa sociedade se torne mais igualitária, menos sexista e não homofóbica.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. *A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256 p.
- BLANCHARD, Ray; et al. Interaction of fraternal birth order and handedness in the development of male homosexuality. *Hormones and Behavior*, v. 49, p. 405-414, mar. 2006. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=272297&_user=10&_pii=S018506X05002138&_origin=search&_coverDate=03%2F31%2F2006&view=c&wchp=dGLzVIS-zSkzV&_valck=1&md5=3e91511a5e3e4a366dabc982b065e9df&ie=/sdarticle.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2010.
- BOGAERT, Anthony F. Birth Order and Sexual Orientation in Women. *Behavioral Neuroscience*, v. 111, p. 1395-1397, dez. 1997. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704400X00328&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=f57f1dd996d384ef42d7c5beff0a9381>. Acesso em: 18 dez. 2010.
- _____. The Interaction of Fraternal Birth Order and Body Size in Male Sexual Orientation. *Behavioral Neuroscience*, v. 117, p. 381-384, abr. 2003. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704400X00924&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=2794e73fd1cfb08aabd18c12d0ea1eaf>. Acesso em: 18 dez. 2010a.
- _____. Extreme Right-Handedness, Older Brothers, and Sexual Orientation in Men. *Neuropsychology*, v. 21, p. 141-148, jan. 2007. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0894410507X60017&_cid=272759&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=4abc2da0324e63fc4f3ca7ec307e2e5e>. Acesso em: 18 dez. 2010b.
- BOGAERT, Anthony F.; BLANCHARD, Ray; CROSTHWAIT, Lesley E. Interaction of Birth Order, Handedness, and Sexual Orientation in the Kinsey Interview Data. *Behavioral Neuroscience*, v. 121, p. 845-853, out. 2007. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704407X60312&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=fd92bbcf85ee74712eb965cf5e8830c1>. Acesso em: 18 dez. 2010.
- BOGAERT, Anthony F.; FRIESEN, Chris. Sexual orientation and height, weight, and age of puberty: new tests from a British national probability sample. *Biological Psychology*, v. 59, p. 135-145, mar. 2002. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271293&_user=10&_pii=S0301051101001314&_origin=search&_coverDate=03%2F31%2F2002&view=c&wchp=

dGLzVlt-zSkWz&md5=4354d1d4530dcca322b60997e306cf3d/1-s2.0-S0301051101001314-main.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2010.

BUSCATO, Marcela. A biologia explica. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI6300-15224,00-A+BIOLOGIA+EXPLICA.html>>. Acesso em: 29 set. 2011.

_____. De mãe para filho. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI16258-15246,00-DE+MAE+PARA+FILHO.html>>. Acesso em: 29 set. 2011a.

BYNE, William et al. The Interstitial Nuclei of the Human Anterior Hypothalamus: An Investigation of Variation with Sex, Sexual Orientation, and HIV Status. *Hormones and Behavior*, v. 40, p. 86-92, set. 2001. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=272297&_user=10&_pii=S0018506X01916800&_origin=search&_coverDate=09%2F30%2F2001&view=c&wchp=dGLzVBA-zSkWb&md5=1bd38e3d13b714b97a6e02eabf2b2052/1-s2.0-S0018506X01916800-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 293 p.

CAPONI, Sandra. Da herança à localização cerebral: sobre o determinismo biológico de condutas indesejadas. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, p. 343-352, 2007.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Gênero e diversidade sexual: um glossário*. João Pessoa: Ed. Universitária/EFPB, 2009.

CECCARELLI, Paulo Roberto; FRANCO, Samuel. Homossexualidade: verdades e mitos. *BAGOAS - Estudos gays, gênero e sexualidade*. Natal, v. 5, p. 119-129, 2010.

CHAZAN, Lilian Krakowski. O corpo transparente e o panóptico expandido: considerações sobre as tecnologias de imagem nas reconfigurações da pessoa contemporânea. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 193-214, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 105-132.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 07-17.

COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural de identidade. In: _____. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 91-116.

COUTO, Edvaldo Souza. Corpos modificados – O saudável e o doente na cibercultura. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 172-186.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EL-HANI, Charbel. N. et al. Conflitos e perspectivas nas relações entre biologia e cultura. *Interfaces*, Salvador, n. 1, p. 28-39, 1997.

ELLIS, Lee; HELLBERG, Jill. Fetal exposure to prescription drugs and adult sexual orientation. *Personality and Individual Differences*, v. 38, p. 225-236, jan. 2005.

Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIImg&_cid=271782&_user=10&_pii=S0191886904001047&_origin=search&_coverDate=01%2F31%2F2005&view=c&wchp=dGLbVIV-zSkWb&md5=d62495f7103f3bba2e89d6ac0a6e39a6/1-s2.0-S0191886904001047-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

EWALD, François. *Foucault: A norma e o direito*. Lisboa: Vega, 1993.

FERREIRA, Thaís. Qual é o sexo do seu cérebro?. Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI65446-15224,00-QUAL+E+O+SEXO+DO+SEU+CEREBRO.html>>. Acesso em: 29 set. 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso*. Mídia e produção de subjetividade. 297 f. Tese. Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.

_____. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, dez. 1997. p. 59-80.

_____. Foucault e a análise do discurso em educação. *Caderno Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FONSECA, M. A. da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003. 153 p.

FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 382 p.

_____. *Os anormais: curso Collège de France (1974 – 1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 479 p.

_____. *O Nascimento da clínica*. 6. ed. Rio Janeiro: Forense Universitária, 2006. 231 p.

_____. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2006a. 79 p.

_____. *O poder psiquiátrico: curso no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo, Martins Fontes, 2006b. 511 p.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 295 p.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a. 176 p.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 291 p.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a. 236 p.

_____. Resposta a uma questão. In: _____. *Ditos e Escritos VI: Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 01-24.

_____. Sexo, poder e a política da identidade. Disponível em: www.filoesco.unb.br/foucault. Acesso em: 31 jan. 2011.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes. p. 28-40.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 541 p.

GRIMBOS, Teresa et al. Sexual Orientation and the Second to Fourth Finger Length Ratio: A Meta-Analysis in Men and Women. *Behavioral Neuroscience*, v. 124, p. 278-287, abr. 2010. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_hubEid=1-s2.0-S0735704410X60025&_cid=272764&_pubType=JL&view=c&_auth=y&_acct=C000036998&_version=1&_urlVersion=0&_userid=685743&md5=cf50ea1ef0420db583c4c24d33c7145f. Acesso em: 21 dez. 2010.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. The Work of Representation. In: _____. (Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997a.

HARA, Tony. Sociedade da Comunicação: controle e captura da singularidade. *Revista Aulas – Dossiê Foucault*, n. 3, dez. 2006/mar. 2007. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/29.pdf>>. Acesso em: 02 de out. 2012.

HENNING, Paula Corrêa. Profanando a ciência: relativizando seus saberes, questionando suas verdades. *Currículo sem Fronteiras*, v.7, p.158-184, jul./dez. 2007. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/henning.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2011.

HENNING, Clarissa Corrêa; GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Discursos da educação ambiental na mídia: uma estratégia de controle social em operação. *Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 25, p. 243-252, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol25/art18v25.pdf>>. Acesso em: 22 de set. 2012.

HERCULANO-HOUZEL, S. Entre iguais. *Viver Mente & Cérebro Scientific American*, São Paulo, n. 10, p. 36-41, 2007.

HERSHBERGER, Scott L.; BOGAERT, Anthony F. Male and female sexual orientation differences in gambling. *Personality and Individual Differences*, v. 38, p. 1401-1411, abr. 2005. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIImg&_cid=271782&_user=10&_pii=S0191886904002806&_origin=search&_coverDate=04%2F01%2F2005&view=c&wchp=dGLzVlk-zSkzk&md5=011f8d0f2eec596538bef6a075895c21/1-s2.0-S0191886904002806-main.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

JUSTE, Marília. Por que existem homossexuais? Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/existem-homossexuais-447572.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2011.

LAQUEUR, Tomas. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313 p.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005. 152 p.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade e gênero na escola. In: VEIGA-NETO, Alfredo. *et al.* (Org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 69-73.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes, *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 07-34.

_____. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério. D. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília:

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-93.

KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 272 p.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001. 454 p.

_____. A cultura da mídia e o TRIUNFO DO ESPETÁCULO. *Líbero*, v. VI, n. 11, p. 04-15. Disponível em:

<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/3901/3660>>.

Acesso em: 07 de julho de 2012.

MAS, Manuel; FUMERO, Blas; GONZÁLEZ-MORA, José Luis. Voltammetric and microdialysis monitoring of brain monoamine neurotransmitter release during sociosexual interactions. *Behavioural Brain Research*, v. 71, p. 69-79, 1995. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271031&_user=10&_pii=0166432895000437&_origin=search&_coverDate=11%2F30%2F1995&view=c&wchp=dGLzVBA-zSkzS&_valck=1&md5=8323b7a16dcfcfb30881d85894a5d22b&ie=/sdarticle.pdf>.

Acesso em: 21 dez. 2010.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. *Mídia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 111 p.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23-44.

MÓDOLO, Cristiane Machado. *Infográficos: características, conceitos e princípios básicos*. Disponível em:

<<http://www.aligattor.com.br/cdromparacongresso/resumos/R0586-1.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

MORAES, Suellen et al. Jornalismo em revista: o caso da Super Interessante.

Disponível em: <www.fag.edu.br/adverbio/artigos/artigo02%20-%20adv06.pdf>.

Acesso em: 20 out. 2011.

NEAVE, Nick; MENAGED, Meyrav; WEIGHTMAN, David R. Sex Differences in Cognition: The Role of Testosterone and Sexual Orientation. *Brain and Cognition*, v. 41, p. 245-262, dez. 1999. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=271782&_user=685743&_pii=S0191886909004620&_check=y&_origin=&_coverDate=31-Mar-2010&view=c&wchp=dGLzVlt-

zSkWb&md5=70844bb9b8f01ded31a01edeeb95cd8a/1-s2.0-S0191886909004620-main.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2010.

NOGUEIRA, Pablo. Qual será o seu limite? Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT352968-1708,00.html>>. Acesso em: 27 set. 2011.

_____. *O polêmico gene gay: a relação entre genética e homossexualidade vive sendo provada e contestada. Agora, o maior estudo sobre o assunto quer responder: é possível nascer homossexual?* Disponível em:

<<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG80153-7943-197,00-O+POLEMICO+GENE+GAY.html>>. Acesso em: 27 set. 2011a.

NOVAES, Adauto. A ciência no corpo. In: _____. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 07-14.

NUCCI, Marina Fisher; RUSSO, Jane Araújo. O terceiro sexo revisitado: a homossexualidade no Archives of Sexual Behavior. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 127-147, 2009.

NUNES, Eliana; RAMOS, Kátia Perez. Homossexualidade humana: estudos na área da biologia e da psicologia. *INTELLECTUS – Revista Acadêmica Digital do Grupo POLIS Educacional*, n. 05, jul./dez. 2008. Disponível em:

<<http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

ORTEGA, Francisco. O corpo transparente: visualização médica e cultura popular no século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 13, p. 89-107, out. 2006.

_____. *O corpo incerto: corporiedade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 256 p.

POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006. 107 p.

RAHMAN, Qazi. The neurodevelopment of human sexual orientation. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v. 29, p. 1057-1066, 2005. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIImg&_cid=271127&_user=10&_pii=S0149763405000321&_origin=search&_coverDate=12%2F31%2F2005&view=c&wchp=dGLzVlk-zSkzk&md5=93348aed63722217ebb65a8bdf94e94c/1-s2.0-S0149763405000321-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

_____. Fluctuating asymmetry, second to fourth finger length ratios and human sexual orientation. *Psychoneuroendocrinology*, v. 30, p. 382-391, maio, 2005. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIImg&_cid=271135&_user=10&_pii=S0306453004001763&_origin=search&_coverDate=05%2F01%2F2005&view=c&wchp=dGLzVBA-zSkWb&md5=7cca08b859c4eb11189f5acdae705777/1-s2.0-S0306453004001763-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010a.

RAHMAN, Qazi; WILSON, Glenn D. Born gay? The psychobiology of human sexual orientation. *Personality and Individual Differences*, v. 34, p. 1337-1382, jun. 2003.

Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271782&_user=10&_pii=S019188690200140X&_origin=search&_coverDate=06%2F30%2F2003&view=c&wchp=dGLzVlt-zSkWA&md5=f0dfc222ace546551c1454761e07e19e/1-s2.0-S019188690200140X-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

_____. Sexual orientation and the 2nd to 4th finger length ratio: evidence for organising effects of sex hormones or developmental instability?

Psychoneuroendocrinology, v. 28, p. 288-303, abr. 2003. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271135&_user=10&_pii=S0306453002000227&_origin=search&_coverDate=04%2F30%2F2003&view=c&wchp=dGLzVlk-zSkzk&md5=62fef29296caa373844168b92a70a848/1-s2.0-S0306453002000227-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010a.

RAHMAN, Qazi; WILSON, Glenn D.; ABRAHAMS, Sharon. Biosocial factors, sexual orientation and neurocognitive functioning. *Psychoneuroendocrinology*, v. 29, p. 867-881, ago. 2004. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271135&_user=10&_pii=S0306453003001549&_origin=search&_coverDate=08%2F31%2F2004&view=c&wchp=dGLbVlt-zSkzS&md5=933c0a1f4aa7d2529a5dfa500b8f3e78/1-s2.0-S0306453003001549-main.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

RIGO, Larissa Bortoluzzi; LOPEZ, Débora Cristina Lopez. Análise da Revista Super Interessante de acordo com a teoria do enquadramento. Disponível em:

<www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/.../R20-0991-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

RIPOLL, Daniela. Corpo, genética e poder: notas sobre o filme *Gattaca*. In.:

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et. al. (Org.). *Ensaio em Estudos Culturais, Educação em Ciências*. A produção do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 115-130

RIPOLL, Daniela; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Discutindo aprendizagens midiáticas a partir dos estudos culturais. In: *Cultura, ambiente e sociedade*.

HENNING, Paula Corrêa (Org.). Rio Grande: Ed. Universidade Federal do Rio Grande, 2012. p. 45-62

ROBINSON, S. J.; MANNING, John. T. The ratio of 2nd to 4th digit length and male homosexuality. *Evolution and Human Behavior*, v. 21, p. 333-345, set. 2000.

Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_cid=271894&_user=685743&_pii=S1090513800000520&_check=y&_origin=&_coverDate=30-Sep-2000&view=c&wchp=dGLzVIB-zSkzk&md5=5135e89fc0ac651beeb548aa6870e766/1-s2.0-S1090513800000520-main.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2010.

RULE, Nicholas; AMBADY, O. Nalini. Brief exposures: Male sexual orientation is accurately perceived at 50 ms. *Journal of Experimental Social Psychology*, v. 44, p. 1100-1105, jul. 2008. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=272387&_user=685743&_pii=S0022103107001783&_check=y&_origin=&_coverDate=31-Jul-2008&view=c&wchp=dGLzVIB-zSkzk&md5=07e381c8bd04d503637289695b9c7027/1-s2.0-S0022103107001783-main.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2010.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 12-21, jun./dez., 2001.

SANTORO, André; DAUMAS, Natália. Nosso destino pode ser traçado na gravidez. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/nosso-destino-pode-ser-tracado-gravidez-619668.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2011.

SEFFNER, Fernando; FIGLIUZZI, Adriza. Na escola e nas revistas: Reconhecendo pedagogias do gênero, da sexualidade e do corpo. *Revista FACED*, Salvador, n.19, p. 45-59, jan./jun. 2011.

SENA, Tito; LAGO, Mara Coelho de Souza; GROSSI, Miriam Pillar. Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: sexualidades estatísticas e normalidades configurando a Persona Numerabilis. In: Grossi, Miriam Pillar; Lago, Mara Coelho de Souza; Nuernberg, Adriano Henrique. *Estudos In(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 235-256.

SILVA, Tomas Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 117 p.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 156 p.

SOUZA, Nádia Geisa. S. de. “Fases da vida”: discursos biológicos, religiosos, midiáticos. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et al. *Ensaaios em estudos culturais, educação e ciência*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 19-34.

SOUSA FILHO, Alípio de. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, Rogério. D. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 95-124.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz H., AZEVEDO, José C. de; SANTOS, Edmilson S. dos. (Org.). *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria de Educação, 1997, p. 98-145.

SZLARZ, Eduardo. Por que os gays são gays?. Disponível em:
<<http://super.abril.com.br/ciencia/gays-sao-gays-446194.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2011.

SWAAB, Dick F. Sexual differentiation of the brain and behavior. *Best Practice & Research Clinical Endocrinology & Metabolism*, v. 21, p. 431–444, set. 2007.

Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=272303&_user=685743&_pii=S1521690X07000334&_check=y&_origin=search&_zone=rslt_list_item&_coverDate=2007-09-30&wchp=dGLzVlt-zSkWA&md5=0355650a9d4b3fa8a6a8bf7039f969ac/1-s2.0-S1521690X07000334-main.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

SWAAB, Dick F. et al. Structural and Functional Sex Differences in the Human Hypothalamus. *Hormones and Behavior*, v. 40, p. 93-98, 2001. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=272297&_user=685743&_pii=S0018506X01916824&_check=y&_origin=&_coverDate=30-Sep-2001&view=c&wchp=dGLzVBA-zSkzS&md5=b2fd235fd305949094137b312f162980/1-s2.0-S0018506X01916824-main.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

SWAAB, Dick F.; HOFMAN, Michel A. Sexual differentiation of the human hypothalamus in relation to gender and sexual orientation. *Trends in Neurosciences*, v. 18, p. 264-270, 1995. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MiamiImageURL&_cid=271059&_user=685743&_pii=0166223695800070&_check=y&_origin=&_coverDate=31-Dec-1995&view=c&wchp=dGLbVIV-zSkzV&md5=19fda10de916862d174dad9fd5162db5/1-s2.0-0166223695800070-main.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2010.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TONON, Rafael. Por que gays são gays? Disponível em:

<<http://super.abril.com.br/cotidiano/gays-sao-gays-447628.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 160 p.

VELHO, Gilberto Velho. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990. 148 p.

VIEIRA, Vanessa. A diferença se vê no cérebro: descoberto que os homossexuais são mais parecidos com pessoas do sexo oposto. Disponível em:

<http://veja.abril.com.br/250608/p_168.shtml>. Acesso em: 29 set. 2011.

ZAKABI, Rosana. A atração está no cheiro. Disponível em:

<http://veja.abril.com.br/180505/p_100.html>. Acesso em: 29 set. 2011.

ZATZ, Mayana. Homossexualidade: genético ou ambiental?. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/genetica/arquivo/homossexualidade-genetico-ou-ambiental/>>. Acesso em: 29 set. 2011.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 35-85.

ANEXOS

ANEXO A
ARTIGOS CIENTÍFICOS ANALISADOS